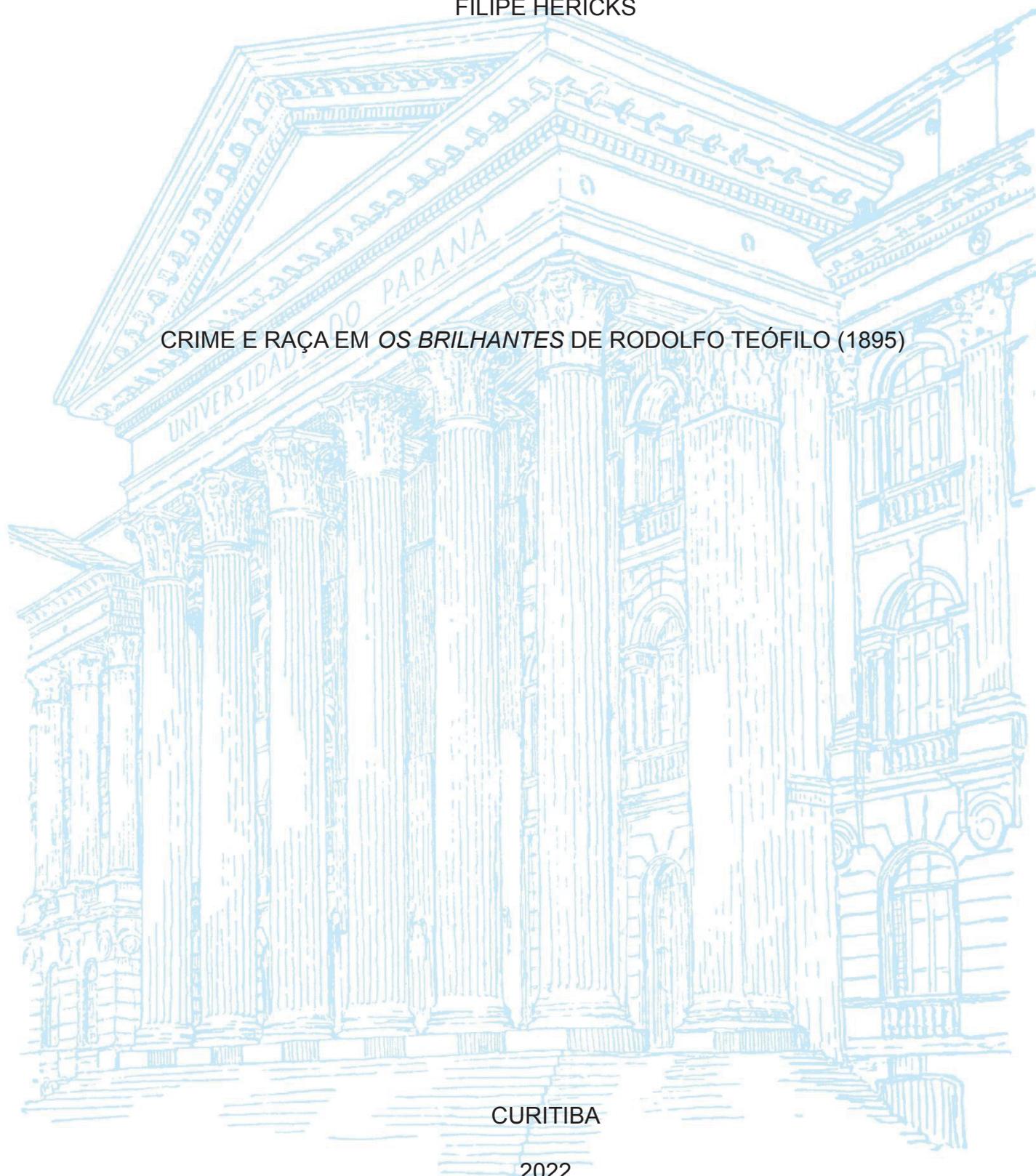


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

FILIFE HERICKS

CRIME E RAÇA EM OS *BRILHANTES* DE RODOLFO TEÓFILO (1895)



CURITIBA

2022

FILIPPE HERICKS

CRIME E RAÇA EM OS *BRILHANTES* DE RODOLFO TEÓFILO (1895)

Dissertação apresentada ao curso de Pós-graduação em História, Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Clóvis Gruner

CURITIBA

2022

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA

Hericks, Filipe

Crime e raça em “*Os Brilhantes*” de Rodolfo Teófilo (1895). / Filipe Hericks. – Curitiba, 2022.

1 recurso on-line : PDF.

Mestrado (Dissertação) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação do Mestrado em História.

Orientador: Prof. Dr. Clóvis Gruner

1. Crime na literatura. 2. Brasil – História – Séc. XIX. 3. Raças. 4. Criminologia. 5. Literatura e história. 6. Naturalismo na literatura. I. Gruner, Clóvis, 1971-. II. Universidade Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação do Mestrado em História. III. Título.

Bibliotecária: Fernanda Emanóela Nogueira Dias CRB-9/1607



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO HISTÓRIA -
40001016009P0

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação HISTÓRIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **FILIPPE HERICKS** intitulada: **Crime e raça em "Os Brilhantes", de Rodolfo Teófilo(1895)**, sob orientação do Prof. Dr. CLÓVIS MENDES GRUNER, que após terem inquirido o aluno e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 26 de Agosto de 2022.

Assinatura Eletrônica

29/08/2022 00:38:18.0

CLÓVIS MENDES GRUNER

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

29/08/2022 13:50:12.0

ERIVAN CASSIANO KARVAT

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA)

Assinatura Eletrônica

26/08/2022 19:45:18.0

FRANCISCO LINHARES FONTELES NETO

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE)

Rua General Carneiro, 460, Ed.D.Pedro I, 7º andar, sala 716 - Campus Reitoria - CURITIBA - Paraná - Brasil
CEP 80060-150 - Tel: (41) 3360-5086 - E-mail: cpghis@ufpr.br

Documento assinado eletronicamente de acordo com o disposto na legislação federal Decreto 8539 de 08 de outubro de 2015.

Gerado e autenticado pelo SIGA-UFPR, com a seguinte identificação única: 218119

Para autenticar este documento/assinatura, acesse <https://www.prppg.ufpr.br/siga/visitante/autenticacaoassinaturas.jsp>
e insira o código 218119

*A todos aqueles que, apesar de tudo, acreditam e lutam pela ciência, arte e
autonomia.*

AGRADECIMENTOS

Escrever esta dissertação em um contexto pandêmico não foi fácil, mas o que mais se destacou foi a solidão. Comum aos trabalhos de história, mas intensificada pelo isolamento, sem as conversas e trocas com os colegas, a conclusão deste trabalho se deve muito àqueles que estiveram à minha volta, portanto, não é possível desvincular estes agradecimentos ao apoio recebido no período de isolamento.

Aos membros das bancas examinadoras de qualificação e defesa: Francisco Linhares Fonteles Neto, Manoel Carlos Fonseca de Alencar e Erivan Karvat, pelo valioso debate e preciosas sugestões que ajudaram a construir a dissertação.

Ao professor Clóvis por aceitar e incentivar o desafio que foi este trabalho.

À Cindy pelo apoio incondicional, pois foi ela quem teve que ouvir as aulas junto comigo, as discussões dos seminários, os surtos, as epifanias e os delírios. É graças a ela que o isolamento intensificado por um mestrado não me quebrou. Pelo seu amor, que foi e é a sustentação da minha vida.

À minha mãe, que mesmo sem entender do que estava falando, aceitava me ouvir falar sobre história do crime e literatura sem parar e sempre estava de portas abertas e com um bolo pronto para me receber.

Ao Junior e ao Breno, por todas as noites em que passamos conversando, mesmo à distância, por terem dividido esse peso comigo e tornado todo o processo mais leve.

Ao Matheus por todas as conversas que, mesmo quando despreziosas, sempre terminavam inspiradoras. A toda a ajuda com a pesquisa, que com certeza não teria se livrado de diversos bloqueios sem nossas discussões.

À CAPES pelo incentivo à pesquisa com a bolsa que viabilizou o projeto.

A todos aqueles que, mesmo não nominados aqui, estiveram comigo nestes anos desafiadores, me ajudando a manter a sanidade de uma forma ou de outra.

Como todos os historiadores sabem, o passado é uma enorme escuridão, e repleto de ecos. Vozes podem nos alcançar a partir de lá; mas o que dizem é imbuído da obscuridade da matriz da qual elas vêm; e, por mais que tentemos, nem sempre podemos decifrá-las precisamente à luz mais clara de nosso próprio tempo.

Margaret Atwood – O Conto de Aia

"Life is monstrous, infinite, illogical, abrupt and poignant; a work of art, in comparison, is neat, finite, self-contained, rational..."

Robert Louis Stevenson

RESUMO

Em seu livro *Os Brilhantes*, publicado em 1895 em Fortaleza/CE, Rodolfo Teófilo traz em suas representações de criminosos, traços das teorias raciais criminológicas ao criar personagens mestiças cruéis que contrastam com seu protagonista branco e heroico. Este trabalho busca analisar como as teorias raciais dos oitocentos repercutem em diversas áreas da sociedade, mas em especial na literatura. Para isso analisamos o contexto histórico, as produções intelectuais médico-criminológicas e o romance de Teófilo para discutirmos a presença de tais teorias no imaginário do período, para além dos muros das faculdades, perpetuando pela produção literária e ações institucionais. A raça é elemento central nas discussões da segunda metade do século XIX, influenciando discussões sobre a modernidade, urbanização, sanitarismo, higienismo e criminologia. Para os intelectuais do período, pensar o Brasil era fazê-lo a partir do filtro da raça. Entendendo que por possuir uma maioria populacional mestiça estavam fadados ao atraso, buscam nas mais diversas áreas soluções que sejam capazes de contornar aquilo que viam como um problema e colocar a jovem nação em direção à “civilização”. Desta forma, reformas urbanas, ações de combate a epidemias, debates médicos e jurídicos pela reforma penal e constitucional ou mesmo os jornais e a literatura terão influência destas teorias que colocavam a raça branca em um patamar de superioridade e tentava explicar a “natural inferioridade” das outras raças e sua relação com a criminalidade e a degeneração do criminoso. Os *Brilhantes* apresenta estes debates ao construir personagens criminosas que se diferenciam por suas atitudes e também pela raça, pois enquanto os mestiços são cruéis e entregues a seus instintos, o protagonista apenas é violento contra aqueles que o ofendem, como uma forma de reparação, além de proteger inocentes e necessitados.

Palavras-chave: história do Brasil; história do crime; história e literatura; criminologia; naturalismo.

ABSTRACT

In his book *Os Brilhantes*, published in 1895 in Fortaleza/CE, Rodolfo Teófilo brings in his representations of criminals, traces of criminological racial theories by creating cruel mestizo characters that contrast with his white and heroic protagonist. This work seeks to analyze how the racial theories of the 1800s had repercussions in different areas of society, but especially in literature. Therefore, we analyze the historical context, the medical-criminological intellectual productions and Teófilo's novel to discuss the presence of such theories in the imaginary of the period, beyond the walls of the academy, perpetuating through literary production and institutional actions. Race is a central element in the discussions of the second half of the 19th century, influencing discussions about modernity, urbanization, sanitation, hygienism and criminology. For the intellectuals of the period, to think Brazil was to do it through the filter of race. Understanding that because they have a mixed population majority they were doomed to backwardness, they seek solutions in the most diverse areas that are capable of circumventing what they saw as a problem and putting the young nation in the direction of "civilization". Hence, urban reforms, actions to combat epidemics, medical and legal debates for penal and constitutional reform or even newspapers and literature will be influenced by these theories that placed the white race on a level of superiority and tried to explain the "natural inferiority" of the other races and their relation to criminality and the degeneration of the criminal. *Os Brilhantes* presents these debates by building criminal characters that are distinguished by their attitudes and also by race, because while mestizos are cruel and surrender to their instincts, the protagonist is only violent against those who offend him, as a form of reparation, as well as protecting the innocent and those in need.

Key words: Brazil history; crime history; history and literature; criminology; naturalism.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1.1 O FARMACÊUTICO LITERATO DE FORTALEZA	20
1.2 FORTALEZA: CIDADE EM TRANSFORMAÇÃO	26
1.3 O MARASMO DO SERTÃO E A VERTIGEM DA CAPITAL	35
1.4 OS BRILHANTES	46
2 NOVOS TEMPOS, NOVAS IDEIAS	60
2.1 HOMENS DE CIENCIA E JURISTAS LITERATOS	60
2.2 PÃO PARA O ESPÍRITO: O AMBIENTE LITERÁRIO DE FORTALEZA	72
2.3 EM BUSCA POR UMA REALIDADE POÉTICA: A CRÍTICA LITERÁRIA DETERMINISTA	84
2.4 O DIÁLOGO ENTRE HISTÓRIA E LITERATURA	92
3 CRIMINOSOS MESTIÇOS: AS TEORIAS RACIAIS NA REPRESENTAÇÃO DOS CRIMINOSOS	95
3.1 NEM DOCE RUIM, NEM CABRA BOM	101
3.2 JESUÍNO ERA BOM E OS HOMENS O FIZERAM MAU	111
3.3 BOM E MAU BANDIDO	122
CONSIDERAÇÕES FINAIS	129
REFERÊNCIAS	133

INTRODUÇÃO

Esta dissertação surgiu de uma necessidade pessoal em investigar e conhecer melhor a literatura brasileira. Após ter estudado, durante a graduação, a monstrosidade na literatura britânica do fim do século XIX, fiquei me questionando como seria essa representação no Brasil. Teria a literatura daqui sido influenciada pelas ideias de degeneração e decadência que aparecem nos romances britânicos como *O médico e o monstro* ou *Drácula*? A partir disso a questão se aprofundou, pois eu não conseguia localizar na minha memória ou qualificar a literatura brasileira do período. Procurei então suprir esse problema e busquei conhecer mais sobre os livros do período, seus autores e tratei de lê-los. No entanto, minha busca estava se baseando ainda na ideia de monstrosidade que havia trabalhado anteriormente e não encontrava aqui nada parecido, exceto alguns contos e livros menos conceituados de autores como Aluísio Azevedo, Álvarez de Azevedo ou mesmo Machado de Assis.

Foi nessa chave de pensamento que me deparei com um artigo¹ que citava *Os Brilhantes*, de Rodolfo Teófilo, nele os autores buscavam demonstrar a presença de características góticas no naturalismo do autor. A cena descrevia uma multidão de famintos que pela fome perderam qualquer consciência além do instinto por buscar comida. Representados como verdadeiras múmias ou zumbis, eles atropelam uns aos outros, matam as crianças que fiquem no caminho e ignoram a presença de qualquer um, focando somente na comida que tanto desejam. Eram descritos como animais, seres inumanos e criaturas monstruosas, exatamente o que buscava. Contudo, ao contrário do que pensava, essa cena estava não em um romance de terror, horror ou algo do gênero, mas em um romance naturalista, preocupado em descrever a realidade, o que me intrigou ainda mais em conhecer melhor o período e o autor.

Foi por este trajeto que entrei em contato com a obra de Teófilo, autor até então desconhecido por mim. Tendo como protagonista um fazendeiro em processo de se tornar um criminoso, em *Os Brilhantes*, vemos a criação de seu grupo, suas motivações, a reação da vila em que vivia; seus inimigos são bandidos cruéis que

¹ FRANÇA, J.; SENA, M. O Gótico-Naturalismo em Rodolfo Teófilo. *Soletras*, Rio de Janeiro, n. 30, p.23-38, dez. 2015.

aterrorizam a vizinhança e assassinam um membro de sua família. Com o desejo por vingança, o protagonista é consumido por uma “nevrose” que o torna obcecado por isso e só piora conforme a guerra entre as duas famílias se intensifica. O romance é denso e ao longo dessa trama, vemos a seca de 1877-1879 desolar o ambiente anteriormente descrito como verde e cheio de vida, transformando seus habitantes nas múmias já mencionadas. Já durante a leitura percebi que a monstrosidade não era o foco do livro, mas as personagens criminosas me chamaram mais a atenção, queria entender por quê o protagonista, mesmo sendo um assassino como seus inimigos, era representado como uma espécie de anti-herói, enquanto seus inimigos eram tão vis e cruéis.

É a partir da análise literária, pensando na obra como produto de seu tempo, das subjetividades de seu autor e de suas relações com o ambiente literário e intelectual no qual está inserido, que busco fazer o trabalho de pensar a presença das teorias raciais em *Os Brilhantes*. Visando contribuir para o debate sobre raça no Brasil do fim do século XIX, ao demonstrar que as teorias raciais não estavam restritas a um pequeno grupo de intelectuais - em seus círculos acadêmicos que interpretavam erroneamente as teorias importadas da Europa -, mas essas concepções raciais que colocavam o mestiço, negro, índio ou asiáticos em um patamar de inferioridade determinada pela natureza, faziam parte do imaginário do período e estava influenciando a criação de instituições, decisões sobre o futuro e a identidade do Brasil, assim como a produção literária.

O imaginário trata-se de um aspecto da vida social que carrega em si as referências simbólicas de uma sociedade. Como define Dominique Kalifa, é “um sistema coerente, dinâmico, de representações do mundo social, uma espécie de repertório das figuras e das identidades coletivas de que cada sociedade se dota em certos momentos de sua história”². Os imaginários carregam os referenciais das sociedades, suas definições de classe, raça, hierarquias, do que é humano, do que é o outro e do seu futuro, ou seja, constitui sua identidade social. Esses imaginários se modificam conforme o tempo e a coletividade, uma vez que os referenciais mudam, pois, as tecnologias, filosofias, formas de ver o mundo se transformam e com elas as representações dele.

² KALIFA, D. *Os Bas-Fonds*: história de um imaginário. São Paulo: Edusp, 2013, p. 21

Por definir identidades coletivas, hierarquias e outras categorias sociais, o imaginário se mostra uma força reguladora do social, pois define também as relações coletivas. Por exemplo, uma sociedade de castas possui um sistema simbólico que a justifica separar e “predestinar” pessoas de acordo com sua ascendência, assim como a sociedade machista constrói um imaginário que coloca papéis de gênero que beneficiem o homem e mantenham a mulher em condição de submissão. Neste sentido, quando ligado ao poder, o imaginário pode ser também um dispositivo de controle da vida coletiva, instrumento de exercício da autoridade, lugar e objeto de conflitos sociais³, uma vez que aquele que controla os símbolos de uma sociedade, consegue legitimar sua dominação.

Da mesma forma, quando ocorrem insurgências e questiona-se a autoridade vigente, contesta-se também no âmbito do imaginário, é preciso imaginar novos símbolos que justifiquem sua insurreição, legitimando a nova posição e desconstruindo os símbolos atuais e substituindo-os. Quando a República é estabelecida no Brasil, é preciso criar um novo sistema simbólico de representações, buscar uma nova legitimidade que se distancie do passado que desejam sobrepor, por isso muitos intelectuais irão buscar nas novas ideias, nos debates em voga, formas de estabelecer uma identidade nacional que surja como nova e dissociada do império. Em meio a essa busca, a raça se mostrará uma questão importante a se definir e tomará lugar central em muitas teorias, uma vez que, como um país de grande parte da população mestiça, seria necessário contornar esse “problema”.

O período, portanto, construirá uma imagem do mestiço, do negro e do índio que pode ser vista através dos discursos das ciências, das novas disciplinas que surgem no período, como a criminologia, o higienismo, evolucionismo, entre diversas outras, assim como da literatura, do jornalismo e mesmo na política. É o imaginário do período, seus referenciais simbólicos que colocam a figura das raças não-brancas como inferiores, à mercê dos instintos animais e muitas vezes criminosas, uma vez que não se trata apenas de algumas ideias de intelectuais isolados, mas está presente na imaginação, no referencial desta sociedade brasileira do fim do século XIX, a imagem de inferioridade racial que influencia as produções científicas e literárias, ao mesmo tempo em que é influenciada por elas.

³ BACZKO, B. A imaginação social In: LEACH, E. et Alii. **Anthropos-Homem**. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985, p. 310

É essencial para nós historiadores a materialidade pela qual o imaginário social se apresenta, pois ele “torna-se inteligível e comunicável através da produção dos ‘discursos’ nos quais e pelos quais se efectua a reunião das representações colectivas numa linguagem”⁴. São esses “discursos”, as narrativas, as ficções, que tornam possível o vislumbre dos imaginários, deste aspecto da vida social que não apenas o representa e “mais que refleti-lo, eles produzem e instituem o social”⁵.

A literatura se mostra uma importante fonte de vestígios do passado, uma vez que parte do real para construir seu mundo fictício, tornando possível representar angústias, temores, convicções, preconceitos e outros sentimentos de seu tempo. Na obra literária podemos encontrar fragmentos da realidade concreta, mas também daquilo que é abstrato, os ideais, o não-visto, não-experimentado, as possibilidades imaginadas por autores a partir de motivações reais. Assim como a história, a literatura busca explicar e entender o real, apresentar a realidade a partir de uma perspectiva própria à linguagem, podendo o romancista fazê-lo a partir de figurações que não necessariamente se preocupem com elementos extratextuais, extrapolando a realidade para *imaginar* presentes, passados ou futuros possíveis. Como diz Hayden White, “a imagem da realidade assim construída pelo romancista pretende corresponder, em seu esquema geral, a algum domínio da experiência humana que não é menos ‘real’ do que o referido pelo historiador”⁶.

Neste sentido, é importante pensarmos nas proximidades entre história e literatura, assim como explicitar o entendimento sobre ficção no qual se baseia este estudo. Ficção não é entendida aqui como falsidade, mas como uma forma narrativa capaz de representar visões de mundo construídas a partir da realidade. Ao mesmo tempo, não se trata de considerá-la como um espelho que reflete o real, uma vez que é carregada de subjetividades e representa uma visão dentre muitas outras. A ficção é uma forma narrativa que apresenta seus mundos imaginados a partir da mesma realidade da qual parte e procura o historiador.

No século XIX há, não só na história, mas em diversos ramos da sociedade, um apelo muito grande ao real, entre os próprios literatos buscava-se a isenção do

⁴ Ibidem, p. 311

⁵ KALIFA, D. op cit, p.21

⁶ WHITE, H. As Ficções da Representação Factual. In: WHITE, H. **Trópicos do discurso**: ensaios sobre a crítica da cultura. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 1994. p. 138

autor e o retrato da realidade, como demonstrado pela literatura naturalista. Neste período, há um movimento de refutação do místico e do fantasioso em prol da retratação do real. No âmbito político, responsabilizava-se esta leitura da sociedade como o motivo do fracasso da revolução francesa, por exemplo. Na literatura, os realistas-naturalistas criticam os românticos por sua visão demasiadamente idealizada do mundo, o que estaria atrapalhando na evolução correta da civilização. No Brasil, mais especificamente, os naturalistas atribuem aos românticos a permanência da monarquia no país e da ignorância no seu povo, pois ao invés de contar suas histórias de forma realista, enchiam as mentes dos leitores com delírios fantasiosos.

Em contraponto a esse apelo à realidade e à neutralidade que o século XIX traz à história, Hayden White vê tantos “estilos” historiográficos quanto literários, sendo que a cada tipo de romance surgia um mesmo tipo de discurso histórico. “A historiografia romântica teve seu gênio em Michelet, a historiografia realista encontrou seu paradigma no próprio Ranke, a historiografia simbolista produziu Burckhardt [...] e a historiografia modernista teve seu protótipo em Spengler”⁷. De acordo com o autor, os historiadores do século XIX falhavam em ver a relação por acreditarem que poderiam escrever história sem nenhuma técnica ficcional.

Hayden White discute a presença da ficção na história e a presença do real na ficção, à fim de demonstrar como um não exclui o outro, não são opostos e, mais do que isso, como negar a presença da ficção ou o caráter narrativo da história pode ser mais problemático do que benéfico, uma vez que se torna uma tentativa de isentar a obra e apagar o autor dela, quando uma produção historiográfica é tão subjetiva quanto uma obra literária, pois ambas tratam-se de narrativas que representam a realidade. Contudo, é importante frisar que não se trata de negar o real ou transformar a história em fantasia ou mentira, mas admitir que a história é permeada por escolhas e recortes que são tomados pelo autor que decide como vai orientar o leitor em sua *narrativa*, com o intuito de demonstrar, a partir de análise de fontes, estudo bibliográfico e diversos outros elementos extratextuais que são indispensáveis ao nosso trabalho, mas que mesmo assim não deixa de ser a representação desse passado que foi construído a partir de uma leitura de

⁷ Ibidem, p. 140

determinados fragmentos e organizados de forma a criar uma *narrativa* sobre esse tempo.

A defesa de White que permeia este trabalho é a de que não é possível acessar o passado em si, mas podemos encontrar vestígios, fragmentos do passado nas fontes, mas o trabalho do historiador consiste, justamente, em costurar e remontar esses fragmentos, preenchendo lacunas e dando-lhes ordem em uma narrativa histórica que busca explicar a realidade. Temos acesso, portanto, sempre à representação do passado, pois esse tempo já passou, não podemos acessá-lo e o que nos sobra são pedaços de interpretações, recortes que foram construídos a partir do real, mas que não o refletem. Cabe ao historiador criar novamente esse passado, a partir de uma nova interpretação, ressignificá-lo a partir presente e rerepresentá-lo.

Neste sentido, o autor afirma que negar o caráter narrativo da história e acreditar que é possível acessar o passado diretamente pelo fato resulta

na repressão ao *aparato conceitual* (sem o qual os fatos diminutos não podem ser agregados em macroestruturas complexas nem constituídos como objetos de representação discursiva numa narrativa histórica) e na remissão do *momento poético* da escrita histórica ao interior do discurso (onde ele funciona como um *conteúdo* não-reconhecido – e, portanto, não criticável - da narrativa histórica)⁸

Portanto, ao ignorar a presença do autor, suas escolhas e a forma narrativa da história, se abre espaço para que discursos também sejam construídos a partir de interpretações preconceituosas, segregacionistas, imperialistas, supremacistas, de extermínio, entre tantas outras que buscam se mascarar como científicas, neutras e inquestionáveis. É preciso lembrar que o passado se constrói, seja nas fontes ou na historiografia, é sempre uma visão, uma interpretação e por isso pode ser questionada e comparada. O que não significa dizer que é preciso ignorar o método, pelo contrário, é reforçá-lo com sua dimensão narrativa, pois o historiador ainda precisa construir o passado a partir de fontes e está limitado a elas quanto à sua imaginação.

Da mesma forma, a literatura deve ser entendida como um discurso, uma vez que o escritor não está alheio à realidade, mas escreve a partir dela, trazendo com sua obra paixões, medos, preconceitos, traumas, entre outras características

⁸ Ibidem, p.142-143

que moldam sua visão de mundo, constrói um discurso do real, em suma, imagina um mundo acessando o imaginário de seu tempo.

Wolfgang Iser⁹, assim como Hayden White, questiona a oposição criada entre ficção e realidade. Em sua obra, parte do questionamento acerca do senso comum que coloca textos ficcionais distantes da realidade, enquanto textos não ficcionais estariam relacionados com o real, pois para o autor, há realidade na ficção e, do mesmo modo, há ficção nas obras não-fictícias. Para entender tal relação, ele propõe no lugar dessa dualidade de oposição, uma tríade composta pela realidade, o imaginário e a ficção. O imaginário é essencial aqui, pois funciona como uma ponte entre a realidade e a expressão fictícia de suas leituras, uma vez que mesmo em textos não-fictícios, não se acessa a realidade diretamente e sim, se ordena e direciona o imaginário para dar forma a uma narrativa explicativa que reapresenta o real. É neste sentido que Iser defende haver ficção mesmo em textos que não são evidentemente fictícios, pois tratam-se de reordenações do real a partir de ações psíquicas que acessam o imaginário e não a realidade em si.

Da mesma forma, o autor defende a presença da realidade em ficções, uma vez que sua própria existência supõe a presença da realidade, pois não seria possível existir algo que não se relaciona de nenhuma maneira com o real. A ficção parte da realidade, contudo, não a repete ou reflete, por isso a *finje*. O ato de *fingir* para Iser, toma como referência o mundo “real”, mas o distorce, amplia, expande, criando situações novas, possibilidades de mundos que não se prendem às limitações físicas, biológicas ou sociais, cria um mundo que não é real, mas deve ser lido, através de um acordo entre escritor e leitor, *como se fosse*. É o imaginário sendo acessado, tomando forma e ganhando um atributo de realidade. Ou seja, ao criar o mundo fictício, o autor parte de seu repertório, acessando um imaginário difuso e desorganizado que funcionará como a realidade para sua ficção, na medida em que ganha forma e intenção, é organizado para que possa reapresentar o real de outra maneira, imaginando situações e possibilidades. Neste sentido, não se trata de ver a realidade na obra, mas sim a concretização do imaginário desta realidade, pois o real em si não é acessado aqui, assim como não é acessado em textos não-fictícios.

⁹ ISER, W. **O Fictício e o Imaginário**: perspectivas de uma antropologia literária. Rio de Janeiro: Eduerj, 1996

A criação ou representação de possibilidades, neste sentido, parte da própria capacidade humana de se transformar, mudar conforme as circunstâncias e se adaptar constantemente, como ocorre com as diversas culturas espalhadas pelo mundo. A literatura e outras ficções se aproveitam disso para imaginar e ir além, pois não está presa a obstáculos físicos, sociais ou biológicos, supondo sociedades humanas colonizadoras de planetas universo à fora, mundos habitados por seres fantásticos, ou onde existe magia convivendo secretamente com uma sociedade contemporânea. A ficção incorpora, através do imaginário, o não-visto, não-experimentado, o abstrato, além daquilo que é concreto no mundo referencial, para pensá-lo de outra forma, propor interpretações a partir de situações hipotéticas.

Esta relação, no entanto, não é de via única, pois ao mesmo tempo em que parte da realidade, a ficção faz parte dela e atua nela. Há, portanto, um poder de ação que pode ser visto em seus mundos possíveis, pois modifica leitores ao mesmo tempo em que é modificada pelas leituras que são feitas. Uma obra é interpretada de diversas maneiras e estas interpretações geram efeitos em atitudes, personalidades, que alteram a forma como pessoas agem no mundo.

É fundamental na teoria de Iser, tanto a performance quanto a percepção, uma vez que o imaginário é difuso e só pode ser representado a partir de uma ação performática, somente ganha forma quando lhe é dado uma intenção, uma organização narrativa. Já a percepção é aquilo que media nossa relação com o mundo, é a partir de sua percepção que o autor cria sua obra, a arte não imita a natureza, mas representa a percepção daquele que a criou e a de seu observador, pois a partir do momento em que é lida, já não é mais somente a interpretação que o seu criador pretendeu, mas também daquele que a leu.

Tanto literatura quanto história, portanto, tratam-se de representações da realidade, tentativas de organizar um mundo bagunçado, uma realidade imprecisa, de dar forma, através da narrativa, àquilo que se percebe. Contudo, não retratam o real em si, pois este é inacessível, uma vez que é percebido por cada pessoa, cada tempo, cada sociedade de forma diferente, de acordo com seu repertório e seu imaginário. Compreender a presença da realidade na literatura significa permitir acessar fragmentos do passado que podem nos apresentar novas visões e perspectivas sobre aquele tempo. Do mesmo modo, ao assumir o caráter narrativo

da história, impedimos a criação de verdades absolutas, permitimos o questionamento de dogmas e responsabilizamos sujeitos.

A partir destes debates, precisei então conhecer o período em que o livro fora escrito, para tentar compreender as possíveis motivações e, mais do que isso, precisava conhecer a história de Fortaleza, cidade na qual o autor escreveu e publicou seus romances. Esta parte da pesquisa é apresentada no primeiro capítulo, no qual busco fazer uma contextualização do autor e seu local de produção e a sua relação com as transformações que ocorriam no século XIX, com a particularidade de se tratar de uma cidade brasileira afastada do centro do império ou da república. Essas mudanças, sejam elas físicas ou intelectuais, afetam a produção e a vida de Rodolfo Teófilo, uma vez que o mesmo participava ativamente das questões sociais, como por exemplo, quando a cidade é assolada por uma epidemia de varíola e o autor, que também é farmacêutico, aprende por conta própria a fabricar a vacina e a oferece todos os dias, gratuitamente, à população.

Para isso, busco contextualizar autor e obra, assim como analisar a modernidade que ocorre em Fortaleza, particular em seus aspectos, visto que se trata de uma cidade distante do centro econômico e político brasileiro, mas que nem por isso deixará de mirar nas grandes transformações que ocorriam ao redor do mundo, buscando a reestruturação e sanitização de sua área urbana.

Já o segundo capítulo é levado pela necessidade de compreender como era construído o ambiente literário e intelectual da Fortaleza do século XIX, no qual Teófilo estava inserido. Ao longo deste, busco demonstrar como estava se formando uma rede de contatos e trocas entre esses escritores e intelectuais, sua importância no contexto de transformações do período. Além disso, é notável a presença de ideias influenciadas pelas teorias raciais, que chegam no Brasil na segunda metade do século e são lidas como uma mistura de evolucionismo, darwinismo-social e por vezes mascaradas por um discurso liberal que não deixa de ser racial. Demonstro sua presença nas instituições de conhecimento, em especial as faculdades de direito e medicina, mas também na própria construção da literatura naturalista e na crítica literária.

Ao longo de toda esta dissertação, mas em especial neste segundo capítulo, trabalho com os nomes dados aos movimentos literários do período, como

naturalismo, realismo e romantismo, contudo, não é objetivo deste trabalho discutir suas definições, uma vez que não entendo as obras literárias como presas às amarras de um estilo ou de uma escola, elas não se resumem a essas características, pois trazem influências diversas. No entanto, acredito ser importante manter essas nomeações, pois os autores se definiam dessa forma, assim como os críticos da época e posteriores. Mais do que um movimento literário, vejo nos “naturalistas”, uma união pelos ideais científicos, compromisso com a realidade que vai muito além de seus escritos fictícios, mas influenciam diversos aspectos de suas vidas e sua visão de mundo.

Discuto ainda neste capítulo sobre as teorias de Nina Rodrigues, que apesar de não ser literato, possui grande influência nos debates intelectuais de sua época. Nina Rodrigues é um médico baiano que discutia, em um contexto de crescente importância da medicina nos debates criminais, sobre a responsabilidade penal de raças tidas como “inferiores”, ou seja, raças não-brancas. Suas definições sobre os criminosos nos ajudam a compreender a intersecção entre as narrativas ficcionais e científicas, uma vez que os trabalhos científicos da época conversam com sua literatura e vice-versa, pois ambas as linguagens reestruturam e reapresentam ideias umas das outras. Além de muitos desses autores conviverem em “ambos os mundos”, estes intelectuais liam uns aos outros, seja suas ficções ou seus trabalhos acadêmicos e frequentemente vemos a presença de elementos semelhantes nas duas formas de escrita. Tal dimensão também ajudará a compreender as representações dos criminosos ao longo do capítulo três.

O terceiro capítulo é dedicado a analisar as representações das personagens criminosas do livro. Em especial, a presença dessas teorias raciais na construção do romance de Teófilo que levou à criação de criminosos mestiços que estupram por mero tédio e de um sertanejo branco que mata em defesa de sua honra e família. Os determinismos das teorias raciais são essenciais para entendermos essa construção, uma vez que como mestiços de índios e negros, chamados de *cabras* pelo autor, são considerados incapazes de controlar seus instintos e sua ferocidade, enquanto o protagonista, mesmo sofrendo de sua nevrose pelo desejo de vingança, é capaz de se controlar e direcionar sua violência apenas aos que o feriram.

1 CIÊNCIA, PROGRESSO E CIVILIZAÇÃO

1.1 O FARMACÊUTICO LITERATO DE FORTALEZA

As transformações que marcam o século XIX são usualmente representadas pela modernização de cidades como Londres, Paris, Nova York ou até mesmo, quando se fala da história do Brasil, Rio de Janeiro. Contudo, o anseio por essa modernização e pelo novo não se atém às mudanças urbanas nem às grandes cidades. Neste capítulo a discussão se concentrará em como este momento de efervescência de ideias novas influenciou e construiu a escrita de Rodolfo Teófilo, em especial em seu romance *Os Brilhantes*. Discutiremos principalmente sobre as mudanças ocorridas na cidade de Fortaleza, que apesar de pequena quando comparada às citadas anteriormente, também entrará nesta corrida em busca de se atualizar com o que há de mais novo no referencial europeu.

Rodolfo Marcos Teófilo, apesar de nascido em Salvador, Bahia, em 06 de maio de 1853 sempre se considerou cearense, pois seu pai, José Marcos Teófilo, médico, decidiu que em Salvador haveria melhores condições para o nascimento do filho, uma vez que o Ceará enfrentava uma epidemia de febre amarela, e por este motivo fez a viagem com sua esposa grávida somente no fim da gravidez e com poucos meses de vida, Rodolfo Teófilo já estava de volta ao Ceará, local em que viveu praticamente toda a sua vida em algumas cidades diferentes, até se estabelecer em Fortaleza, onde mantinha uma farmácia. Além de farmacêutico foi romancista, contista, poeta, historiador, sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e membro da Academia Cearense de Letras, da qual é patrono da cadeira número 33.

Desde pequeno Rodolfo Teófilo presenciou, por conta da profissão de seu pai, os efeitos das secas e as doenças que elas traziam, com surtos de tifo, febre amarela, cólera ou varíola¹⁰. Perdeu sua mãe aos quatro anos e com apenas onze anos de idade, em 1864, perdeu seu pai vítima de beribéri¹¹. No entanto, quando

¹⁰ SOAREZ, E. G. de. Rodolpho Teófilo: o polivalente polêmico. **Revista do Instituto do Ceará**, Fortaleza, v. 123, 2009, p. 198

¹¹ Beribéri é uma doença causada pela falta de vitamina B1 no corpo que pode comprometer a função neural e cardiovascular da vítima.

contava com seus nove anos passou por um surto de cólera que afetou todos de sua família, exceto o próprio Rodolfo que ficou responsável por diversas tarefas, visto que era o único com boas condições físicas, incluindo a de sepultar em cova comunitária sua irmã recém-nascida dentro de uma caixa de sapatos. Após a morte de seu pai, Teófilo, sua madrasta e seus irmãos ficaram à mercê da generosidade alheia e um ano depois, sob a tutela de seu padrinho e tio, um próspero comerciante chamado José Antônio da Costa e Silva, inicia nos estudos como aluno interno do Ateneu Cearense, instituição na qual conheceu nomes como Paula Ney, Rocha Lima, Domingos Olímpio e Capistrano de Abreu¹².

Após um ano de estudos o padrinho de Teófilo decidiu dar por concluído seu período escolar e o colocou para trabalhar em seu comércio. No entanto, o diretor do Ateneu, considerando o bom desempenho do aluno, propôs que ele continuasse estudando, gratuitamente, desde que ajudasse o colégio dando algumas aulas de reforço em troca. É importante lembrar que neste período, a educação era artigo exclusivamente de luxo, disponível para poucos, visto que a educação formal se inicia no Ceará somente em 1845, com a instalação do colégio Liceu do Ceará em Fortaleza. Apesar do acordo ter funcionado em um primeiro momento, no ano seguinte, com o aumento da dificuldade das matérias e dos alunos atrasados que necessitavam de reforço, Rodolfo Teófilo não é aprovado, motivo suficiente para seu padrinho tirá-lo dali e colocá-lo para trabalhar como caixeiro aos 14 anos.

Comendo e dormindo no trabalho, passou o primeiro ano sem remuneração, pois era considerado um período de experiência. Decidido, entretanto, que através dos estudos conseguiria sair desta situação, passou a estudar durante as noites, após o expediente, período que descreve em sua obra *O caixeiro*, publicada em 1927, ao que relata:

A vida agora era mais cansada. Passava o dia na praia exposto ao sol, no serviço de algodão. Ao escurecer, sentado à carteira a copiar o borrador! Voltava às 9 horas da noite das aulas e recolhia-me ao quarto, uma espelunca quente e com mais muriçocas do que as florestas do Amazonas. Ia preparar as lições alumiado por uma miserável vela de carnaúba, de vintém, pois não podia comprar estearina. Estudava três horas, o tempo que durava a luz. Extinta, deitava-me e adormecia pesadamente.¹³

¹² SOAREZ, E. G. op. Cit. p.199

¹³ TEÓFILO, R. *O caixeiro: reminiscencias*. Edição fac-similar. Fortaleza, CE: Museu do Ceará; Secretaria da Cultura do Estado do Ceara, 2003, p.26. apud PINHEIRO, C. R. **Rodolfo Teófilo Polemista**: a crítica polêmica como estratégia de glorificação literária. 2019. 333 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2019, p.71

Em seu período vivendo fora do Ceará, foi para Recife para continuar seus estudos, prestar os Exames Preparatórios, exigidos para o ingresso na Faculdade e é aprovado em 1872 para cursar Farmácia na Faculdade de Medicina da Bahia, onde teve contato com as novas ideias que ganhavam popularidade no Brasil, como o darwinismo social, que influenciaram toda sua obra. Para custear a vida em Salvador contou com a ajuda de um prestigioso comerciante e antigo amigo de seu pai, Henrique Justa, que conseguiu através de sua influência um empréstimo junto à Câmara dos Deputados que subsidiou seus estudos¹⁴. É ainda com a ajuda deste amigo de seu pai que consegue instalar sua primeira farmácia, quando volta já formado para Pacatuba, cidade cearense da região metropolitana de Fortaleza, onde viviam seus pais.

O início de sua vida como farmacêutico foi marcado pela seca de 1877-1879, tida como uma das piores na história cearense que marcou Teófilo e toda a sua produção e atuação profissional. Publicou em 1884 *A História da seca no Ceará*, livro que lhe rendeu posteriormente o ingresso no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, como sócio correspondente, assim como chamou sua atenção para as falhas no auxílio à população atingida, causadas pela corrupção do Estado, tema tratado em suas obras literárias, como é o caso de *Os Brilhantes* (1895).

É em 1890 que Rodolfo Teófilo inaugura o chamado naturalismo literário no estado do Ceará, ao publicar *A Fome*, romance em que denuncia diversas situações da seca de 1877-1879, como “a corrupção dos comissários de socorros públicos, o descaso das autoridades com o sofrimento dos retirantes, os trabalhos forçados a que eram submetidos nas frentes de trabalho, a violência das autoridades policiais”¹⁵, além da forma como foram recebidos os retirantes, aglomerados em barracamentos ao redor da cidade, criando um ambiente que ajudava a disseminar doenças, expulsando-os assim que tinham como finalizada a seca.

Além disso, desde as vivências com diversas epidemias, os anos que estudou na Faculdade de Medicina na Bahia e seu estudo sobre as secas, influenciam suas posturas, tornando-se um adepto de teorias evolucionistas, darwinistas sociais, mas também o faz tomar a frente da vacinação contra a

¹⁴ SOAREZ, E. G. op. Cit. p. 201

¹⁵ SOUSA JUNIOR, H. B.; ALENCAR, M. C. F. Trajetórias e formação de Rodolfo Teófilo. In: **II Jornada Interdisciplinar em História e Letras**, 2017, Quixadá, CE. Anais, p.7

epidemia de varíola que assolava o Ceará, devido nova seca, em 1900. Para isso, estudou no Instituto Vacinogênico da Bahia as técnicas para a produção da vacina, o que passou a fazer em sua casa e distribuir gratuitamente para a população, graças às exportações que realizava para os estados do Maranhão, Pará e Amazonas. Apesar de ter conseguido em poucos anos conter a doença, enfrentou resistências da população sertaneja que muitas vezes negavam vacinar-se, mas também de campanha do governo, ao qual era conhecido opositor, que se esforçava em negar a eficácia de sua vacina. Para contornar estas situações, chegava mesmo a oferecer, em suas viagens de burra até a periferia da cidade, vantagens materiais como panelas, janelas, portas ou dinheiro, para que concordassem em tomar a vacina¹⁶. Teófilo chega a descrever a situação da resistência dos retirantes:

Não se importavam que os filhos, expostos o dia inteiro ao sol, adoecessem e morressem. Consideram a morte como supremo bem. Consideram a morte de um filho uma grande felicidade. É um anjo que sobe ao céu e vai rogar pelos pais que ficam degradados na terra das secas. A natureza que lhes coube de sorte é inclemente. Eles aplicam a ela a lenda da cascavel, porém mais cruel ainda. Aquela serpente come os filhos ao nascer e o Ceará os come em todas as idades.¹⁷

A obra de Rodolfo Teófilo conta com algumas publicações científicas como artigos e livros de ciências naturais ou sua história da seca, incluindo ainda livros de contos, poesias, memórias, além de romances, dos quais alguns já foram citados, entre eles *Os Brilhantes*, publicado em 1895 e objeto deste estudo. Lançado em Fortaleza, o romance acompanha a história de Jesuíno Brilhante, um fazendeiro que se transforma em um criminoso temido e respeitado. A obra inicia com o levante da revolta dos Quebra-Quilos, incitado pelas autoridades locais, mas que logo perde o controle e começa a ser controlado por criminosos que formam um bando liderado por Pedro Jurema, apresentado como um sujeito que já havia passado muito tempo preso, cruel e sem chances de mudar. O grupo, com o pretexto de protestar contra a instauração de novos pesos e medidas, saqueava as vilas por onde passam.

Jesuíno, ciente de seu temperamento violento, mantinha-se alheio às brigas políticas de sua família para evitar brigas, contudo, certo dia enquanto caminhava com um primo, autoridade policial de Patu, em meio a uma agitação causada pela nova lei do recrutamento, um membro de uma família rival à sua, Francisco

¹⁶ SOAREZ, E. G. op. Cit, p. 203-204

¹⁷ TEÓFILO, R. A Seca de 1915. Fortaleza: Edições UFC, 1980, p. 81. apud SOAREZ, E. G. op. Cit. p. 204

Calangro, assassina o primo de Jesuíno na sua frente, fazendo com que sangue jorrasse em sua face, alterando sua fisionomia em fúria, marcando o momento de transição do fazendeiro para o criminoso, pois a partir deste momento, uma nevrose tomará conta de sua personalidade, fazendo com que abandone sua antiga vida em prol da vingança, ignorando os apelos de sua família. Ao enfrentá-lo, entretanto, vê-se contra uma aliança formada entre os Calangros e Pedro Jurema.

O enredo poderia ser dividido em duas grandes partes¹⁸, sendo a primeira que ocorre nas vilas e culmina na vingança de Jesuíno, matando Francisco Calangro, mas que acaba gerando ainda mais ódio e violência, forçando o protagonista a se esconder, pelo bem de sua família, tanto dos Calangros quanto da polícia. A segunda parte da narrativa perpassa a seca de 1877-1879, momento em que Jesuíno, adquire grande respeito da população local, agindo como juiz e carrasco de casos diversos que as pessoas levavam até sua atenção, mas o consolida ao prometer a si mesmo que não deixaria que os retirantes do sertão passassem mais fome, saqueando comitivas do Império que deveriam levar mantimentos à população, mas eram desviadas pelos governantes da região em seu benefício próprio.

O tempo todo o Brillhante, como é chamado o protagonista, é perseguido pelas autoridades, em um primeiro momento pela polícia local, que recebe reforço do governo da província na forma de um destacamento de tropa. Mostrando-se insuficiente os esforços, a pedido dos Calangros, rivais da família de Jesuíno que financiavam sua perseguição, o governo local envia uma tropa comandada por um experiente militar, que havia atuado na Guerra do Paraguai. Ao que se mostrava o fim da seca, Jesuíno Brillhante, decidido a ir em auxílio à sua família, que vinha

¹⁸ Apesar de não poder afirmar que a divisão do livro é exatamente esta que proponho, sabe-se que originalmente *Os Brillhantes* foi realmente publicado em dois volumes. No jornal *O Pão*, da agremiação *Padaria Espiritual*, da qual Rodolfo Teófilo fez parte, há um anúncio intitulado *Os Brillhantes* do lançamento da obra, em seu número 28 do ano de 1895, publicado no dia 15 de Novembro em Fortaleza, no qual é afirmado que “Começou a ser distribuído pelos subscritores o primeiro volume deste romance de Rodolpho Theophilo”, acompanhado de elogios sobre sua característica de estudo psicológico e comprometimento com a verdade, pois “a opulenta imaginação do Rodolpho emprestou no quadro tintas de colorido vivíssimo sem por isto descambar no inverossímil” ou que “tudo foi cuidadosamente estudado à luz da psychologia moderna” e por fim há a promessa do segundo volume, “quando aparecer o segundo volume, faremos um estudo d’*Os Brillhantes* dando uma synthese das scenas capitães e apresentando o perfil do protagonista, tal como ele foi estudado na bela obra do Rodolpho”. A ênfase dada em seu caráter de estudo e comprometimento com a verdade é uma característica essencial do naturalismo e exigência na crítica literária do período que será melhor trabalhada no segundo capítulo deste trabalho. *Os Brillhantes* In: *O Pão da padaria espiritual*, anno II, num. 28, Fortaleza, 15 de Novembro de 1895.

sofrendo represálias injustamente, decide-se por um embate com seus perseguidores. Contudo, após uma queda que lhe abre um ferimento na cabeça e altera seu ânimo, removendo de si o ódio e a vingança que o movia, somada à traição de um aliado, seus inimigos conseguem matá-lo.

Os Brilhantes apresenta todo o trabalho de pesquisa de Teófilo sobre a seca cearense reconstituídos em forma literária. Na obra o autor conta com detalhes o sofrimento dos famintos, suas doenças, a transformação dos corpos e mentes das pessoas que passaram por esta situação, transformando-se em seres monstruosos, mas também pode demonstrar algumas opiniões que o autor forma a partir desses conhecimentos, como a culpa do governo, que expõe ao mostrar as atitudes de perseguição, os desvios de alimentos e as consequências que sofriam os famintos por essas atitudes. Além disso, há ainda a tentativa de Teófilo se colocar como uma espécie de analista, característica típica da literatura tida como naturalista, ficando como se de fora da história para apresentar uma psicologia do criminoso, como propõe em sua primeira edição¹⁹, carregada de preceitos deterministas, darwinistas sociais e evolucionistas que colocavam a raça e o meio como determinantes na formação da mente humana.

Ao escolher colocar o subtítulo “psychologia de um criminoso” em sua obra, Teófilo demonstra a tendência ou mesmo necessidade da época de se afirmar, mesmo em uma obra literária, o comprometimento com a realidade e seu caráter de estudo mais do que de ficção. Tal característica é essencial ao naturalismo, tendo Émile Zola como seu grande expoente, autor francês que propunha que literatura e ciência andassem juntas e baseou suas obras a partir de estudos das ciências naturais publicados no século XIX que buscavam entender e explicar o humano e seu comportamento, em especial como elementos como o clima, o solo e a raça influenciam na sua evolução e em suas atitudes. Para Zola, o romance deveria ser um experimento, tal qual o trabalho científico, “ a literatura também deveria fazer parte da pesquisa científica sobre o homem e o mundo e não apenas utilizar o

¹⁹ Durante a pesquisa foi utilizada a terceira edição da obra, mas encontrou-se cópia da contra capa da primeira edição, na qual constava o subtítulo “psychologia de um criminoso”. Não se encontrou a segunda edição, mas na terceira já não há mais este subtítulo, tendo a editora ou o autor decidido removê-lo.

vocabulário científico ou descrever experiências”²⁰. O escritor deveria, munido do conhecimento científico, mas também das especificidades da linguagem literária, explorar e experimentar os sentimentos, as paixões humanas da forma como os fisiologistas não poderiam. Para o autor, os escritores faziam “de alguma forma, a psicologia científica, para completar a fisiologia científica” e, desta forma, “substituem os romances de pura imaginação por romances de observação e experimentação”²¹. Desta forma, Teófilo está mesmo buscando fazer uma análise da psicologia do criminoso em sua obra, procurando na linguagem literária criar possibilidades de análise a partir dos conhecimentos científicos de seu tempo.

Estas discussões que perpassam todo o romance, influenciaram não só a escrita de Rodolfo Teófilo, mas diversos setores da sociedade, baseadas em uma incessante vontade pelo novo, fé na ciência positivista que, através de seu método, traria todas as respostas para a elevação da sociedade. Debates que ocorriam em faculdades, museus, institutos que se constituíam no século XIX, em especial na sua segunda metade, pautavam também decisões sobre a modernização das cidades, sanitarismo e higienização das populações. Assim como grandes cidades europeias, as capitais brasileiras vão buscar essa “evolução” da sociedade, mas dentro de seus termos e com suas particularidades, tentando conciliar ou mesmo forçar um mundo moderno idealizado sobre uma sociedade que era muito rural, gerando conflitos entre inovação e tradição, leis e costumes, mas também resultam em arranjos próprios com mudanças e permanências.

1.2 FORTALEZA: CIDADE EM TRANSFORMAÇÃO

Rodolfo Teófilo escreve a partir da cidade de Fortaleza e participa do processo de modernização da cidade, com todas as dificuldades enfrentadas por tantas outras, como a pobreza, a miséria, o crime, o enfrentamento entre o moderno e a

²⁰ RODRIGUES, M. M. Sou um historiador e não um fornecedor de imundícies! medicina experimental e hereditariedade no naturalismo de Émile Zola. **Revista de História Regional**, v. 14, n. 2, 21 ago. 2010. Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), p. 46.

²¹ ZOLA, E. Le roman experimental. Oeuvres complètes d'Émile Zola, Tomo X. Lausanne: Imprimeries Réunies, 1968, p. 1183. Apud. RODRIGUES, M. M. Sou um historiador e não um fornecedor de imundícies! medicina experimental e hereditariedade no naturalismo de Émile Zola. **Revista de História Regional**, v. 14, n. 2, p. 29-52, 21 ago. 2010. Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).

tradição, mas vê estas situações serem agravadas pelas ocorrências de grandes secas e com elas a iminência de multidões de retirantes doentes que, aglomerados em volta da cidade, criavam focos de epidemias. Desta forma, a cidade de Fortaleza terá uma particularidade neste processo modernizador, pois ele virá junto e, em certa medida, *por causa* da seca, que acelera o aumento populacional e evidencia diversos problemas da pobreza, uma vez que refugiados dos sertões migraram para a cidade e acabaram se estabelecendo em abarracamentos ao redor dela.

Em um momento de grande otimismo face às mudanças do século, as elites locais, intelectuais e literatos se deparavam com um obstáculo a seus projetos, pois “como pensar uma cidade civilizada e progressista, se a todo momento existia o perigo iminente de se ver tomada por multidões de retirantes maltrapilhos, famintos e doentes?”²². Teófilo ainda acrescentará a esta lista de obstáculos um governo oligárquico que usará do poder para retirar a ajuda aos necessitados em prol de seu bem estar, ao criticar abertamente o governo de Antônio Pinto Nogueira Accioly, governador do Ceará entre os anos de 1896 e 1912²³.

O crescimento de Fortaleza está ligado ao desenvolvimento das cidades litorâneas, que serviam de entreposto comercial que ligava consumidores a um mercado internacional em expansão, acendendo nas elites locais a vontade de uma fortaleza moderna e civilizada, tendo como referência as sociedades urbanas europeias. Nas décadas de 1850 e 1860 o Ceará apresentava grande crescimento econômico, devido ao comércio de algodão e foi favorecido pela queda na produção algodoeira dos Estados Unidos durante a guerra de secessão, que abriu espaço para que outros países entrassem na concorrência internacional.

Contudo, com o fim da guerra e a retomada da produção estadunidense, que utilizava de técnicas de cultivo mais avançadas, somado a fatores como a extinção do tráfico de escravos, que reduziu a oferta de mão-de-obra escrava, e a queda nos preços do mercado internacional de produtos como o açúcar, o algodão e o tabaco,

²² ALENCAR, M. C. F. de, **Adolfo Caminha e Rodolfo Teófilo**: A Cidade e o Campo na Literatura Naturalista Cearense. 2002. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, p. 18

²³ Apesar de o livro *Os Brilhantes* ter sido publicado em 1895, um ano antes da posse de Accioly como governador, até então ele era vice-presidente da província. Além disso, é possível afirmar que a visão negativa de Teófilo para com o governo cearense já vinha até mesmo antes de sua posse, uma vez que, além da convivência diária como morador de Fortaleza, o autor publicou em 1883 o livro *História da Seca do Ceará*, que lhe proporcionou uma pesquisa sobre as atitudes governamentais em momentos de seca e a corrupção que havia nestas situações.

as províncias do Norte foram atingidas por uma crise que afetou também a produção cafeeira do Vale do Paraíba. Como parte deste processo, há o deslocamento do eixo produtivo para o Centro-Sul. Em meio a estas mudanças e crises, as elites locais se mostravam descontentes com o governo imperial, pois o mesmo mantinha a mesma carga de impostos, sem considerar a queda dos preços.

Neste contexto, crescia o descontentamento com o Império e ganhavam espaço as ideias abolicionistas e republicanas entre os intelectuais e as camadas médias. Eram as ideias novas despontando e tomando espaço. A partir da ciência, justificavam seus ideais progressistas, “as palavras ciência, progresso, civilização e cidade apresentavam-se quase como sinônimos, uma levava às outras, e todas representavam uma mesma vontade de mudança”²⁴. Tais ideais eram reforçados e reanimados conforme realizavam suas conquistas, como a proibição do tráfico de escravos, a lei do ventre livre, a proibição da escravatura, realizada de forma pioneira no Ceará, no ano de 1884 e mais tarde, em 1888 de forma nacional, para “culminar” na proclamação da república em 1889.

No ímpeto de levar o progresso país à dentro, principalmente através da ciência, desde o império haviam esforços através de comissões que propunham estudos, projetos, remarcações de fronteiras, ou mesmo soluções de problemas, como a seca no Ceará. A partir de meados do século XIX, com a criação da Comissão Científica, cientistas eram enviados à província para conhecer os sertões, analisar seu solo, vegetação e clima, com o intuito de propor projetos para combater este desastre nacional²⁵, entre eles a construção de estradas de ferro para auxiliar a contornar o problema, a replantação de vegetação nativa para controlar o calor e aumentar a condensação de chuva, a instalação de postos meteorológicos que visariam prever as estiagens e até mesmo a introdução de dromedários na região.

Dentre as propostas, uma delas, vinda do engenheiro André Rebouças, em 1877, almejava a redistribuição das terras litorâneas, para que os homens pobres pudessem ter terras, pois “essas regiões próximas às águas possibilitariam a plantação de inúmeros produtos agrícolas, a criação de animais e incentivaria a construção de açudes, de ferrovias, de poços artesianos, a replantação de

²⁴ ALENCAR, M. C. F. de. op. cit. p. 26

²⁵ MONTEIRO, R. F. A ciência adentrando o sertão do Ceará. **Revista Eletrônica de História**. Teresina, n.1, v.1, jun. 2011, p. 112

árvores”²⁶. Por envolver a diminuição do poderio econômico, político e social das elites locais, no entanto, esta possibilidade não os agradou.

Para combater os efeitos da seca, no entanto, foram aprovadas algumas propostas, a partir de resoluções ainda no império, que determinavam a construção de estradas de ferro, represas e açudes, além da realização de grandes obras para que fosse proporcionado trabalhos à essa população que se aglomerava no entorno da capital, visando tirá-los da ociosidade e inculir nesta população sertaneja os ideais do trabalho e do progresso. Era a partir da modernização através da ciência que seria possível combater a seca, com a construção de açudes e redes de irrigação modernas “mudaria completamente a situação’, pois introduziria ‘os progressos da agricultura moderna; mudaria os costumes e o modo de vida dos povos”²⁷.

Era através da mudança do modo de vida sertanejo e a introdução da ciência moderna que seria possível combater a seca. Essas obras representavam a mudança nos hábitos sertanejos, esses que eram acostumados a viver sob o tempo da natureza, um calendário religioso e marcado por suas plantações e colheitas, eram obrigados a sujeitar-se a um tempo do relógio, de um ritmo de trabalho muito mais intenso, eram seus costumes e modo de vida que eram substituídos por um novo, considerado melhor, mais moderno e representante do progresso.

Diferente das áreas de produção açucareira, o trabalho nos sertões cearenses era composto em sua maior parte por uma população de trabalhadores livres pobres que dependiam de uma relação paternalista com fazendeiros proprietários de terra, prestando diversos serviços, em troca de proteção e, por vezes, um pedaço de terra no qual poderia plantar produtos para a sobrevivência de sua família. Em outros casos, usava-se o sistema da “meia” ou “meação”, no qual o proprietário fornecia as terras e sementes e o agricultor cuidava do roçado até a colheita, quando esta era dividida entre o roceiro e o dono das terras. Portanto, as relações sertanejas eram baseadas em trocas de serviços a partir das estruturas de poder vigentes, sendo que estes trabalhadores pobres viviam da subsistência, seja pelo plantio em terras cedidas, da caça e coleta, ou então da prestação de serviços para proprietários de terras, “muitos deles improvisando a arte da sobrevivência por meios ilegais como o

²⁶ Ibidem, p. 119

²⁷ Ibidem, p. 123

roubo ou o consumo não consentido de animais encontrados nos ermos caminhos”²⁸.

A partir de meados do século XIX o comércio ganha muita força e modifica essas relações sociais, uma vez que, para suprir as “necessidades” dos lucros dos proprietários, os pedaços de terra reservados ao plantio de subsistência do trabalhador, o que lhe garantia uma boa nutrição, eram tomados pelas plantações cada vez maiores de algodão e outros produtos exportáveis, situação denunciada por Rodolfo Teófilo e chamada por ele de “febre da ambição”:

De um ano para outro, a província cobriu-se de algodoais; derribavam-se as matas seculares do litoral às serras, das serras ao sertão; o agricultor com o machado numa das mãos e o facho noutra deixava após si ruínas enegrecidas. Os homens descuidavam-se da mandioca e dos legumes, as próprias mulheres abandonavam os teares pelo plantio do precioso arbusto; era uma febre que a todos alucinava, a febre da ambição.²⁹

Tal mudança na dinâmica sertaneja trouxe consequências para os trabalhadores, uma vez que, com a alta de preços, alguns produtos consumidos pela população passaram a ser enviados para o litoral, deixando o interior sem abastecimento. No entanto, em pouco tempo, já na década de 1870, os efeitos do fim da Guerra de Secessão e a queda do preço do algodão fez com que a província fosse submetida à crise econômica, ou seja, o interior cearense se viu tomado de uma produção que perdia sua capacidade rentável e sem produções suficientes de alimentos básicos. Soma-se a isso a falta de trabalhadores devido ao declínio do sistema servil e a proibição do tráfico de escravos, uma vez que com a intensificação do mercado interno de escravos, estes eram enviados ao sul, onde crescia a economia cafeeira, tirando do Ceará a mão-de-obra de grandes lavouras.

Contudo, esta falta de mão-de-obra não se deu pelo despovoamento dos sertões, mas devido à cultura sertaneja de relações de trabalho, grande parte dos trabalhadores livres não se sujeitavam às condições de trabalho na grande lavoura como as plantações de algodão ou engenhos de açúcar, preferindo atividades de pequena produção ou as franjas dos latifúndios³⁰. Isso se dá pois, com o declínio do

²⁸ CÂNDIDO, T. A. P. **Proletários das secas**: arranjos e desarranjos nas fronteiras do trabalho (1877-1919). 2014. Tese (Doutorado) - Curso de História Social, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014, p.65

²⁹ TEÓFILO, R. História da secca no Ceará (1877-1880). Rio de Janeiro: Imprensa Inglesa, 1922, p.22, Apud. CÂNDIDO, T. A. P. **Proletários das secas**: arranjos e desarranjos nas fronteiras do trabalho (1877-1919). 2014. Tese (Doutorado) - Curso de História Social, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014, p.72

³⁰ CÂNDIDO, T. A. P. op. cit., p.74

trabalho escravo ocorrendo sem a devida mudança na mentalidade dos proprietários de terra, cria-se um medo na população pobre de acabar por servirem de substitutos aos escravos e serem submetidos a condições de trabalho piores do que aquelas que já vivenciavam, uma vez que a proibição do tráfico de escravos e mais tarde o fim desta condição, ocorreram muito mais por circunstâncias, forças e influências externas do que pela mudança ideológica das elites brasileiras.

Em resposta a estas crises, o Estado, seja na figura do Império ou da República, demonstra voltar-se sempre às atitudes autoritárias, como veremos nos casos das vacinações forçadas ou recrutamentos. Em 1835, em uma tentativa de contornar semelhante problema de falta de mão de obra, tidos como vício de vadiagem, neste caso em relação às obras públicas como estradas de ferro e açudes, criou-se algumas Companhias de Trabalhadores, em uma reforma que previa maneiras incisivas e coercitivas frente àqueles que recusassem as convocações ao trabalho. Como forma de força-los a esta situação, era previsto pelo decreto de 24 de maio de 1835 o disciplinamento militar, obrigação do uso de uniformes, aquartelamento e pena de dois meses de prisão para desertores³¹.

Portanto, em 1877, somou-se a esta conjuntura de incertezas e instabilidade na vida dos sertanejos pobres, o advento da terrível seca que afetou a população que desde 1845 vivia um período de estabilidade climática. O modo de vida dos sertanejos, que já vinha sendo ameaçado pelas transformações econômicas, sofreu ainda os efeitos do processo de modernização e tentativas de reestruturação desta força de trabalho que se retirava dos sertões em direção ao litoral, que serão redirecionadas às grandes obras públicas, onde lhes será imposto uma nova forma de trabalho, um novo ritmo e um novo tempo, condizente à modernidade desejada, mas incompatível com seus modos de vida.

Com a seca, os trabalhadores rurais viam-se impedidos de exercer suas profissões e, retirados ao litoral, dependiam das comissões de socorro para a distribuição de comida e das ações do governo com a criação de grandes obras para o combate à seca para que esta multidão pudesse se ocupar até o retorno das chuvas. Contudo, a partir de 1877, as secas se tonaram recorrentes e regulares, o que para a vida dessa população significaria uma incessante movimentação,

³¹ Ibidem, p. 77

trabalhando muitas vezes em serviços temporários para os proprietários de terras até que eram forçados a deixar o sertão para os trabalhos também temporários das obras públicas.

A população, no entanto, não aceitava as imposições do Estado de maneira submissa e reagem às tentativas de controle social. Normalmente a insatisfação sertaneja frente às leis divulgadas nas missas de domingo era manifesta através de invasões às igrejas, destruição dos editais e papéis oficiais, como ocorre em 1851 em oposição a decretos que obrigavam o registro civil e buscava ampliar a apuração censitária³², mas também os levantes contra os recrutamentos forçados e a revolta dos Quebra-Quilos contra a instituição de novos pesos e medidas nos anos 1870, que foram cenário para o enredo de *Os Brilhantes* e serão abordados mais à frente. Contudo, é importante ressaltar que foram movimentos que tomaram grandes proporções não só no Ceará, mas em outras regiões das chamadas províncias do Norte, conhecidos pelas invasões de igrejas e destruição de documentos oficiais que buscavam frear a ação do Estado em sua tentativa de modernização autoritária e ampliação do controle sobre as vidas desta população.

Em meio a esta instabilidade provocada pelas secas, desde 1877 até 1915, a cidade de Fortaleza passará por um período de reformas urbanas que visavam a modernização e o que chamavam de “aformoseamento”. Com isso, a cidade “entrava no século XX com parques, jardins, bondes, asilos, hospitais, praças e ruas calçamentadas, geometricamente planejadas conforme as mais modernas técnicas e estilos de construção”³³ que se chocavam com a estética do grotesco trazido pela multidão de retirantes famintos.

Durante a segunda metade do século XIX, afetada pela presença dos retirantes e os impactos da seca, Códigos de Postura regulamentavam o modo de vida dos habitantes, proibindo, por exemplo, a criação de galinhas e porcos soltos nas ruas, a construção de palhoças e casas de taipa, assim como obrigando a construção de calçadas em frente às casas dentro do perímetro da cidade, que excluía a população pobre que se assentava nos arredores, deixando a área central com praças, jardins ou teatro, enquanto a região mais afastada, onde residiam

³² Ibidem, p.78

³³ NEVES, F. de C. Curral dos Bárbaros: os Campos de Concentração no Ceará (1915 e 1932). *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 15, n. 29, 1995, p. 104.

aqueles que migraram por conta das secas, era tomada por ruas tortuosas, barracos e sem abastecimento de água.³⁴

Estas medidas que visavam a separação entre as classes médias (em ascensão no período) e as elites locais, podem ser percebidas em outros processos de urbanização, como os bairros operários e cortiços de cidades, como por exemplo Rio de Janeiro, Londres ou Paris, salvo suas diferentes dimensões e processos particulares, mas certamente diversas outras cidades, como Curitiba, São Paulo, Salvador ou outras capitais, passavam por situações semelhantes.

Demonstrando a permanência das práticas coronelísticas e a insatisfação dos intelectuais com a forma com que fora proclamada a República, Fortaleza era comandada por membros do Partido Republicano, da oligarquia do comendador Nogueira Accioly, que indicava parentes e pessoas próximas para cargos do governo, caracterizando o exercício do poder “pela rede de favores políticos sustentada nos potentados rurais, distribuídos pelo sertão cearense, que lhes garantiam votos e a coerção dos adversários que ameaçavam seu comando político”³⁵. Um exemplo destas atitudes que podemos citar é a perseguição às pessoas que vendiam carne verde nas ruas, efetuada pelos guardas à mando do comendador, pois elas competiam com o Sindicato da Carne, monopolizado por sua família. No entanto, estas atitudes não ocorriam sem resistências, inclusive de membros proeminentes da cidade, como é o caso de Rodolfo Teófilo, que denunciava estas atitudes em suas obras, mostrando o descontentamento com o modo que se estabelecia o regime republicano, do qual era entusiasta.

Desde a seca de 1877-1879³⁶ Fortaleza passou a ter um significativo aumento demográfico devido à chegada de retirantes que fugiam da fome no sertão e se alocavam nos arredores da cidade. Para controlar a situação, o governo criou comissões de socorro público que atendiam essa população que se instalava, a princípio temporariamente, mas que mesmo quando curados e findado o período de

³⁴ SAMARA, E. M.; SOUSA, J. W. F. **Morar e viver no nordeste do Brasil**: Fortaleza, séc. XIX. Trajetos Revista de História UFC, Fortaleza, v. 4, n. 7, 2006, p.49-50

³⁵ *Ibidem* p. 56

³⁶ Considerada uma das piores secas que atingiu o sertão nordestino, sendo o Ceará a província mais afetada, deixou cerca de 500 mil mortos entre vítimas de varíola e fome. Além disso, Fortaleza registrou cerca de 114 mil retirantes que chegavam à capital fugindo da seca, quando sua população era de 25 mil habitantes. Para mais ver: SECRETO, M. V. A seca de 1877-1879 no Império do Brasil: dos ensinamentos do senador Pompeu aos de André Rebouças: trabalhadores e mercado. In: **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 1, p.33-51, jan.-mar. 2020.

seca, não retornavam ao sertão e permaneciam nos arrabaldes da cidade. O governo realizava medidas inclusive para expulsar os retirantes uma vez que a seca tivesse acabado, porém, grande parte das pessoas que se estabeleciam ali era composta por mulheres viúvas e crianças, que eram isentas das medidas. Estas mulheres se tornaram as chefes de seus domicílios e vendiam bolos, doces e carne verde nas ruas para sobreviver, mas eram atrapalhadas pela ação da polícia, a mando de Nogueira Accioly.³⁷

Outro problema criado pela precariedade dos assentamentos em volta da cidade era o aumento de incêndios nestas áreas. Com a falta de um serviço de combate ao fogo, a população da periferia frequentemente morria em meio às chamas, evidenciando “a política marginalizadora dos moradores do subúrbio através da tentativa de bipartir a cidade em centro e periferia. O governo dispunha de duas bombas d’água em perfeito estado, entretanto não as utilizava”³⁸.

Como parte das práticas de modernização da cidade, baseado nos debates higienistas do período, prevaleceram escolhas por “espaços arejados e assépticos como os Asilos da Mendicidade e Alienados, em 1886, localizados em Parangaba, longe de Fortaleza”³⁹, para onde eram mandadas pessoas indesejadas, consideradas incompatíveis com a nova ordem urbana que se almejava criar, como “loucos” e mendigos, parte do esforço do governo em enfrentar a vadiagem, categoria que podia englobar aqueles que perturbavam a tranquilidade pública, gritando ou xingando em público, mas principalmente aqueles que não tinham ofício, domicílio ou ganhavam a vida de forma ilícita⁴⁰.

Outras formas de regradar a vida das pessoas que viviam na cidade eram criadas, como os termos de bem-viver que foram feitos entre 1881 e 1884, que dava respaldo à polícia para controlar as atitudes dos moradores, podendo detê-las e levá-las à delegacia. A Lagoa do Garrote, atual Parque da Liberdade, costumava ser um espaço para banhos, mas neste processo de modernização, considerando o ato como desmoralizante para as famílias que passeavam pela região, esta noção de uma família mantenedora da moral “era utilizada pelos jornais para mostrar a incompatibilidade entre os vadios que se banhavam na lagoa e as famílias que

³⁷ SAMARA, E. M.; SOUSA, J. W. F. op. cit. p. 50

³⁸ Ibidem, p. 51

³⁹ Ibidem, p. 54

⁴⁰ Ibidem, p. 55

transitavam pelas proximidades”⁴¹. Nota-se o esforço no uso de autoridades legais, de veículos de informação pela imposição de um estilo de vida incompatível com parte da população que mantinha seus costumes que até então eram vistos como rotineiros, mas que na tentativa de modernizar as cidades, se transformam em práticas incivilizadas, imorais e incompatíveis com a urbanidade pretendida.

1.3 O MARASMO DO SERTÃO E A VERTIGEM DA CAPITAL

Em seu processo de modernização, o Brasil terá como referência a mesma modernidade que modificava e agitava principalmente a Europa e parte do mundo ocidental. Contudo, devido ao seu caráter rural e contexto específico, diferente do vivenciado pelos países europeus, longe da industrialização que Paris ou Londres apresentavam, são encontradas particularidades no caso brasileiro, uma vez que a modernidade aqui é experimentada e vivenciada de forma distinta, o que não impede de haver similaridades, mesmo que vividas em contextos diferentes. O anseio pela modernidade e pelo novo agitou até as mais longínquas vilas interioranas do país.

A segunda metade dos oitocentos foi cenário, no Brasil, de avanços de políticas liberais e republicanas. Foi período em que se viu a proibição do tráfico de escravos, a Lei do Ventre Livre, até mesmo a abolição da escravatura, ainda que tardia. Estes avanços, na mente de intelectuais republicanos e liberais da época, culminavam na proclamação da república, em 1889, a representação de seus ideais, de tudo o que era novo, do próximo passo da evolução social. Significava o fim do Império, a implementação de um novo sistema político que deixaria para trás as velhas práticas e seria capaz de transformar o Brasil em uma nação moderna.

Como veremos no decorrer desta pesquisa, no entanto, não foi por muito tempo que este otimismo permaneceu, ao menos para intelectuais do período que tanto esperaram por este passo na modernização e “evolução social”. A República tão esperada deu continuidade às estruturas que formavam o império e não atenderam às expectativas de seus defensores intelectuais, deixando de lado o saber científico e perpetuando redes de favores. Euclides da Cunha, para quem o

⁴¹ Ibidem, p. 59

novo regime seria a possibilidade de um governo das grandes capacidades, uma vez que excluídos os privilégios de origem, poderiam aflorar excelências por entre as diversas classes sociais, via na recente república um a inversão de papéis, uma seleção natural invertida, na qual quem estava vencendo eram os menos aptos, enquanto os mais capazes ficavam para trás. Para ele, não haviam mais altas ou baixas posições sociais e por isso, não havia critérios para o nivelamento para os cargos públicos⁴².

Inconformado, no entanto, Euclides não aceita passivamente essa situação, mas cria todo um plano de ação “capaz de restaurar a moralidade, a dignidade e a racionalidade no país, entregando-o de volta ao seu destino natural”, cujo pressuposto das reformas propostas “deveria ser necessariamente a aceitação inelutável da superioridade do saber científico e da sua competência ímpar para a condução firme da sociedade”⁴³. O governo deveria, ainda, estar sujeito a uma equipe técnica e científica qualificada para guiar suas ações. O desejo desses intelectuais, portanto, era de uma república “ilustrada”, baseada na ciência destes que a defendiam, mas apesar de um momento de efervescência para a intelectualidade, o que viram, mesmo na república, foi um governo afastado destes e perpetuador de velhas práticas.

Contudo, é importante destacar que, apesar dos problemas que viriam a trazer à tona esse pessimismo, o cenário que se apresentava ao longo do século e em especial a partir de sua segunda metade, “era propício a todo tipo de utopia e projeção. A República surgiu alardeando promessas de igualdade e de cidadania”⁴⁴. Para uma sociedade “recém-saída” da escravidão, este contexto mostrava para muitos uma oportunidade para livrar-se da miséria, um novo tempo em que, ampliado o acesso à cidadania, “imaginou-se um novo mundo, não mais cerceado por modelos de hierarquia social estrita, ou vinculados a critérios de origem ou nascimento”⁴⁵.

Em auxílio a esta visão otimista do futuro, aliava-se as imagens de uma Europa representada por Paris ou Londres, com sua indústria a todo vapor,

⁴² SEVCENKO, N. **Literatura como Missão**: tensões sociais e criação cultural na primeira república. 4. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995. p.146

⁴³ Ibidem, p. 148

⁴⁴ SCHWARCZ, L. M. (coord.) **História do Brasil nação (1808-2010)**, vol. 3: A abertura para o mundo (1889-1930). Rio de Janeiro, Objetiva, 2012, p. 19

⁴⁵ Ibidem, p. 20

paisagens modificadas rapidamente para dar lugar a altos prédios e casas populares, necessários para receber o enorme fluxo de imigrantes, as grandes obras nas cidades, como a Torre Eiffel, em Paris, construída entre 1887 e 1889 que deslumbravam o mundo com as promessas do progresso, este apresentado na forma das exposições mundiais, feiras de ciência e tecnologia que serviam para mostrar o avanço dos países que se apresentavam, transformadas em verdadeiros espetáculos do progresso.

Por um lado, a virada do século XIX para o XX no Brasil representará esta aceleração do tempo, tomará as ruas das principais capitais, instigadas a crescer, complexificando funções, precisando se adaptar para receber levas de imigrantes que vinham da Europa tentar uma nova vida. Por outro lado, grande parte da população brasileira se via em meio a um marasmo, acompanhando o tempo transcorrer lentamente, das vilas do interior e dos sertões “nada parecia romper uma rotina secular, firmemente alicerçada no privilégio, no arbítrio, na lógica do favor, na *inviolabilidade da vontade senhorial* dos coronéis e nas rígidas hierarquias assentadas sobre a propriedade, a violência e o medo”⁴⁶.

Realizada de modo apressado, de improviso e de certa forma inesperada, o advento da proclamação da República gera uma incômoda acomodação ao impor o novo, o “progresso”, o ritmo acelerado a uma sociedade muito acostumada ao modo de vida rural, à tradição, ao calendário agrícola e das festividades religiosas, “diferente da suposta marcha evolutiva, única e mandatória, ocorreu uma sobreposição de temporalidades e a afirmação de uma modernidade periférica”⁴⁷. Recém libertos, os ex-escravos se misturam às populações rurais mestiças, vivendo da economia de sobrevivência ou em torno de monoculturas, em um modo de vida móvel, entre grupos de quilombos ou então em agrupamentos negros urbanos. Conhecidos como trabalhadores que não se fixavam, esta população rural mestiça vivia sob uma mobilidade provocada por um sistema que lhes relegava um viver à margem, de aproveitamento residual, intensificado pelo monopólio de terras pelos grandes latifúndios⁴⁸.

⁴⁶ NEVES, M. de S. Os cenários da República: O Brasil na virada do século XIX para o século XX. In: FERREIRA, J.; DELGADO, L. de A. N. **O Brasil Republicano**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2018. p. 13-44, p. 15

⁴⁷ SCHWARCZ, L. M. op. cit. p. 21

⁴⁸ SEVCENKO, N. (org.). **História da vida privada no Brasil**: volume 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 57

Ao mesmo tempo em que se tentava criar uma nova imagem nacional, baseada na modernização do Rio de Janeiro, a partir de uma vontade de se desvincular do passado imperialista, velhas práticas deste tempo sobreviverão, seja através de uma resistência de grupos tradicionais que veem neste processo forçado de modernização uma ameaça a seu estilo de vida, ou mesmo na permanência de poderes nas mãos dos mesmos grupos de anteriormente. Conviverão nesta virada de século “de um lado, a cidade, definida pelas oportunidades de trabalho, pelo mercado, mas também por uma política de exclusão e de distanciamentos”⁴⁹ e de outro aquilo que parecia mais um outro Brasil, dos “sertões, longínquos na realidade e na imaginação, ou nas florestas fechadas”⁵⁰, mas que na verdade se tratava do mesmo país, vivendo de maneiras diferentes e em conflito, revelando os paradoxos deste processo que se fizeram evidentes a Euclides da Cunha depois de sua expedição a Canudos, fazendo-o perceber as discrepâncias entre a fachada de progresso que lhe era mostrada na cidade do Rio de Janeiro e a realidade das populações sertanejas a quem era imposto um modo de vida que não condizia com seus costumes e tradições.

A instituição da República no Brasil foi acompanhada de um esforço, que já vinha do Império, para atrair imigrantes, principalmente vindos da Europa, visando a substituição da mão de obra escrava. Em um primeiro momento, grande parte desses imigrantes foram direcionados ao trabalho rural, fosse para suprir as exigências da cultura cafeeira, o esvaziamento de mão de obra nas plantações de açúcar nordestinas, esvaziadas com a proibição do tráfico de escravo e o envio de escravos para o sudeste, mas muitos imigrantes levavam essa vida de alta mobilidade, assim como ex-escravos ou população livre pobre, trabalhando em terras alheias, em trabalhos provisórios, permanecendo somente até a colheita e mudando-se para aproveitar o cultivo de outros produtos, ou mesmo vivam em uma economia familiar de subsistência, gerando pouco excedente.

Com o tempo, esses imigrantes acabariam por ser absorvidos pelas exigências das cidades que se urbanizavam, gerando empregos e serviços para aqueles que vinham à América para tentar fazer sua fortuna, mas acabaram encontrando uma espécie de escravidão por dívida. Estas condições precárias

⁴⁹ SCHWARCZ, L. M. op. cit. p. 24

⁵⁰ Idem

geraram diversas revoltas e casos de fugas de imigrantes que contribuíam para criar uma sensação de insegurança que, por sua vez, dava à população a “certeza de que a violência se disseminara e que a culpa era das novas populações imigrantes, da liberdade dada aos africanos e negros ou do descontrole urbano”⁵¹. As novas formas de sociabilidade que se constituíam pela vivência nas cidades, que forçavam populações distintas a conviverem tão próximas pela primeira vez, levavam a crer que a mistura de culturas, valores e costumes só trariam descontrole e desordem.

A experiência urbana que coloca em convivência diferentes grupos sociais, diminuindo distâncias às poucas quadras que separam os bairros nobres de bairros operários, que faz com que homens de classe alta, trajando roupas caras e da moda cruzem com operários de camisas desabotoadas e sujas, é um fenômeno presente em diversas cidades pelo mundo. Em Londres, com proporções maiores do que no Rio de Janeiro, por exemplo, a mesma modernização que ergueu prédios imponentes que demonstravam o poderio Inglês a quem chegava no porto da cidade, foi a responsável pela criação de multidões de trabalhadores que, pela instabilidade de empregos, eram forçados a residir no centro, para ficar mais próximo do local de trabalho e para as incessantes buscas por emprego. Essa massa de pessoas pobres que se aglomeravam em casas comunitárias em péssimas condições de vida, era vista como uma ameaça, não só ao estilo de vida “civilizado” do nobre inglês, mas como um perigo social, pois além de ocupar o espaço urbano, muitas vezes saíam às ruas em protestos frequentemente violentos em busca de melhorias de vida.

A experiência francesa, apesar de semelhante, não é a mesma que a londrina. Paris, por exemplo, embora tenha tido um grande crescimento populacional, não passa por obras ao longo do século que garantissem a salubridade local, o que faz com que a burguesia se afaste dos centros para se distanciar das massas. Os trabalhadores desses grandes centros urbanos eram vistos como uma forma degradada da condição humana, “para o francês da época, praticamente inexistia diferença entre *homem trabalhador, pobre e criminoso*”⁵².

⁵¹ Ibidem, p.36

⁵² BRESCIANI, M. S. M. **Londres e Paris no século XIX**: o espetáculo da pobreza. São Paulo: Brasiliense, 1982, p. 51

Em diferentes proporções, as cidades brasileiras também serão palco para os conflitos sociais criados por essa modernidade urbana, desse caldeirão de culturas que mistura diferentes modos de vida e produz novas formas de se viver em sociedade. Na campanha pela vacinação na cidade do Rio de Janeiro, por exemplo, executada de maneira autoritária em um projeto higienista que visava frear doenças que se espalhavam como consequência das aglomerações nas cidades e a precariedade das moradias da população pobre, resulta na Revolta da Vacina em 1904, um sinal de “como a mistura entre diferentes levas populacionais – com histórias, costumes e aprendizados distintos – produzia resultados explosivos”⁵³. Um dos conflitos dos sanitaristas decorre da crença de que a multidão pobre era homogênea, desconsiderando as diferenças culturais e religiosas dos diversos povos que ali se misturavam. Entre eles, parte da população da cidade acreditava que a varíola seria o resultado da possessão de um orixá e, portanto, não seria necessária a vacina, mas sim uma oferenda. Da mesma forma, há relatos no interior do país, de resistência sertaneja, que trancavam suas famílias em casa e ameaçavam com foices aqueles que tentassem vaciná-los. Neste sentido, lembramos ainda das dificuldades relatadas por Rodolfo Teófilo em suas tentativas de vacinar os retirantes da seca, que acreditavam ser uma benção divina a morte pela varíola.

Epidemias foram comuns entre a segunda metade do século XIX e início do XX, tanto pela insalubridade das cidades e a aglomeração de pessoas em péssimas condições de vida, mas também consequência das secas, no caso das províncias do Norte. Como visto anteriormente, Fortaleza nesse contexto de modernização teve ainda como agravante a chegada de diversos retirantes no período de seca, que se estabeleceram nos arredores da cidade, com a saúde fragilizada pela fome e carregando doenças que se espalhavam rapidamente pelas condições precárias dos abarracamentos a que eram sujeitos.

Neste sentido, o período será de intensa discussão nas instituições de saúde e faculdades, baseada em teorias sociais-darwinistas, evolucionistas e raciais, que buscam conhecer as doenças que assolavam o país, assim como formas de preveni-las e remediá-las, como é o caso das vacinações forçadas. As doenças atingiam a todos,

⁵³ SCHWARCZ, L. M. op. cit. p. 51

mas os grandes alvos - além dos sertanejos, caipiras e populações do interior, vítimas das endemias rurais – eram os ex-escravos, os habitantes pobres das cidades, os moradores dos cortiços e favelas, os imigrantes, as mulheres e as crianças, os trabalhadores informais e os camponeses. Eugenia, higienismo e certa exclusão social pareciam alicerçados, no intuito de combater a subcidadania do homem brasileiro, provocada, segundo tais teorias, pela falta de saúde reinante, sobretudo entre as populações rurais e pobres.⁵⁴

Salvo suas diferenças localizadas, podemos observar, seja em Londres, Paris, Rio de Janeiro ou Fortaleza, um esforço desta modernização, ao ser confrontada pelos problemas que ela mesma cria e pela diversidade de sua população, em forçar uma ordem que se baseia na exclusão do pobre, do marginalizado que não necessariamente compartilha de suas aspirações por este mundo novo, pois têm suas próprias crenças e visões de mundo, mas que são ignoradas na tentativa de homogeneização das massas para a imposição de uma visão de mundo que crê no progresso e que só com ele será possível melhorar a sociedade.

No caso do Rio de Janeiro, desde 1882 a cidade já não acompanhava o crescimento de sua população e com isso, os problemas de um crescimento acelerado e aglomerações em instalações insalubres fazem com que, desde o Segundo Reinado a cidade fosse conhecida como “foco endêmico da varíola, tuberculose, malária, febre tifoide, lepra, escarlatina e sobretudo da terrível febre amarela”⁵⁵. Junta-se a isso o precário abastecimento de alimentos, a alta do desemprego devido ao excedente número de mão de obra, o que também abaixava a oferta dos salários, falta de moradias e saneamento, problemas que acabam recaindo apenas sobre a população pobre. Isto ainda em um período de consecutivas crises econômicas gera um período de grande instabilidade e pessimismo que não será exclusivo à cidade do Rio de Janeiro, uma vez que, mesmo que em diferentes proporções, outras cidades brasileiras também estarão enfrentando problemas similares.

As discussões sobre a limpeza e higienismo da sociedade não ficam apenas na área da saúde. Limpar a sociedade era também livrar os centros de sua população indesejada, dos pobres, criminosos e loucos, vistos como propagadores de doenças e causadores da criminalidade e violência. A urbanização das cidades

⁵⁴ Ibidem, p.53

⁵⁵ SEVCENKO, N. Op. Cit. p. 52

cria também regiões tomadas por uma população pobre que vivia de atividades ilegais ou consideradas imorais. Em 1830 Nova York, por exemplo, já contava com um bairro, chamado Five Points, ao sul de Manhattan, no qual se “concentra todos os males que assaltam a jovem nação: miséria, violência, prostituição e crimes”⁵⁶. Da mesma forma cidades como Buenos Aires, Montevidéu, Caracas, Panamá ou Rio de Janeiro também apresentam seus bairros de miséria e crime.

Esses espaços, chamados por Dominique Kalifa como *bas-fonds*, ou *underworld*, submundo, ocupam dois tipos de lugares:

De um lado as zonas relegadas, depreciadas, sujas, pobres, perdidas, as margens sórdidas de ruelas lamacentas, as espeluncas, os subterrâneos cavados nas pedreiras, ‘buracos, lodo e construções inacabadas’. Do outro, os lugares da autoridade, verdadeiros *bas-fonds* legais que concentram à sua revelia marginais de todas as espécies em prisões, penitenciárias, hospícios, asilos ou *workhouses*.⁵⁷

Pode-se acrescentar, ainda, pensando no caso de Fortaleza, os arrabaldes da capital, que em períodos de seca são destinados à população retirante, em situação de miséria, doentes e, muitas vezes por estas condições, criminosos. Durante a seca de 1915 o governo decidiu ainda dar à multidão novo destino e criou no passeio público da cidade um verdadeiro campo de concentração, no qual, contradizendo as orientações sanitárias, aglomerou os retirantes em um único local, transformando-o em um centro de transmissão, deixando-os à morte. Para a população observadora da época, o local era ainda um antro de promiscuidade, “temia-se o furto e a prostituição, na certeza de que a fome é um campo propício para o desenvolvimento de perversões éticas de todo tipo”⁵⁸.

Sobre o caso, Rodolfo Teófilo comenta:

O Campo de Concentração transformou-se em Campo Santo, e o Governo do Estado viu-se obrigado a dissolvê-lo. O Dr. Benjamim Barroso não logrou ver o seu ideal realizado: uma seca sem prostituição e sem furto. Nas repetidas visitas que fiz ao abarracamento vi certos derrços que só poderiam ter acabado em pouca vergonha. A fome com seu cortejo de padecimentos dilui todos os bons sentimentos do coração humano. Uma mulher aviltada pela miséria mais facilmente cede à tentação da carne, do que outra a coberto de necessidades.⁵⁹

A higienização urbana, portanto, vai além de suas ruas, mas também à sua população e não apenas em seus costumes, mas estes *bas-fonds*, arrabaldes ou

⁵⁶ KALIFA, D. Op. Cit., p. 30

⁵⁷ Ibidem, p. 31

⁵⁸ NEVES, F. de C, Op. Cit. p. 99

⁵⁹ Ibidem, p. 100

campos de concentração, são lugares destinados à população, em sua maioria, negra ou mestiça, pois “a sujeira é também a da mistura das raças, da impureza étnica”⁶⁰, pois representam, à luz das teorias raciais do fim do século XIX, o atraso racial, que leva às medidas de tomada de controle de suas vidas e modos de vida, vistos como atrasados e prejudiciais à modernidade e à “civilização”. Tal concepção alcançará não só as camadas urbanas, mas se estende também à população rural sertaneja, vistos como atrasados aos quais a modernidade precisava ser levada, sediciosos, irreverentes e mesmo criminosos.

As populações rurais também não aceitaram passivamente as imposições modernizadoras e “civilizadoras” que vinham desde o Império, como já citado no caso das vacinas, pesos e medidas e recrutamentos forçados, houve resistências. Como exemplos mais expressivos podemos citar os levantes sociais de Contestado, Juazeiro e Canudos, que ocorrem em diferentes regiões do Brasil como “resultados de um processo de modernização a qualquer custo e da desatenção diante de populações deixadas à míngua diante de tantas novidades”⁶¹. Mesmo de regiões diferentes, estes movimentos ocorrem em semelhante faixa temporal, sendo o primeiro um conflito em território limítrofe dos estados do Paraná e Santa Catarina entre 1912 e 1916, o segundo tem a cidade de Juazeiro/BA como centro irradiador e ocorre entre os anos de 1872 e 1924, enquanto o último em Canudos, arraial do interior da Bahia, vê estourar o conflito armado em 1896.

Estes movimentos têm em comum o conflito dessas medidas modernizadoras e o modo de vida das populações interioranas. Euclides da Cunha, autor de *Os Sertões*, publicado no ano de 1902, no qual descreve e analisa o conflito de Canudos, apresenta o isolamento dos sertanejos como o principal argumento de seu livro, este trazendo consequências negativas, caracterizadas pelo “atraso” que via no modo de vida sertanejo junto ao que chamava de fanatismo religioso, mas também positivas, uma vez que estariam livres da “degeneração” das cidades modernas. Os três conflitos citados são marcados pela figura de uma espécie de liderança religiosa, que no caso do Contestado serão, na verdade, três monges, enquanto Canudos terá Antônio Conselheiro e Juazeiro, Padre Cícero Romão Batista, mas em todos os casos há a prática de uma religiosidade local, com ritos e

⁶⁰ KALIFA, D. Op. Cit. p. 41

⁶¹ SCHWARCZ, L. M. op. cit. p. 54

devoções próprios, que não estão de acordo com as práticas oficiais do catolicismo. Ao mesmo tempo, os movimentos representam uma ameaça ao poder central, pois devido à sua distância geográfica e “isolamento” cultural, desenvolveram relações de poder que fogem do controle governamental, além de ameaçar também o controle territorial, uma vez que seus líderes rivalizavam, aos olhos do Império ou da República, com os governantes, como uma espécie de nação independente dentro de suas terras.

É importante ressaltarmos que este “isolamento” apontado por Euclides da Cunha precisa ser relativizado, uma vez que diz respeito às diferenças culturais entre as populações sertanejas com permanências de tradições, valores, práticas sociais e concepções que divergiam quando comparada às formas de vida urbana. A produção rural, mesmo de pequenas roças e criações, produção de farinha ou artesanatos realizadas por pequenas comunidades rurais abasteciam também os centros urbanos e eram responsáveis por grande movimentação. Neste sentido, “o isolamento social e físico foi igualmente relativizado pela análise da dinâmica da sociabilidade desses grupos e por sua integração a unidades maiores”⁶².

O que podemos ver a partir disso é a disparidade de um Brasil que oficialmente se queria moderno, mas que era lar de populações diversas com suas próprias práticas culturais que se viram ameaçadas ao se depararem com imposições vindas de um governo central que não levava em consideração suas particularidades, era seu modo de vida que era colocado em risco, seus costumes e suas tradições.

Edward Palmer Thompson, em seu livro *Costumes em Comum*, ao analisar os levantes populares da Inglaterra do século XVIII, em especial ao pensar as populações rurais, propõe que estas revoltas, ligadas aos aumentos do preço do pão, não ocorriam somente por causas econômicas, mas que as queixas desta população “operavam dentro de um consenso popular a respeito do que eram práticas legítimas e ilegítimas na atividade do mercado, dos moleiros, dos que faziam o pão”, era uma forma própria de ver o mundo e a forma como a sociedade deveria funcionar, que tinha como fundamento “uma visão consistente tradicional das normas e obrigações sociais, das funções econômicas peculiares a vários

⁶² SEVCENKO, N. (org.), op. cit. p. 62

grupos na comunidade”⁶³. A esta visão tradicional das comunidades, Thompson chama de *economia moral* e, para ele, quando estes pressupostos morais são desrespeitados cria-se a motivação para essas revoltas.

No caso brasileiro, as medidas forçadas de modernização realizadas tanto pelo Império quanto pela República afrontam diretamente essa economia moral das populações rurais que pelo seu distanciamento geográfico e cultural, criam suas próprias formas de ver o mundo e de entender o funcionamento da sociedade, suas próprias práticas religiosas e políticas que, quando confrontadas pela autoridade são vistas como práticas atrasadas que precisam ser erradicadas em nome de uma identidade nacional ou de um projeto modernizador.

No combate às epidemias no interior do país, os sanitaristas, vindos dos centros urbanos, viam nos hábitos e práticas culturais sertanejas não só empecilhos para a sanitização, mas contribuições para alastrar doenças. Suas casas, feitas de pau-a-pique, barro ou adobe e cobertas de palha, eram vistas como sendo mais apropriadas a bichos barbeiros do que pessoas, “na visão desses homens, a constituição física patológica estendia-se, por sua vez, à mestiçagem degenerativa que servia para incrementar ainda mais a indolência dos nacionais”. Relatos sobre a preguiça e falta de ânimo dessas populações, “quase sempre recostados, fumando seus cachimbos e cheirando seus rapés”⁶⁴, práticas de medicina tradicionais, que quando perguntados sobre o acesso a médicos e remédios, quando de alguém adoecer, respondiam que “aqui cada um entende de medicina, e no mato há muito remédio bom para tudo. E coisa que ninguém se incomoda, é com doença. E também, o sr. sabe, onde há médico e botica, a gente morre do mesmo modo”⁶⁵, mostram um choque desses sanitaristas ao encontrarem um modo de vida diferente daquele ensinado e praticado nas cidades, que resulta em imposições autoritárias, desconsiderando formas de viver, desrespeitando a economia moral dos habitantes locais.

Rodolfo Teófilo como intelectual formado em meio a estes debates sanitaristas de vontade modernizadora, representa em seu livro *Os Brilhantes* alguns destes hábitos sertanejos, como quando descreve um jantar em família dos

⁶³ THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 152

⁶⁴ SEVCENKO, N. (org.), op. cit. p. 67

⁶⁵ SILVEIRA, A. A. da, Viagem pelo Brasil, p.235-236, apud SEVCENKO, N. (org.), op. cit. p. 66

antagonistas do romance, a família dos Calangros, descrita como uma família de mestiços chamados pelo autor de *cabras*. Neste trecho ele dá atenção aos usos que faziam do fumo:

O **fumo de corda** com todos os defeitos da viciosa manipulação sertaneja, era consumido por aqueles homens de modos diferentes. Não era somente o fumo queimado nos cachimbos, o fumo torrado reduzido a pó, que sorviam em grandes pitadas, o vício dele era ainda a mecha, a estúpida e nojenta mecha de fumo, bem tês e molhada de cuspo e introduzida de ventas adentro, deformando o nariz e pervertendo o olfato; era, enfim, o pernicioso costume de mascar o fumo.⁶⁶

Ou ainda seu uso medicinal, ressaltando seu caráter vicioso vinculado aos sertanejos: “a vida sem o tabaco não tinha para eles razão de ser. Consideravam-no como remédio de várias moléstias, antídoto do veneno das cobras, agente profilático de males epidêmicos e específico do **quebranto**”⁶⁷. Contudo, quando colocada à serviço do protagonista, Teófilo mostra que o conhecimento sertanejo, quando “bem utilizado”, pode até mesmo salvar vidas, como no momento em que Jesuíno Brilhante sofre um acidente que lhe abre uma ferida na testa. Seu irmão, João Soares, o encontra ainda com vida, mas sendo devorado por *tapurus* e consegue ajudá-lo ao utilizar de uma planta chamada de *tinhorão*:

João Soares, vendo o irmão comido em vida pelos vermes e temendo que fôssem fatais as consequências da ferida assim **bichada**, antes de tudo tratou de matar os **tapurus**. Em falta de mercúrio, lembrou-se do mercúrio dos vaqueiros e ainda uma vez os conhecimentos práticos da botânica sertaneja vieram em seu auxílio.⁶⁸

João tem o conhecimento científico, sabe que seria necessário o mercúrio, e é somente na falta deste que recorre aos métodos sertanejos, ao contrário dos rivais, os Calangros, que utilizam o tabaco de forma viciante e como remédio para qualquer enfermidade. As diferentes representações de Teófilo apontam para a concepção de uma forma “correta” de se utilizar o conhecimento sertanejo, que não é inválido, mas atrasado e utilizado como uma segunda opção desesperada, porém, quando é colocado no dia-a-dia, como parte dos hábitos dessa população, é desqualificado e classificado como fruto de um vício.

1.4 OS BRILHANTES

⁶⁶ TEÓFILO, R. **Os Brilhantes**. 3. ed. Fortaleza: Typografia Minerva de Fortaleza, 1972, p.120-121

⁶⁷ Ibidem, p. 121

⁶⁸ Ibidem, p. 438

Participante desse contexto, Rodolfo Teófilo defenderá em suas obras a visão modernizadora, que vê o progresso da sociedade através, principalmente, da ciência. Por este motivo lutará em sua vida profissional pela vacinação e combate à varíola, além de construir em seu livro *Os Brilhantes*, cenas que escancaram uma certa ingenuidade dos sertanejos, que sem o acesso à educação moderna, ficam à mercê de governantes ignorantes que fazem valer suas vontades, mas também representando uma visão de mundo que adquirira ao estudar a história das secas no Ceará para escrever seu livro de história sobre o assunto, de que grande parte do problema no tratamento que era dado às secas, vinha da mal administração pública da saúde⁶⁹ e da ganância dos governantes, que desviavam alimentos destinados aos famintos.

A República, vista por intelectuais como Teófilo como o resultado de um avanço social, nem sempre chegava às populações rurais mais afastadas como uma mudança palpável. Isso se dá por estarem distantes das tomadas decisões, tanto social como fisicamente. Essas populações muitas vezes sabiam das mudanças tardiamente e não participavam ativamente delas. Mesmo que comemorada a notícia da queda do rei, o processo ainda era feito “de cima para baixo”.

Além disso, para muitas dessas populações, essas transformações trazidas pela modernidade, incluindo a república, conflitavam com suas tradições, seus modos de vida e por isso, muitas vezes, foram recebidas com resistência, como é o caso de Canudos, Contestado ou mesmo a Revolta da Vacina em plena capital, pois o afastamento do qual é discutido aqui não se refere apenas à distância das cidades, mas da própria população frente às elites. Dessa forma, quando o que recebiam dessa modernidade republicana era marcado por violência física ou simbólica, uma afronta a seus costumes sem um interesse em discuti-los, dificilmente há o sentimento de pertencimento àquele sistema, torna-se uma questão de sobrevivência lutar contra ele para defender seu modo de vida.

Cabe ressaltar, no entanto, que mesmo essas populações sertanejas sendo distantes fisicamente e afastadas das tomadas de decisões, as informações e os debates circulavam, eram discutidos entre os locais e as mudanças comemoradas.

⁶⁹ ALMEIDA, G. A. **A Fome**: um romance do naturalismo?. 2007. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, p. 24-25

O que chamo atenção aqui é para a forma como as transformações são impostas, sem levar em consideração as particularidades locais e o distanciamento social.

É demonstrando esta visão que o autor inicia seu romance *Os Brilhantes* no momento em que, em uma roda de fofocas uma senhora lembra da enunciação de uma profecia, a de que o rei cairia em “um ano de nove”, ao que todos tremem de medo: “Enxotar o rei! O rei cujo nome nem sabiam, mas que veneravam como um ente divino!... Tinham crescido ouvindo falar no rei como em um Deus; em seus contos, romances, poesias, essa entidade se apresentava simbolizando a fôrça, o poder”⁷⁰.

Em seu capítulo para o terceiro volume de *História da vida privada no Brasil*, Maria Cristina Cortez Wissenbach traz um testemunho de uma ex-escrava e ex-moradora do quilombo do Jabaquara, no qual diz:

Veio a abolição. Ficamos livres. Ninguém queria acreditá lá no Jabaquara. Mais depois que vimos que era verdade mesmo (Virgem Nossa Senhora!) tudo enlouqueceu. Foi uma festança que ninguém pode imaginar. Ninguém queria mais trabalhar. Era batuque dia e noite [...] finalmente tudo serenou. E a vida passou a correr como sempre, até que um dia Manuel Leocádio entrou no nosso rancho que ficava no sopé do morro e me disse que o nosso Imperador tinha sido embarcado num vapor para fora do Brasil; quem mandava agora era a República. Como eu não soubesse o que era República, ele me explicou, dizendo que, daí em diante todos nós éramos iguais, tanto branco como preto. Que preto podia até sê o dono do governo! Acabando de escutar aquilo, eu disse cá comigo: ‘esse crioulo está ficando louco’. Mas não estava não. Era tudo verdade. Nem preciso dizer que houve fandango no Jabaquara.⁷¹

Este depoimento mostra um exemplo de como a proclamação da República, ou a abolição, conquistas desse desejo modernizador, eram recebidos em ambientes que eram deixados de lado nas tomadas de decisões, com receio e estranhamento, até que se confirme verdade. Da mesma forma, as personagens de Teófilo não só duvidam como temem que seria possível mudar algo como a monarquia. Isso se dá por conta da diferença das visões de mundo da população urbana que já começava a experienciar a aceleração do tempo, a frequência com que mudanças poderiam (e deveriam, para alguns) acontecer, enquanto populações rurais têm uma percepção do transcorrer do tempo mais lento, mudanças demoram

⁷⁰ TEÓFILO, R. op. cit. p. 22

⁷¹ “110 anos de vida. Um escrínio de recordação. Maria Theresa de Jesus, internada no Asylo dos Inválidos, fala à Tribuna, evocando coisas da cidade antiga”, A Tribuna, Santos, 26/1/1936, edição comemorativa do centenário da cidade (1839-1939). Depoimento sugerido no trabalho de W. T. de Munhos, “Da circulação trágica ao mito da irradiação liberal – negros e imigrantes em Santos na década de 1880”, pp. 55-6. Apud SEVCENKO, N. (org.) p. 89-90.

a acontecer e estruturas, como a monarquia, são fixas e não mudam facilmente. Desta forma, quando a modernização começa a ser imposta sem considerar diferentes formas de sociabilidade e relação com o mundo, os costumes e modo de vida das pessoas é ameaçado e, portanto, gera resistências.

É neste sentido que, ao serem afrontados por imposições que buscam modificar seus costumes, os sertanejos criados por Teófilo reagem. Em uma manhã de domingo, o presidente da câmara municipal da vila onde se passa a trama o romance, recebe uma carta vinda do governo da Paraíba, dizendo que “Tendo sido adotado pelos podêres competentes o sistema métrico decimal, recomendo a Vmc. Que no primeiro dia do mês vindouro o faça adotar nesse município, cessando absolutamente o uso dos antigos pesos e medidas”⁷². Após passar a manhã toda olhando para a carta e ainda sem conseguir entender do que aquilo se tratava, o presidente da câmara decide buscar conselho do vigário, a quem sempre recorria. Este, ao ler a ordem do governo, anuncia que “ainda não vi notícia alguma tendo Y que não fosse má, e êste logo aonde, na parte mais importante do papel!”⁷³, ao que em seguida alega ser “uma injustiça, mesmo um desaforo, trocar os pesos, as medidas de nossos pais, de nossos avós, por um tal de **sistema métrico decimal**”. Sugere então que seja oficiado ao governo que o povo não aceitará tal mudança, “não se sujeita ao tal **systema**, ao diabo de um nome cuja segunda letra é um Y”⁷⁴. Ao fim da conversa, afirma ainda:

Era o que faltava ver! Êis que venha obrigar o roceiro a quebrar a sua têrça e comprar a medida do tal **systema**; o logista, a queimar sua vara e o seu côvado, e comprar outra medida. Energia, senhor compadre! Respeitemos a memória de nossos pais e com ela as suas tradições. Hoje mesmo, do púlpito, eu clamarei contra êste despotismo do governo e direi ao povo que lute, mas não se sujeite a tão grande humilhação.⁷⁵

Fiel ao que prometera, o vigário “condenou do púlpito o **systema métrico decimal**, mais por ter um Y do que pelo conhecimento que tinha dêle”⁷⁶. Tal ação incitará uma revolta no interior da Paraíba, conhecida pelo nome do *Quebra-Quilos*, que perderá seu controle e objetivo, pois acabará caindo sob o comando de criminosos da região. Contudo, Teófilo ressalta que “o vigário e o presidente da

⁷² TEÓFILO, R. op. cit p. 26

⁷³ TEÓFILO, R. op. cit. p. 28. Acredito que, na atualização ortográfica para a edição de 1972 analisada, tenha-se trocado a grafia original *systema* por *sistema*.

⁷⁴ Ibidem, p.29

⁷⁵ Idem

⁷⁶ Ibidem, p. 31

Câmara da vila amotinada haviam exaltado os ânimos, menos por perversidade do que por ignorância”⁷⁷.

Este trecho inicial da trama traz uma discussão importante sobre este processo de modernização, pois, apesar de Teófilo ser simpatizante do “progresso” da modernidade, o que é sugerido pela forma como retrata o governante sertanejo de forma cômica como um ignorante, também mostra o despreparo destas regiões interioranas para receber estas transformações, assim como o efeito que o choque de se impor a mudança de um costume que vinha de seus pais, avós e mesmo antes, para substituí-lo por algo que fora “inventado, talvez, nas outras terras por algum marinheiro ou pedreiro livre”⁷⁸. Não era somente sobre o Y ou a mudança dos pesos e medidas, mas uma afronta à forma de vida dessas pessoas que não eram consideradas quando tomadas as decisões no governo central em um contexto já muito turbulento de frequentes tentativas de imposições sobre seus modos de trabalho e de vida.

As revoltas dos Quebra-Quilos se tratam de uma série de levantes que realmente ocorreram, afetando as províncias de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Alagoas, entre os anos de 1874 e 1875. As revoltas ocorreram, principalmente, pela insatisfação ao uso do novo sistema de pesos e medidas, o sistema métrico decimal, uma vez que a antiga forma já estava enraizada nos costumes e cotidiano dessas pessoas. Tal atitude foi imposta às províncias a partir da Associação Comercial do Rio de Janeiro, localizada na Corte. Enquanto o ensino deste novo sistema deveria acontecer nas escolas primárias desde 1862, o censo de 1872 mostra que as províncias do Norte do Império era de maioria analfabeta⁷⁹. Ou seja, tratava-se de uma medida tomada do centro do Império, à fim de modernizar o interior de seu território, mas sem uma preocupação com as especificidades de cada província ou de fornecer recursos suficientes para que pudessem adaptar-se à mudança. Resumidamente, esta atitude de modernização forçada, junto ao descaso que o centro do Império já demonstrava com as províncias do Norte, acaba por eclodir nesta série de revoltas.

⁷⁷ Ibidem, p. 35

⁷⁸ Ibidem, p. 29

⁷⁹ LIMA, V. O. Revoltas dos Quebra-Quilos: Levantes contra a imposição do Sistema Métrico Decimal. In: XV Encontro Regional de História da ANPUH-RIO. 2012. São Gonçalo, RJ. **Anais...** São Gonçalo, RJ.

Assim como em outras revoltas semelhantes, os Quebra-Quilos invadiam igrejas para impedir a divulgação de editais e destruir documentos oficiais, mas ficaram marcados pela atitude de destruir instrumentos de pesos e medidas como balanças, por exemplo, que seriam utilizados para a medição conforme o novo padrão implementado pelo governo. Apesar do nome, entretanto, a revolta não se ateve ao sistema métrico decimal (muito menos ocorreu por um “Y”, como na história de Teófilo), mas se estendia a “reivindicações pelo fim dos ‘impostos do chão’, protestos contra as influências dos maçons na sociedade, a luta de escravos pela liberdade e a recusa da nova lei do recrutamento militar decretada na mesma época”⁸⁰.

Devido ao período de grande instabilidade para a vida da população dos sertões, com as mudanças ocorrendo no âmbito do trabalho e suas relações sociais se modificando com as tentativas de controle e modernização, os Quebra-Quilos não foram o único levante popular, mas representava justamente esse contexto turbulento em que era imposto a uma comunidade tradicional novas práticas que ameaçam seu modo de viver. Ainda em 1875, quando o governo imperial considerava controlada a situação dos Quebra-Quilos, houve um levante contra a nova lei do alistamento militar, que mudava o recrutamento, até então por indicação, para a modalidade de sorteio. Iniciado no interior do Rio Grande do Norte, na cidade de Mossoró, o movimento logo se alastrou pelas províncias vizinhas, sendo conhecido como “Motim das Mulheres”, “Guerra das Mulheres” ou “Rasga-Listas”, consistia em uma maioria de mulheres que invadiam igrejas e outros locais em que ocorriam o alistamento para destruir as listas e documentos oficiais que recrutavam seus filhos e maridos para o exército ou a marinha.

O novo método de recrutamento gerava resistências, pois nos sertões a população contava com a proteção dos proprietários de terras, pois haviam certas condições que os liberavam do serviço militar, como a estabilidade laboral, papel de chefia familiar ou reconhecimento moral⁸¹. Deste modo, aqueles que contavam com a proteção patronal poderiam ser liberados da obrigatoriedade, outra relação tradicional que se perdia com a imposição da nova lei, inspirada nas práticas europeias, como esforço de modernização. Era, portanto, uma reforma liberal

⁸⁰ CÂNDIDO, T. A. P. op. cit., p. 79

⁸¹ Ibidem, p.83

baseada na experiência estrangeira e imposta às populações tradicionais, assim como o sistema métrico era francês.

As resistências sertanejas ao recrutamento já ocorriam desde a década de 1860, período da Guerra do Paraguai, apesar de não haver uma revolta generalizada como a de 1875, durante o século XIX

eram comuns notícias de recrutados sendo arrastados amarrados pelo interior. Também eram comuns as fugas espetaculares quando se aproximavam os agentes recrutadores. Às vezes, o recrutável preferia mutilar um membro do corpo a ter de ser conduzido para algum quartel ou campo de batalha.⁸²

Era portanto, assim como outras reformas modernizadoras do período, uma forma autoritária de se interferir e controlar a vida da população, com o agravo de que os recrutamentos traziam uma imagem muito mais concreta da violência e autoritarismo dessas medidas, que literalmente invadiam seus espaços e os tiravam de suas vidas para as mãos do Estado, mesmo que fosse necessário utilizar-se de medidas violentas. Com as secas e as tentativas do Estado de se adaptar para receber os retirantes, esse controle social colocará, já no século XX, multidões de famintos e doentes concentrados em um único campo de concentração, contrariando orientações higienistas e levando muitos deles à morte, por estarem sendo forçados a viver em um ambiente insalubre e contaminado⁸³.

As revoltas aos recrutamentos, apesar de não ter destaque na trama de *Os Brilhantes*, como os Quebra-Quilos, ainda serve como um importante cenário, já que é “em tempo de grande agitação popular, devida ao recrutamento que então se fazia”⁸⁴ que o parente de Jesuíno Brilhante, chamado Francisco Botelho, será assassinado pela família antagonista, os Calangros, momento chave do romance, pois é quando desperta em Jesuíno a nevrose da vingança, demonstrando que, para Teófilo, estas manifestações populares eram ambientes repletos de criminosos que se utilizavam da desordem para agir a fim de seus próprios interesses, da mesma forma como aqueles que detém o poder lidarão com seus prisioneiros.

As críticas de Teófilo quanto ao uso do poder pelos governos vão além da sua representação como ignorância ao lidar com a revolta, novamente aparecem

⁸² Ibidem, p. 84

⁸³ Para mais, ver: NEVES, Frederico de Castro. *Curral dos Bárbaros: os Campos de Concentração no Ceará (1915 e 1932)*. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 15, n. 29, p. 93-122, 1995.

⁸⁴ TEÓFILO, R. op. cit. p. 76

atitudes que privilegiam o interesse pessoal dos poderosos. Ao perder o controle da situação, muitos sertanejos abandonaram o levante e retornaram às suas casas, porém, os Quebra-Quilos já estavam sob o comando de um cruel criminoso que utilizava a justificava da refutação dos novos pesos e medidas para roubar gados, comércios, cometer assassinatos ou estupros. Em um destes ataques, o grupo é preso, incluindo seu líder Pedro Jurema. Entretanto, “recolhidos à cadeia pública os **Qubra-Quilos**, presos no mercado, e enterrados os mortos, abriu-se uma devassa, cujo fim não era a punição dos sediciosos, mas perseguir os adversários políticos dos mandões da vila”⁸⁵.

Uma comissão foi formada para cuidar do caso, da qual faziam parte o presidente da Câmara, o delegado de polícia e o vigário, “esta trindade de partidários exaltados cometia tôda a sorte de arbitrariedades, ordenando as mais injustas prisões”⁸⁶. Utilizando de seus poderes para perseguir inimigos políticos, a comissão prendeu todos os que de início se opuseram ao sistema métrico-decimal, mesmo sem ter envolvimento com os ataques, além de “abastados criadores, que nunca se tinham envolvido no movimento sedicioso, eram arrastados à cadeia, e aí, cobertos de ferros e tratados como réus de grandes crimes”⁸⁷.

Além das arbitrariedades cometidas, Teófilo chama atenção à forma como os prisioneiros eram tratados, amontoados em celas sem iluminação, sujas de sangue e miolos frescos, lugar em que “as posições sociais, as virtudes cívicas, os bens da fortuna não davam direito a um lugar melhor naquela espelunca, onde o homem de bem era acorrentado com o facínora”⁸⁸, respirando uma nuvem de pó insalubre “já viciado pelos gases dos pulmões, corrompia-se ainda mais pelas emanções pútridas dos excrementos, que fermentavam a um canto sôbre o ladrilho do cárcere”⁸⁹ que acabava matando alguns dos prisioneiros, satisfazendo a comissão.

Não satisfeitos com este tratamento, decidem torturar os prisioneiros no caminho para a capital da província, sujeitando-os a utilizar coletes de couro durante toda a caminhada, que se trata de coletes feitos de couro, molhados antes de

⁸⁵ Ibidem p. 51

⁸⁶ Idem

⁸⁷ Ibidem, p. 52-53

⁸⁸ Ibidem, p. 53

⁸⁹ Ibidem, p. 54

colocar sobre o peito dos presos e que, debaixo do sol escaldante, encolheria, espremendo seus pulmões até que se tornasse impossível respirar. Tal punição quase toma como vítima o filho adolescente de um fazendeiro rico que havia sido preso por ser adversário político da comissão. Esta medida só serviu, no enredo, para que Pedro Jurema, criminoso líder do antigo bando, aproveitasse da confusão para fugir.

Este abuso de poder pode ser visto, além de sua referência às medidas tomadas na realidade no enfrentamento com os quebra-quilos, como uma conexão às perseguições que Teófilo via no seu dia-a-dia, em que Nogueira Accioly, governador da província do Ceará, promovia frente às mulheres que vendiam carne verde nas ruas, para eliminar a competição com a sua família, ou mesmo quando o próprio Teófilo perdeu sua posição de professor no colégio Liceu Cearense, por se opor às atitudes do governador⁹⁰.

Em um contexto mais amplo, tais críticas podem ser vistas como traços de uma decepção dos literatos e intelectuais do fim do século XIX com o governo republicano instaurado. Compartilhando dos sentimentos de esperança e crença em um progresso social que não só culminaria, mas seria amplificado com a instauração da República, estes entusiastas viram ascender ao poder as mesmas práticas oligárquicas que viam no Império. Aliado a isso, viam nas cidades, locais em que deveria ser símbolo do progresso, da modernidade, o surgimento de problemas como o aumento da criminalidade, da fome e da miséria, criados pela própria ascensão destes ideais.

Frente às mudanças decorrentes da urbanização e modernização, o fim do século XIX apresentou uma visão de decadência e degeneração da sociedade em diversas partes do mundo. Grandes cidades como Londres, Paris e em certa medida no Brasil, Rio de Janeiro, viam se intensificar em suas ruas o crescente farfalhar da movimentação das multidões e a criação de bairros operários ou cortiços para alocar a população pobre trabalhadora que chegava aos centros urbanos, gerando “imagens como as do oceano, da floresta, de formigueiro, do inferno, de doença”⁹¹, para que a literatura fosse capaz de representar este novo tema.

⁹⁰ ALMEIDA, G. A. op. cit. P.24

⁹¹ BRESCIANI, M. S. M. op. cit. p.14

Este progresso, que ao longo do século XIX se tornava cada vez mais palpável, que levava às sociedades de costumes as leis e modos da “civilização”, no entanto, trazia à tona a miséria, mendicância e criminalidade, vistas como a degeneração da própria civilização. É a dualidade que os intelectuais cearenses veem acontecer a partir da Proclamação da República, o mesmo progresso, a mesma modernização que traz o avanço tecnológico, urbano e científico, traz a decadência moral, a criminalidade e a degeneração. Como apontado por Arthur Herman,

num sentido profundo, o medo da decadência no século XIX refletia o medo de seu próprio sucesso. A imponência da civilização européia assumiu a qualidade de ‘exorbitância’, um excesso e uma facilidade de riqueza, mobilidade social, conforto material e complacência – além de um excesso de mudança e destruição do passado⁹²

No caso de Fortaleza, como já apresentado, este contexto é intensificado pela presença das multidões de famintos retirantes que fugiam da seca. Teófilo utiliza da representação da seca também para demonstrar esta monstruosidade que as multidões aglomeradas em torno da cidade poderiam ter e para, novamente, ressaltar a culpa dos governantes que, pela negligência ao desviar os mantimentos enviados aos famintos, fizeram piorar a situação e levaram a mais mortes.

Na trama de *Os Brilhantes*, quando a seca atinge o sertão, o protagonista, Jesuíno Brilhante, está fugindo da polícia e de seus inimigos, escondendo-se na mata da serra do Rio Grande do Norte, para evitar represálias à sua família, afastando-se dela. Neste período, no entanto, acaba ganhando grande fama entre a população que vive ali perto, tanto pela sua ferocidade, quanto pela sua honra. Por este motivo, é procurado para resolver alguns problemas dessas pessoas. Com o avanço da seca, a serra em que se estabeleceu se torna o único lugar da região com alguma vida restante e por isso acaba por receber diversos refugiados, comendo tudo o que encontravam em busca da sobrevivência, de forma que “era já custoso apanhar um rato ou um lagarto. Já não havia morcegos nas cavernas, nem sapos nos pântanos; tinham comido tudo. Consumida a bicharia, valeram-se dos vegetais”⁹³, já sem importar-se com a prudência e cautela, alimentando-se de uma raiz venenosa, abundante no local e de fácil extração, ideal para aquelas pessoas já fracas, mas que as adoeciam.

⁹² HERMAN, A. As linguagens da decadência. In: HERMAN, A. **A idéia da Decadência na História Ocidental**. Rio de Janeiro: Record, 1999, p.52.

⁹³ TEÓFILO, R. op. cit. p.248

Diante daquela situação, Jesuíno se compadece e decide empregar todas as suas forças para ajudá-los, bolando um plano de buscar comida saqueando os comboios enviados pelo Império, mas que eram desviados pelos poderes locais, representados pelos “chefes de partido que foram arvorados em comissários do govêrno”, pois “a gana dêsses fingidos patriotas, que só visavam o interêsse pessoal, não tardou a se manifestar. Côncios da impunidade, cometiam os mais escandalosos estelionatos, defraudavam o Estado em prejuízo das populações famintas”.⁹⁴

À noite, ao retornarem de sua emboscada ao comboio, já cansados de toda a empreitada, Jesuíno e seu bando não conseguem recolher toda a comida para dentro de sua caverna e algumas sacas ficam para fora, com os responsáveis por levá-las adormecidos de cansaço no mesmo chão. Pela manhã, contudo, “a montanha, que parecia desabitada, povoou-se de múmias vivas”⁹⁵ que saíam de seus abrigos em busca de algo para comer. Quando reparam nos sacos de farinha próximos da entrada da caverna, vão em sua direção, alguns já sem conseguir raciocinar direito, ansiosos pela comida e sem a paciência de descer dos rochedos e árvores em que haviam subido para se abrigar da noite, acabam caindo de onde estivessem. “O choque da queda naquela massa de ossos e peles, sem carne mais que protegesse as articulações, desconjuntou-as pela maior parte”, tornando-se “verdadeiros embrulhos de pelangas”⁹⁶.

A multidão de famintos, já deformados física e mentalmente pela fome, segue atropelando uns aos outros, fazendo com que alguns, sem conseguir reagir, caíssem na nuvem de poeira causada pela movimentação e morressem asfixiados, mas nem por isso a marcha cessava, passando por cima de cadáveres, pois “só tinham uma idéia; só ouviam o – **salve-se quem puder** – e por isso pisavam os companheiros que esmoreciam na jornada”⁹⁷, já não possuíam mais controle de seus sentidos, estavam entregues às ações do instinto.

Chegando ao local onde foram deixadas as sacas com comida, “não se ouvia o som de uma palavra, apenas um zumzum, semelhante ao esvoaçar de um enxame de abelhas”, sua aparência era marcada pelas “repetidas contrações dos

⁹⁴ Ibidem, p. 256

⁹⁵ Ibidem, p. 276

⁹⁶ Ibidem, p. 277

⁹⁷ Ibidem, p. 278

mirrados músculos das faces em hórridas caretas e os espasmos dos braços e pernas davam àquelas esqueléticas figuras uma expressão fantástica e aterradora⁹⁸. Sem aguentar esperar por algum sinal, para saber se deveriam ou não comer, “caíram sôbre os víveres como porcos esfomeados⁹⁹, rasgando os sacos em uma atitude animalesca descrita por Teófilo quando

A legião de múmias vivas se enovelava sobre o repasto e, quanto mais se movia, mais empestava o ambiente de um cheiro nauseabundo de carniça. Não falavam, ganiam. Os mais fortes esmurravam-se, disputando o melhor quinhão. Os mais fracos rolavam por terra, derribados pelos que podiam caminhar. Crescia a fedentina que saía dos seus nojentos e esqueléticos corpos¹⁰⁰

Os famintos, que já vinham sendo tratados por Teófilo como criaturas, mostram sua perda de humanidade quando, “alucinados pela fome e reduzidos sômente à animalidade, satisfaziam, como a mais ínfima bête, as necessidades do estômago em longo jejum¹⁰¹. Jesuíno acorda neste momento e se depara com a cena, tenta afastá-los dos mantimentos, ameaçando-os com uma faca, empurrando-os para longe, mas sem efeitos, pois era como se não o ouvissem e voltavam logo para continuar a comer. A multidão, “com a consciência embotada e adormecidos n’alma pela fome, que tudo desorganiza¹⁰², ignorava a presença das crianças inanidas e não procuravam protege-las, “E, como se encontravam aquelas pequenas múmias! A maior parte estavam esborrachados, tendo os mirrados intestinos espirrado por um rasgão da pele nos ossos dos quadris¹⁰³.

Ao fim do ataque à comida, a multidão começa se dispersar, mas como uma massa uniforme, sem individualidades, sem características humanas:

O Brilhante não podia distinguir as vértebras do esqueleto, não via o engelhamento da pele desorganizada pela miséria, via uma enorme múmia formada de centenas de criaturas bestializadas pela fome! Não lhe chegavam aos ouvidos as pragas, as imprecações, mas um zumzum surdo, um ruído em que se fundiam desde o ai até a blasfêmia.

A massa compacta, que parecia um corpo só, foi pouco a pouco se distendendo. A figura alterou-se; tomava as formas de um grande polvo. Inúmeros tentáculos moviam-se, procurando a orla da floresta.¹⁰⁴

⁹⁸ Idem

⁹⁹ Ibidem, p. 279

¹⁰⁰ Idem

¹⁰¹ Ibidem, p. 279-280

¹⁰² Ibidem, p. 281

¹⁰³ Idem

¹⁰⁴ Ibidem, p. 282

Em outro momento da trama, Silvestre, membro do bando de Jesuíno, em patrulha nos arredores da caverna onde estavam instalados, encontra uma gruta de onde emana um grande fedor:

Quase a vomitar, penetrou na gruta. Poucos passos havia dado quando os seus olhos descobriram a figura hedionda de um homem que a fome reduzira a hiena. O monstro, que estava acordado, levantou-se. Havia na caverna bastante luz para que Silvestre visse o corpo bronzeado do caboclo inteiramente nu. A pele de engelhada parecia escamenta. As juntas dos membros pareciam nós nas extremidades de finos cilindros. Do pescoço até as nádegas estendia-se um rosário formado pelas vértebras do espinhaço. Ao tronco, cujos ossos se contavam todos pelas saliências das superfícies, articulavam-se magríssimos braços e pernas; por cúmulo de fealdade e complemento da horripilante figura, uma cabeça de rosto escaveirado, coberta de cabelos grossos e hirtos, coroava a múmia, balançando-se articulada em finíssimo pescoço.¹⁰⁵

Ao percebê-lo no ambiente, o faminto avançou em sua direção, iniciando um combate perigoso, pois encontravam-se em um desfiladeiro sinuoso, que acabou quando, aproveitando-se de um tombo do atacante, Silvestre o empurra com seu bacamarte montanha abaixo. O cheiro, contudo, continuava a emanar da caverna, fazendo com que Silvestre entre para descobrir sua fonte. Dentro do local,

pareceu-lhe estar em um cemitério. Ossos de todos os tamanhos, cabeças humanas juncavam o chão da furna [...] A um canto, sôbre um trempe de pedras, fervia uma panela de barro cheia pêla boca de ossos e tendões [...] Grande foi o espanto do criminoso quando, olhando com atenção para o conteúdo da panela, viu que as peças que coziavam, eram orelhas humanas, a se mexerem no burburinho da fervura e no meio delas alguns peitos murchos de mulher: era a refeição do faminto¹⁰⁶

Tamanho é o efeito da fome nestas pessoas que as fazem perder a própria humanidade, sem consciência alguma de suas ações, fosse para com o próximo ou com a sua própria vida, agem apenas pelo instinto de satisfazer a fome. São descritas como múmias, “falam” como abelhas, agem e se parecem com bestas, são reduzidas à animalidade, ao canibalismo, sua aparência foi modificada pela fome e pela doença, se tornou cadavérica ou inchada, machucada, suas roupas se tornaram trapos. São criaturas monstruosas criadas pela fome que poderia ter sido aplacada, de acordo com o romance, pela distribuição correta dos mantimentos, mas que pela atitude dos governantes com seus desvios, acabam por representar essa decadência e degeneração da multidão, são a fome e a doença encarnadas.

A visão de Teófilo sobre os efeitos da fome e da seca perpassa toda sua obra e vida profissional, desde seus romances que tratam do tema, seu livro sobre a

¹⁰⁵ Ibidem, p.312-313

¹⁰⁶ Ibidem, p. 315

história da seca no Ceará, em suas expedições para a vacinação ou mesmo de suas experiências com diversas epidemias e seus efeitos, como o transporte de corpos, descrito por ele como

repugnante o espetáculo do transporte dos cadáveres dos variolosos. E de facto o era. Imagine-se um cadáver, meio putrefacto, vestido apenas de ligeiros trapos, amarrados de pés e mãos a um pau, conduzido por dois homens, ordinariamente meio embriagados, e só terá visto o modo porque iam para a vala os retirantes mortos de varíola em Fortaleza.¹⁰⁷

Tal representação, assim como a perseguição política nas prisões dos Quebra-Quilos ou do próprio protagonista, uma vez que seus inimigos contarão com o apoio de governantes que mobilizarão não só a polícia local, como destacamentos do exército em sua perseguição, demonstram esta desilusão e visão pessimista que Rodolfo Teófilo tinha do sistema político que, ao invés de trazer o progresso, lutava pela permanência de práticas de poder vistas como velhas e ultrapassadas. Da mesma forma, sua representação dos sertanejos traz à tona questões desse processo de modernização que levaram a conflitos diversos.

A partir da experiência do autor, em sua subjetividade presente no romance, podemos ter acesso a alguns fragmentos do passado, como a visão que tinham as pessoas frente às atitudes governamentais, o choque entre tradição e modernidade ou um pouco do que podem ter passado as vítimas da seca. Todas estas situações, por mais que ficcionais, trazem em si resquícios de um passado que foi vivenciado e estudado pelo autor e expressado através de sua imaginação, nos permitindo ter acesso a uma possibilidade daquele tempo.

¹⁰⁷ TEÓFILO, Rodolpho. Varíola e Vacinação no Ceará. Ed. fac-similar, 1997, apud SAMARA, E. M.; SOUSA, J. W. F. **Morar e viver no nordeste do Brasil**: Fortaleza, séc. XIX. Trajetos Revista de História UFC, Fortaleza, v. 4, n. 7, 2006, p. 42

2 NOVOS TEMPOS, NOVAS IDEIAS

2.1 HOMENS DE CIENCIA E JURISTAS LITERATOS

Inserida no contexto de transformações do século XIX, a literatura não ficará isenta de mudanças. Surge nesse período o chamado realismo-naturalismo, dois estilos com suas semelhanças e particularidades, mas que se entrelaçam ao produzirem narrativas preocupadas com o real, no caso daquele chamado de naturalismo, esta preocupação se aproxima muito da ciência, trazendo autores que muitas vezes buscam fazer estudos e análises sociais e psicológicas de suas personagens.

Em meio às discussões que ocorriam também nos ambientes científicos, esta literatura se mostrará como uma nova proposta, mais condizente com os ideais desses intelectuais, a começar por erigir a ciência como uma forma de conhecimento superior e norteadora de toda sua produção, mas também por se colocar em oposição às produções literárias da época, ligadas ao romantismo e à corte, enquanto esses autores partiam de desejos republicanos e cientificistas. O naturalismo, neste sentido, representará o novo que era almejado, uma maneira de recusar a monarquia e as abstrações do romantismo em prol de uma escrita crítica e comprometida com o real, aos moldes positivistas e deterministas que lhes eram tão caros, “legitimados pela ciência, justificavam suas posições contra o poder estabelecido, em prol de uma nova ordem”¹⁰⁸.

No ambiente acadêmico brasileiro, uma expressão dessas discussões será a chamada Escola de Recife, um movimento intelectual iniciado na Faculdade de Direito de Recife a partir dos anos 1870, que contestará as bases teóricas que influenciavam a produção de conhecimento no Brasil, de sua maioria com marcos teóricos de franceses, enquanto a Escola propunha uma leitura dos autores alemães, com esforço de traduzir e incentivar suas discussões no país. As discussões desses intelectuais serão marcadas pelo cientificismo e determinismos, semelhante ao que ocorre na literatura com o Naturalismo. Além disso, é fundamental para a Escola de Recife o fato de estar distante da corte, pois também

¹⁰⁸ ALENCAR, M. C. F. de. op. cit. p. 22

se colocarão como uma alternativa ao que se criava no centro do país, se auto proclamando portadores das novidades e da modernidade, como veremos no decorrer do capítulo.

Não entrarei aqui na discussão acerca de definições do naturalismo e romantismo como movimentos literários, mas busco compreender historicamente o conjunto de ideias e debates nos quais esses literatos estavam inseridos. Desta forma, entendo o naturalismo muito mais como uma maneira de pensar e entender o mundo à sua volta do que um conjunto de regras que definem a obra literária. Vejo o movimento como parte de uma discussão corrente no fim do século XIX e a expressão artística de intelectuais que compartilhavam preocupações, ideais e objetivos, mas também uma forma particular de entender o mundo, a sociedade e o ser humano, fortemente influenciados por debates científicos positivistas sociais-darwinistas e principalmente ao falar sobre o Brasil, pelos debates raciais.

Homens de ciência do final dos oitocentos, muitos deles literatos, desejavam por mudanças colocando-se como os principais agentes para que elas acontecessem, pois representavam a ruptura com a monarquia, com o pensamento religioso, o atraso que segurava o país no passado. Eram os intelectuais a partir da ciência que seriam os responsáveis por trazer o progresso, levar o Brasil ao futuro, “pois se o povo não tinha instrução e as elites locais estavam arraigadas em velhos valores, a feição progressista da província era dada pelo próprio meio letrado”¹⁰⁹. Em estudo aos jornais de Fortaleza, Manoel Carlos Fonseca de Alencar afirma que “a palavra ciência aparecia com tanta recorrência no jornal *Fraternidade*, os seus membros a usavam de forma tão fervorosa, que ela assumiu deveras as feições de um culto, sendo os intelectuais os seus pregadores”¹¹⁰.

Período de uma efervescência de novas ideias, o século XIX verá surgir diversas teorias e novas ciências, como a sociologia, o higienismo, a eugenia, a demografia, o urbanismo, a psicologia, medicina sociais ou a criminologia, na tentativa de entender seu tempo, mas ao mesmo tempo fornecer ferramentas para eliminar ou aplacar o mal-estar que era vivido¹¹¹. Da mesma forma como as teorias

¹⁰⁹ NEVES, M. S. op. cit. p.38

¹¹⁰ ALENCAR, M. C. F. de. op. cit. p. 23

¹¹¹ GRUNER, C. **Paixões torpes, ambições sórdidas**: controle social, cultura e sensibilidade moderna em Curitiba, fins do século XIX e início do XX. 2012. 341 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012. Cap. 2, p. 83

higienistas que nortearam a modernização das cidades, ao mesmo tempo diversas outras disciplinas discutiam sobre a condução do país para a civilização moderna, tendo em comum nesses debates o fio condutor do determinismo, darwinismo social e o racismo. É importante ressaltar aqui que apesar de emergente e de ocupar grande parte das discussões acadêmicas e intelectuais como um todo, estas teorias não são homogêneas ou únicas, haviam aqueles que se sentiam receosos com a aceitação desses determinismos e propunham outras interpretações, porém, para o caso dos literatos que se aproximaram do realismo-naturalismo como estilo, são justamente essas as ideias que os influenciam e, para além disso, são elas incontestáveis, pois apoiavam-se na ciência positiva.

Em um embate de visões de mundo, os intelectuais do período que se identificavam com as novas ideias e debates, indo além das críticas sociais, políticas e econômicas, verão no Romantismo o representante literário desse mundo antigo que deveria ser combatido. Para eles, “o Romantismo era um pensamento idealista e conservador, contrário às novas idéias do século, que exigia uma visão mais realista e positiva”¹¹². Este estilo literário era visto como estando intimamente ligado ao império, representante mesmo da base ideológica do poder que combatiam.

Pelo caráter cosmopolita que o Rio de Janeiro vinha tomando, como centro do império e sede da corte, além do próprio patrocínio oferecido pelo Imperador aos artistas, a capital era o local mais propício para a disseminação de seus trabalhos, desde que aos moldes do império, que para os cientificistas da época, será sinônimo de Romantismo, um dos responsáveis por manter o Brasil naquele estado atrasado, pois havia criado uma imagem deturpada e superficial da realidade brasileira ao se concentrar em fantasias metafísicas, enquanto pela ciência e a escrita realista-naturalista, seria possível mostrar a realidade como ela é. Neste sentido, “o Naturalismo faz do romance uma tese científica com críticas à decadência social”¹¹³, preocupados com os aspectos patológicos que suas personagens podem ter, elas “serão condicionadas pelas máximas deterministas, os enredos terão seu conteúdo determinado pelos princípios de Darwin e Spencer, ou pelas conclusões pessimistas das teorias científicas raciais da época”¹¹⁴.

¹¹² ALENCAR, M. C. F. de. op. cit. p. 27

¹¹³ ALMEIDA, G. A. op. cit. p. 9

¹¹⁴ SCHWARCZ, L. M. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 32

O embate entre naturalismo e romantismo, representando as províncias e o centro, no entanto, não fica somente no campo da literatura, mas se torna um debate sobre toda a cultura brasileira, uma vez que autores provincianos viam no Rio de Janeiro estruturas ainda muito arcaicas, mesmo durante a República, demasiada influência estrangeira, em especial francesa, além da predominância do romantismo, ou seja, não acompanhava as mudanças na intelectualidade e por isso não poderia representar o país, o que se torna um problema quando a vida cultural se concentra nessa cidade, já que ali os autores tinham maiores perspectivas de carreira. Silvio Romero, intelectual de destaque do período, bacharel em Direito e crítico literário oriundo de Sergipe, critica a atuação do Rio de Janeiro como centro do país, afirmando que em outros países o centro é responsável por desenvolver a cultura de seus “homens de gênio” e dar-lhes a glória devida, mas

No Brasil nunca se deu isto assim. Ao Rio de Janeiro ninguém veio jamais aprender; um poeta, um artista, um crítico, um escritor nada aqui tem a aproveitar. O espírito geral é o mais fútil; a cidade tem ares de uma feitoria estrangeira onde tudo é provisório, onde todos tratam de ganhar a sua vida em constante desconfiança mútua. O provinciano jamais veio aqui para desenvolver seu talento ou à procura de glória/ veio pedir *emprego*, tratando para isto de esvaziar sua cabeça das idéias que possuía e de encher as algibeiras de *cartas de empenho*. É o caso e quem puder que o conteste.¹¹⁵

Para esses intelectuais, portanto, a renovação cultural do país estava justamente nas províncias, livres dos vícios do centro, apoiadas nas novas ideias, na divulgação do pensamento alemão e no naturalismo. Era dali que deveria vir a representação nacional, já que seu centro falhava em fazê-lo.

Essa oposição entre província e centro revela a intenção dos naturalistas do Norte, de fazer da sua literatura nacional, justamente por sair de temas e representações pertinentes apenas ao Rio de Janeiro, ao mostrar os temas das províncias do Norte. Contudo, justamente por isso, acaba por ficar conhecida como uma literatura regionalista, uma vez que abordaram, em sua maioria, a seca, a fome e suas consequências. Porém, ao nos debruçarmos em uma obra como *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo, por exemplo, o que vemos são temas como o determinismo racial e geográfico, recorrentes em outras obras do período, inclusive as produzidas no Norte, aplicados em um contexto muito regional, que é a questão dos cortiços do

¹¹⁵ LEITE, D. M. **O Caráter Nacional Brasileiro**. 3. Ed. São Paulo: Pioneira, 1976, p. 583, apud. PASSOS, A. A. dos. *Pensamento em combate: Tobias Barreto na aurora da República (1869-1889)*. 2016. 231 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016, p. 77

Rio de Janeiro. É, portanto, mais uma questão sócio-política que escolhe qual representará o nacional e qual será “apenas” regional, do que uma questão de construção da obra.

Contra esse centralismo, Silvio Romero se coloca como defensor das contribuições intelectuais e culturais das províncias, se considerando mesmo o responsável por sua sobrevivência: “O ódio que me vota é em grande parte oriundo da justiça que tenho ousado fazer a ilustres escritores das províncias que ela, a crítica mesquinha, quisera sempre conservar em completa obscuridade, e não pôde; porque eu não deixei!...”¹¹⁶.

Para além da literatura, intelectuais do período, embasados nas novas ideias científicas, farão críticas parecidas em seus ambientes acadêmicos. Não só a literatura era demasiadamente metafísica, mas esta era também a crítica que a Escola de Recife¹¹⁷, da Faculdade de Direito de Recife, fazia aos seus contemporâneos, afirmando que os estudos jurídicos até então haviam sido muito pautados na ideia de livre arbítrio, baseados na ideologia metafísica cristã. Como alternativa, argumentavam que o Direito deveria se orientar pela ciência, pois as respostas para os problemas que ficavam cada vez mais evidentes com o avanço dos centros urbanos, como a criminalidade, a origem do crime e do criminoso, além das punições, deveriam ser buscadas em conjunto com as novas ideias da ciência, vindas da recém criada criminologia, da medicina e da psicologia.

Como demonstra Lilia Schwarcz em seu estudo sobre as instituições científicas criadas no fim do século XIX no Brasil¹¹⁸, as teorias raciais deterministas influenciaram a criação de diversas instituições brasileiras, como museus etnológicos, os institutos históricos geográficos e as faculdades de direito e medicina em todo o país. Compartilhando do objetivo de pensar um novo Brasil que se distanciasse de seu período monárquico, é a partir dessa visão científica determinista que as novas instituições de conhecimento serão guiadas. Ao interpretar essas teorias, a atenção dos intelectuais brasileiros se direcionará para a

¹¹⁶ ROMERO, S. História da Literatura Brasileira. Brasília, Instituto Nacional do Livro/MEC, 1978, p. 12 apud. PASSOS, A. A. dos. Op cit. p. 32

¹¹⁷ Movimento intelectual da segunda metade do século XIX que surge na Faculdade de Direito de Recife. Marcada pelo desejo pela inovação, sempre guiada por preceitos deterministas e evolucionistas a partir de autores como Spencer, Darwin, Littré, Le Play, Le Bon e Gobineau. Teve como membros Tobias Barreto, Silvio Romero, Clóvis Beviláqua e Joaquim Nabuco.

¹¹⁸ SCHWARCZ, L. M. op. cit.

questão racial, já discutida lá fora, mas que no país que era visto como um verdadeiro laboratório racial devido à grande miscigenação que ocorrera ao longo de sua história, o tema será central nas discussões.

Desta forma, os pensadores do período tomam para si o papel de pensar as diferenças raciais, seus impactos e maneiras de lidar com elas, gerando diversas interpretações originais das teorias importadas, selecionando, conforme convinha ao momento, o que devia ou não ser levado em conta nelas:

Do darwinismo social adotou-se o suposto da diferença entre as raças e sua natural hierarquia, sem que problematisassem as implicações negativas da miscigenação. Das máximas do evolucionismo social sublinhou-se a noção de que as raças humanas não permaneciam estacionadas, mas em constante evolução e 'aperfeiçoamento', obliterando-se a idéia de que a humanidade era una. Buscavam-se, portanto, em teorias formalmente excludentes, usos de difícil aceitação local em teorias e sucesso.¹¹⁹

Até o século XVIII era popularmente difundida a interpretação de que o ser humano possuía uma origem comum e única, somente depois teria se diferenciado em raças. No entanto, a partir do século XIX, em um esforço de negação à interpretação, pois possuía grande influência do criacionismo cristão e em defesa de uma teoria que fosse científica, objetiva e menos metafísica, defende-se uma origem poligenista, a qual supunha diversos pontos de origens, que teriam originado raças diferentes de acordo com o local e, portanto, resultado em povos em momentos distintos da evolução e com determinações biológicas diferentes. Enquanto os povos indígenas americanos e os povos africanos teriam, por exemplo, maior adaptabilidade ao calor, uma vez que sua região de origem seria mais quente, os europeus conseguiriam se adaptar melhor a climas amenos e frios. Esta teoria aparece na obra de Nina Rodrigues, médico e professor da Faculdade de Medicina da Bahia, publicada em 1894¹²⁰, ao discutir a miscigenação no Norte e no Sul do Brasil, quando afirma que pela boa adaptabilidade do negro ao clima americano, enquanto o branco tinha dificuldades, é necessário a miscigenação entre as raças

¹¹⁹ Ibidem, p. 18

¹²⁰ Nina Rodrigues foi médico e professor na Faculdade de Medicina da Bahia, na cadeira de medicina legal. Nesta obra, defende que a legislação penal brasileira deve levar em conta a diversidade das raças do país, mas principalmente, a sua diferença no estágio evolutivo da humanidade. Argumenta que índios e negros, por seu atraso evolutivo teriam menor capacidade de resistir a instintos e, portanto, estariam mais propensos a realizar crimes, enquanto os brancos, por serem mais evoluídos, teriam a capacidade de se controlar e discernir o que seria crime. Por isso, as penas deveriam ser diferenciadas de acordo com a raça do criminoso. RODRIGUES, R. N. **As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2011

para que o branco possa viver nos climas do Norte do país, porém, no sul se torna dispensável “porque aqui o branco não precisa do negro para se aclimar”¹²¹.

As raças não-brancas estavam fadadas a seu estágio evolutivo, deveriam passar pela evolução assim como os brancos, uma vez que não seria possível acelerar o processo apenas pela convivência social ou pela imposição de leis, pois *naturalmente* seriam incapazes de condizer com a vida civilizada, por serem biologicamente limitados¹²². Neste sentido, não adiantaria simplesmente punir não-brancos, pois no máximo ficariam com medo da autoridade, mas não seriam capazes de compreender seu erro, de ver o crime que cometiam porque para eles não seria crime, mas natural ter atitudes incivilizadas. Para esses pensadores, a evolução deixava essas raças mais próximas da animalidade do que da civilização.

A miscigenação, portanto, ao invés de representar um avanço, como na biologia para os animais, significava o retrocesso na evolução do branco, pois pela hereditariedade passava-se o que era de pior, ao invés de “melhorar” outra raça, fazendo com que a raça branca degenerasse por sua mistura, acontecendo o mesmo com casos de miscigenação entre negros e indígenas, sendo o resultado, ao olhar destes teóricos, a pior combinação possível. Mesmo negros e indígenas eram vistos como raças superiores quando comparados a mestiços, pois eram raças puras e não carregavam essas características negativas que eram passadas pela miscigenação.

Neste contexto, os intelectuais cientificistas trarão críticas à legislação penal brasileira, uma vez que “seja no novo código da república, seja no antigo código do império, tomou por base o pressuposto espiritualista do livre arbítrio para critério da responsabilidade penal”¹²³, sendo que a partir das teorias deterministas, via-se que na realidade não existia nenhuma liberdade de escolha, suas atitudes eram determinadas por sua raça e pelo ambiente em que vive. Somente a raça branca teria a capacidade para discernir uma atitude criminosa, como queria o código penal, enquanto a população negra, indígena e mestiça não conseguiria diferenciar, pois estavam fadados aos impulsos do instinto animal, não eram capazes de controlá-los, muito menos escolher não os obedecer. Em defesa deste argumento, Nina

¹²¹ Ibidem, p.38

¹²² Ibidem, p. 43-52

¹²³ Ibidem, p. 13

Rodrigues afirma que “torna-se cada vez mais fácil ao advogado, com os escritos dos alienistas em punho, demonstrar o caráter irresistível das impulsões criminosas que arrastaram o seu cliente”¹²⁴. Era a defesa da irresponsabilidade do acusado que buscavam esses profissionais, pois não poderiam ser responsabilizados por algo que não conseguem controlar e que a ciência da época estava mostrando estar ligado à própria formação biológica do ser e seu estado evolutivo.

Esta visão do criminoso, aqui representada pela argumentação de Nina Rodrigues, estará presente também na criação de ficções. O livro *Os Brilhantes*, de Rodolfo Teófilo apresenta personagens mestiças ou negras criminosas, impulsivas, incapazes de resistir à vingança, ao estupro e à violência em geral, enquanto o protagonista, sendo branco, apesar de criminoso, é perfeitamente capaz de distinguir quando se deve utilizar da violência para defender a si ou à sua família e impedir seus antagonistas de causarem mais danos. Desta forma, é possível perceber a repercussão de discussões como essas, que criam no imaginário da época uma representação de que criminosos cruéis e violentos são sinônimos de mestiços e negros, pois é assim que a ciência os define e é assim que a ficção os representa.

A criação de instituições de conhecimento no Brasil, como museus, institutos de pesquisa e mesmo as faculdades, responde a um contexto em que se fazia necessário pensar o país, para que lhe fosse criada uma identidade, uma história e uma memória que diferenciasses a nação recém independente de seu passado colonial. É apenas cinco anos após a independência que o imperador cria escolas de direito, que seriam responsáveis por pensar um novo código de leis, desvinculado do português. Para pensar a sua história, em 1838 é criado o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Os intelectuais neste momento, até meados do século XIX, são de um perfil socioeconômico homogêneo, visto que eram muito ligados às elites econômicas e possuíam formação, em sua maioria, na universidade de Coimbra ou em outras universidades europeias.¹²⁵

Contudo, com o aumento das classes médias, a mudança do eixo econômico brasileiro para o sudeste e o crescimento de instituições científicas em torno desses novos centros econômicos, ocorre uma maior diversificação do grupo

¹²⁴ Ibidem, p. 23

¹²⁵ SCHWARCZ, L. M. op. cit. p. 24-25

de intelectuais da segunda metade do século XIX, uma vez que parte das formações desses novos intelectuais passam a ser realizadas nas instituições locais. Torna-se mais difícil a definição de um perfil único para esses intelectuais que vinham de lugares diversos, pois enquanto alguns podem ter sua origem atrelada às elites agrárias, outros podem ser vistos como representantes de um novo grupo intelectual urbano que se opunham aos valores da burguesia tradicional proprietária de terra. Desta forma, é notável o surgimento de grupos intelectuais distintos, mais heterogêneos do que seus predecessores, com escolhas profissionais muito definidas por suas especializações do que por uma iminente carreira burocrática, como era comum até meados dos oitocentos¹²⁶. Vale lembrar que o século XIX é o período de expansão dos profissionais liberais, oriundos muitas vezes da emergente classe média, como médicos, advogados, engenheiros, entre outros, profissões às quais pertenciam grande parte desses intelectuais.

Além disso, é a partir da metade do século que os cientistas serão capazes de transformar a ciência em sua profissão de fato. A partir da década de 1870, momento da difusão de teorias deterministas, é possível perceber grupos de intelectuais formados ligados a institutos de pesquisa diferentes, como é o caso da já citada Escola de Recife, da Faculdade de Direito de Recife. Além do reconhecimento social, estes profissionais encontrarão um ambiente propício “para o início de uma discussão mais independente, de uma produção que se desvinculava, aos poucos, dos setores hegemônicos e umbilicalmente ligados aos grupos agrários”¹²⁷.

Um exemplo desta diversificação pode ser visto no caso das faculdades de direito de São Paulo e Recife, em que apesar de incumbidas do mesmo propósito, o de criar um novo código nacional, dessa vez para pensar o Brasil como república, cada escola partia de modelos diferentes, pois enquanto em São Paulo tinha-se preferência para modelos liberais, em Recife predominavam autores sociais-darwinistas. Colocando-se contra o predomínio da metafísica visto no direito da época, os pensadores da faculdade de Recife se autodenominarão “os renovadores da Escola de Recife”, baseados principalmente nas leituras “que Tobias Barreto fez dos filósofos alemães - Haeckel e Buckle – e da difusão de autores como

¹²⁶ Ibidem, p. 25-26

¹²⁷ Ibidem, p. 36

Spencer, Darwin, Littré, Le Play, Le Bon e Gobineau, entre outros”¹²⁸, assimilando teorias deterministas que serão aplicadas a diversas áreas, mas que molda sua visão de mundo. Estes cientistas acreditavam que estavam criando uma nova forma de pensar o mundo e a nação, na sua missão de levar o Brasil à civilização, muito mais realista, sem se deixar levar por metafísicas cristãs que viam uma unidade na raça humana e o livre arbítrio em suas atitudes. Para a Escola de Recife, a chave para entender, explicar e solucionar os problemas da nação era a raça, tudo passava por ela e deveria voltar a ela, em especial no que diz respeito à miscigenação. Já em São Paulo, a faculdade de direito será formada por intelectuais detentores de um discurso liberal que não chega a ignorar ou se contrapor às teorias raciais deterministas, mas que as incorpora cautelosamente, o que resulta em “um liberalismo de fachada, cartão de visita para questões de cunho oficial, [que] convivia com um discurso racial, prontamente acionado quando se tratava de defender hierarquias, explicar desigualdades”¹²⁹. O direito aqui é visto como o resultado de uma evolução social, produtor do progresso e da civilização, portanto, é sua função guiar a nação, “a academia paulista encontrava em si mesma – e só em si – o modelo de progresso tão aguardado”¹³⁰. Como uma escola que formou mais políticos e burocratas do Estado do que pesquisadores, como em Recife, a figura do Estado surge como um resultado evolutivo natural e o responsável pela organização da nação, a harmonização de suas diferenças. Desse modo, apesar de recusar ou assimilar comedidamente teorias raciais deterministas, não significa que deixavam de lado o evolucionismo, “os homens continuavam *desiguais*, porém passíveis de ‘evolução e perfectibilidade’ em função da ação de um Estado soberano e acima das diferenças não só econômicas como raciais”¹³¹.

Semelhante caso ocorrerá na medicina, uma vez que no Rio de Janeiro é possível ver um foco maior no descobrimento de doenças tropicais e programas higiênicos, enquanto na Faculdade de Medicina da Bahia a preocupação será entender como o cruzamento racial afetava a nação, “ou seja, enquanto para os médicos cariocas tratava-se de combater *doenças*, para os profissionais baianos era o *doente*, a população doente que estava em questão”¹³². Contudo, a raça

¹²⁸ Ibidem, p. 148-149

¹²⁹ Ibidem, p. 186

¹³⁰ Ibidem, p.177

¹³¹ Ibidem, p. 182

¹³² Ibidem, p. 190

permanecerá como eixo de discussão para as duas vertentes, uma vez que os médicos cariocas entendiam a simples convivência de diversas raças diferentes de imigrantes no país, com suas constituições físicas diferentes já eram o suficiente para gerar muitas doenças, enquanto os médicos baianos verão na figura do mestiço a chave para entender a loucura, a degeneração, o crime e o criminoso, pois estaria em sua natureza o descontrole de seus instintos, além da incapacidade de entender certas atitudes como criminosas, devido a seu estado de evolução mental. A questão racial é presente, mesmo que com aplicações e importâncias diferentes, em ambas as regiões, com a aproximação à criminologia no caso baiano e do higienismo no carioca.

É a partir desses debates que Nina Rodrigues apresenta sua defesa de uma reformulação do código penal em sua obra *As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil*. Professor da Faculdade de Medicina da Bahia, promotor das recém-criadas disciplinas de medicina legal e antropologia criminal, ele defende que a responsabilidade de criminosos acusados deveria levar em consideração as discussões acerca da raça, pois as diferenças nos estágios de evolução biológica de cada uma resultariam em níveis diferentes de culpa e, portanto, deveriam ter penas diferentes. Citando Enrico Ferri, autor da escola de criminologia italiana, grande influência para a Faculdade de Medicina da Bahia, assim como para a Escola de Recife, Nina Rodrigues questiona aos seus contemporâneos porque os debates sobre a liberdade moral dos criminosos limitam-se a questões clássicas como “menoridade, surdo-mudez, loucura, embriaguez, sono?” Enquanto Ferri pede ainda que fossem acrescentadas questões como a instrução e educação recebidas, “os metros cúbicos de ar respirado nas pocilgas das nossas grandes cidades”, a profissão, estado civil, condições econômicas e temperamento do acusado, o médico baiano acrescenta, “porque, pois, não admitir também a raça?”¹³³. Ele defendia que o código de leis brasileiro estava deixando de considerar a capacidade do acusado de conter seus instintos por não levar em conta o peso da raça em suas atitudes, pois determinados por ela, aqueles que eram considerados de uma “raça inferior” estavam mais longes da civilização, eram atrasados evolutivamente e por isso não seriam capazes de distinguir atos criminosos ou se guiar por um código criado por brancos civilizados. Alguns poderiam até mesmo se conter pelo medo de

¹³³ RODRIGUES, R. N. op. cit. p. 26-27

represálias ou violência, “mas absolutamente não terão consciência de que seus atos possam implicar a violação de um dever ou o exercício de um direito, diversos daquilo que até então era para eles direito e dever”¹³⁴. As atitudes que eram criminosas para a sociedade civilizada eram naturais para outras raças, que eram biologicamente incapazes de contê-las ou mesmo compreendê-las. Por este motivo as penas aplicadas nestes casos deveriam ser mais brandas e considerar tais características.

Para compreender melhor esse posicionamento, é interessante pensarmos na discussão que trazia Cesare Lombroso, médico italiano fundador da escola de criminologia italiana e da disciplina de antropologia criminal, conhecida também como criminologia. Em sua obra *L'uomo delinquente*, publicada em 1876, o médico busca demonstrar este atraso evolutivo nas raças humanas ao compará-los a “atitudes criminosas” verificadas em animais, como o infanticídio, perversões sexuais, canibalismo, entre outros, que também eram vistas em seres humanos “selvagens” que não as consideravam crimes, mas faziam parte de sua cultura, o que, para o autor, demonstraria que essas raças “menos evoluídas” estariam mais próximas dos animais do que do ser humano civilizado, afinal, entre elas “e os animais, ‘o crime não é exceção, mas regra quase geral’”¹³⁵.

Apesar desses cientistas oitocentistas não se configurarem como um grupo homogêneo, seja por questões econômicas, de interesses regionais ou profissionais, a visão que tinham de que a ciência traria todas as respostas que o período exigia e a convicção de que exerciam um papel fundamental na condução do país para a modernidade e a civilização era o que os unia em uma identidade semelhante. Devido também ao seu número reduzido, era possível o intercâmbio entre as diferentes instituições “que lhes garantia, de um lado, certo reconhecimento, de outro, certa polivalência, que nesse caso encobria a parca especialização, ou mesmo a frágil delimitação das áreas de saber”¹³⁶.

Como parte desses intelectuais, os literatos do período transitavam entre todos esses debates e no caso dos escritores naturalistas, levavam estes conhecimentos para suas obras, buscando realizar uma literatura fiel à realidade ao

¹³⁴ Ibidem, p. 44

¹³⁵ GRUNER, C. op. cit. p. 93

¹³⁶ SCHWARCZ, L. M. op. cit. p. 37

basear-se em conceitos e metodologias científicas, sem nos esquecermos que muitos deles eram médicos, farmacêuticos, juristas, engenheiros e tantas outras profissões que os incluíam nas discussões científicas do período, uma vez que eram poucos os que conseguiam realmente viver somente de sua escrita.

A crítica literária também será influenciada pelo período. Autores como Silvio Romero, jurista da Escola de Recife que carregava as máximas deterministas com muito afinco, tendo inclusive se exaltado com a sua banca de doutorado, quando um membro tentou argumentar sobre a metafísica no direito, e o autor afirmou que não havia metafísica e sim a lógica, que o progresso e a civilização a havia matado, ao que se retirou da sala, afirmando que não estava ali para aturar aqueles ignorantes¹³⁷. Tamanha era sua crença no modelo de ciência que seguia, que Romero julgava inclusive obras literárias a partir dessas lentes, mas não era o único, outros críticos do período também pautarão suas análises a partir dos determinismos, em busca de uma verdade na literatura realista. Assim como os escritores naturalistas, estes críticos cultivavam grande aversão ao romantismo e buscavam nas obras cada vez mais atenção às leis naturais e aos métodos científicos. “Esses ‘juristas literatos’ chegavam mesmo a inserir em suas obras referências aos grandes cientistas da época, fazendo dessa forma a ponte necessária para que tais romances se tornassem quase literalmente científicos”¹³⁸.

2.2 PÃO PARA O ESPÍRITO: O AMBIENTE LITERÁRIO DE FORTALEZA

Como apresentado anteriormente, Rodolfo Teófilo faz parte desse grupo de intelectuais do fim do século XIX que depositavam a sua fé na ciência determinista, devido a seu ingresso na Faculdade de Medicina da Bahia. A partir dos debates nos quais se inseriu, levou para sua vida não só a crença de que a civilização viria com a ciência, mas os preceitos deterministas que influenciaram sua visão de mundo e são construídos ao longo de sua obra literária. No entanto, Teófilo não escreve na faculdade da Bahia ou de Recife, sua produção literária é realizada em Fortaleza, no Ceará, em paralelo à sua atuação como farmacêutico.

¹³⁷ Ibidem, p. 148

¹³⁸ Ibidem, p. 151

A Fortaleza da segunda metade do século estava passando por mudanças como diversas outras cidades do país no período. Entre as novidades, estava a consolidação de uma literatura própria e uma cena literária muito rica. Grupos de debate, crítica e criação literária movimentam os cafés da cidade, onde se encontravam autores e intelectuais, criando um ambiente de troca de experiências, uma rede de contatos e influências que vão construindo ao longo deste fim de século um ambiente literário local movimentado. Além disso, os jornais terão papel importante na difusão dessa cena local, até mesmo porque diversos dos membros desses grupos são participantes ou mesmo criadores de jornais que atuavam na circulação dos ideais e debates desses intelectuais e literatos. É importante lembrarmos, para entender a extensão dessas redes de contato, que os escritores desse período dificilmente viviam apenas da renda de sua obra e acabavam por exercer diversas funções e atuar em várias frentes. Teófilo mesmo, era proprietário de uma farmácia ao mesmo tempo em que escrevia romances, poesias, obras científicas, atuava em jornais e junto a grupos literários.

A agitada vida literária cearense contava, na metade do século XIX, com mais de 100 agremiações, entre Fortaleza e outras cidades, sendo que grande parte da produção literária, de jornais e revistas que circulavam vinham destas organizações¹³⁹. Mesmo com objetivos diversos, a literatura era sempre patente, seja nas discussões privadas ou públicas, fossem criadas a partir do movimento abolicionista, com objetivos filosóficos ou propriamente para a movimentação literária da ciência, esses grupos tinham em comum a vontade pelo aperfeiçoamento cultural cearense.

Seguindo as mudanças que eram realizadas na cidade, à fim de modernizá-la e colocá-la nos trilhos da civilização, esses intelectuais viam na produção de literatura, arte e ciência uma forma de cultivar a cultura na província e levar sua população à civilização, aperfeiçoá-la. O problema, para eles, é que viam grande resistência das pessoas, que não demonstravam interesse nos assuntos, reclamavam que na capital do país, local de grande produção e incentivo às produções, já era difícil quebrar estas barreiras, quando se tratava das províncias distantes do Norte isso só se complicava.

¹³⁹ PINHEIRO, C. R. op. cit. p. 33-34

No entanto, tais complicações não impediram que esse grupo de escritores e intelectuais se juntassem para debater sobre política, filosofia, ciência, e claro, literatura. É a partir dessas redes de sociabilidade que se criavam contatos, influências e se divulgava um trabalho. Criou-se nesses cafés e salões ambientes de socialização essenciais para a produção literária da cidade. Uma vez que o interesse da população era ínfimo, restavam essas redes de apoio, as quais, mesmo quando uns criticavam os outros acidamente, entendia-se seu valor para a permanência da vida literária e o aperfeiçoamento cultural que desejavam, afinal, desta forma liam-se uns aos outros.

Além de levar a população cearense ao caminho da “civilização”, este aperfeiçoamento cultural era, para os intelectuais das classes médias do período, uma forma de ascensão social, conciliando-se com a expansão das faculdades pelo país, não seria mais necessário ir até Portugal, por exemplo, para adquirir uma formação profissional e científica. É o caso de Rodolfo Teófilo, quando se vê preso em uma rotina de trabalho pesado e, negando um futuro sem perspectiva, compreendeu que deveria estudar, mesmo que à noite, na duração que sua vela permitisse e, mais tarde, buscou apoio para que pudesse ir à Bahia estudar e voltar ao Ceará para criar sua farmácia. A ciência e as letras tinham uma importância muito grande na própria vida desses intelectuais, tal a sua crença no aperfeiçoamento cultural através da literatura, arte e ciência.

A vida literária cearense se expande à medida em que a província se desenvolve material e culturalmente, dando origem às diversas associações literárias, revistas e jornais. É um período propício a esta efervescência, visto que o desenvolvimento econômico e tecnológico durante o século causa grande movimentação do porto de Fortaleza, permitindo que diversas obras do exterior possam chegar mais rapidamente à cidade, mas também ampliar a comunicação interna do país, gerando maior intercâmbio entre as diferentes províncias, divulgação das obras, críticas e troca de ideias por todo o país, ainda que precária devido a seu início. A isso acrescenta-se, em um contexto global, as inovações tecnológicas que possibilitaram a expansão do romance, devido às impressões em massa, ou mesmo a ampliação da alfabetização, mais expressiva na Europa do que no Brasil, mas que começa a ter seus efeitos, com o aumento das faculdades, escolas e instituições de conhecimento no país.

As atividades de associações em torno da literatura cearense, no entanto, datam desde o início dos oitocentos, com a criação dos *Oiteiros*, em 1813, grupo que produzia poesias para elogiar o governador e celebrar seus feitos em reuniões que eram realizadas no palácio do governo da província, onde homens letrados recitavam poemas, sonetos, romances heroicos, entre outras formas de expressão literária. Os Oiteiros foram importantes para o desenvolvimento de uma sociabilidade literária. Após o surgimento do grupo, Charles Ribeiro Pinheiro resume a atividade intelectual e jornalística na província:

surgiu o primeiro jornal cearense, o *Diário do Governo*, cujo primeiro número é de 1 de abril de 1824. Em 1840, os partidos políticos se organizaram em Conservador e Liberal e publicaram, respectivamente, o *Pedro II* e *O Liberal*. Thomaz Pompeu de Sousa Brasil (1810-1877) faria circular o jornal *O Cearense*, publicação de ordem política, mas que divulgava algumas produções literárias. Em 1845, surge o Liceu. Em 1849, instala-se a primeira loja em Fortaleza, do português Manuel Antônio da Rocha (?-1871) que vendia e alugava livros. Depois, na Praça do Ferreira, é inaugurada outra livraria, a de Joaquim José de Oliveira (?-1900). É de 1856, a publicação dos *Prelúdios Poéticos*, livros com poemas românticos de Juvenal Galeno (1838-1931), marco inicial da Literatura cearense, segundo Antônio Sales. Em 1867, a Biblioteca Pública é inaugurada.¹⁴⁰

É a partir da década de 1870 que começam a se desenvolver as associações literárias, visto que até então haviam reuniões que até mesmo discutiam literatura, mas esta não era o foco dos grupos que, no geral, encontravam-se para debater política. Rocha Lima, colega de colégio de Rodolfo Teófilo, aos 15 anos de idade organiza a *Fênix Estudantil*, que visava reunir jovens letrados preocupados com o aperfeiçoamento cultural cearense. Este mesmo grupo, alguns anos depois será o responsável pela formação da Academia Francesa, que apesar de sua curta duração de três anos, teve grande repercussão nacional. Seus membros eram Rocha Lima¹⁴¹, Araripe Jr. Júnior¹⁴², Tomás Pompeu¹⁴³, Capistrano de

¹⁴⁰ Ibidem, p.75-76

¹⁴¹ Raimundo Antônio da Rocha Lima, nascido em 1855 em Fortaleza/CE e falecido em 1878, foi escritor e poeta cearense, estudou Direito na Faculdade de Direito de Recife e foi membro da Academia Cearense de Letras.

¹⁴² Tristão de Alencar Araripe Júnior, nascido em 1848 em Fortaleza/CE e falecido em 1911, foi crítico literário, escritor e advogado, estudo Direito na Faculdade de Direito de Recife e foi membro da Academia Brasileira de Letras, na qual fundou a cadeira 16.

¹⁴³ Tomás Pompeu de Sousa Brasil, nascido em 1852 em Fortaleza/CE e falecido em 1877, filho do Senador Pompeu, de quem herdou o nome, foi um escritor, advogado, político ligado ao Partido Liberal e redator do periódico *Cearense*.

Abreu¹⁴⁴, João Lopes¹⁴⁵ e Xilderico de Farias¹⁴⁶. A associação, assim como outras posteriormente, realizavam reuniões nas quais faziam leituras coletivas e comentários na casa de algum dos membros, além de discutir e divulgar “as recentes novidades do pensamento moderno: positivismo, evolucionismo, determinismo, etc.”¹⁴⁷. Como parte de sua busca pelo aperfeiçoamento cultural do povo cearense e a crença de que através disso se chegaria à civilização, a associação oferecia aulas gratuitas a operários durante a noite a partir da criação da *Escola Popular*. A Academia Francesa teve grande participação na entrada das ideias positivistas e cientificistas na província cearense, além de ter criado um modelo de associação literária que seria seguido pelas que viriam posteriormente. Além disso, não deixou de lado as discussões políticas, sendo presente os debates acerca da situação enfraquecida da monarquia e a escravidão, vistos como motivos do atraso político e cultural brasileiro.

Outra associação a ser destacada é o *Clube Literário*, idealizado pelo escritor João Lopes, membro do Centro Abolicionista e antigo membro da Academia Francesa, e criado em 1886 a partir das ideias de jovens abolicionistas. O grupo publicava o periódico *A Quinzena* e tinha como objetivo popularizar as ideias modernas que chegavam da Europa¹⁴⁸. É a partir deste objetivo que começam a chegar no Ceará discussões sobre o Naturalismo, seja através da revista ou das sessões noturnas, “o grêmio contribuiu admiravelmente para a renovação das letras no Ceará; com o conhecimento que se passava nos grandes centros é que os nossos escritores foram pouco a pouco aderindo à nova corrente, o Realismo”¹⁴⁹, que vão começar a ganhar espaço ao lado dos românticos. Rodolfo Teófilo também contribuiu para a revista do grupo, mas não pelo viés literário e sim pelo seu trabalho científico, através das colunas de História Natural e Ciências Naturais e os contos científicos que eram compostos por diálogos entre ele e sua esposa, situado no seu sítio em Pajuçara, nas redondezas de Fortaleza, nos quais discutiam de maneira a

¹⁴⁴ João Capistrano Honório de Abreu, nascido em 1853 em Maranguape/CE e falecido em 1927, foi historiador formado no curso de humanidades em Recife.

¹⁴⁵ João Lopes Ferreira Filho, nascido em 1854 em Cascavel/CE, foi jornalista, professor e político, iniciou os estudos em Direito na Faculdade de Direito de Recife, mas abandonou o curso e se dedicou ao jornalismo. Foi eleito deputado do Congresso Nacional em 1890.

¹⁴⁶ Xilderico Araripe de Farias, nascido em 1851 em Fortaleza/CE, falecido em 1876, foi escritor, poeta, juiz municipal no Estado do Pará, tendo estudado direito na Faculdade de Direito de Recife.

¹⁴⁷ PINHEIRO, C. R. op. cit. p.78

¹⁴⁸ Ibidem, p. 84

¹⁴⁹ AZEVEDO, S. de. **Literatura Cearense**. Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1976, p.92

ensinar sobre a natureza, de forma a lembrar os diálogos de Platão acrescidos de um forte cientificismo naturalista:

Voltamos ao lago, ao caminho a minha companheira disse-me: - Já a sensitiva recolhe-se, fecha as folhas e vai dormir, e as donzelinhas ainda voltejam sobre as águas! Aproveitam até o último raio da luz crepuscular! No voo rápido fendem com a ponta da asa a água como as andorinhas. Divertem-se muito, não é assim? - Não, fazem pela vida. Caçam e entregam às águas o fruto de seus amores. - Caçam! E elas não vivem como as borboletas do mel das flores? - Não sabes a história destes insetos. Se conhecesses melhor a *Entomologia*, parte da história Natural que os estuda, saberias que as donzelinhas ou libelinhas são insetos *neuropteros* carnívoros¹⁵⁰

Nos anos 1890, teremos a presença da revista *Moderna*, que tinha como editor Adolfo Caminha, escritor naturalista, e a formação da *Padaria Espiritual* para movimentar a vida literária cearense. A revista surgiu com a mesma intenção dos grupos anteriores, para demonstrar a importância da literatura na vida das pessoas em meio a uma sociedade que a negligenciava, trazendo as novidades literárias e realizando críticas, tendo como foco a literatura e deixando um pouco de lado a política que aparecia nos outros periódicos da época para falar sobre cultura. Adolfo Caminha publicou algumas críticas já no primeiro ano da revista (1891), sobre livros lançados no ano anterior, incluindo *A fome*, de Rodolfo Teófilo, considerado o inaugurador dos romances naturalistas no Ceará, ao qual Caminha teceu críticas negativas, alegando ser demasiado cientificista e possuir pouco estilo literário. Nesta década o Clube Literário já havia acabado e a revista *Moderna* buscava preencher o vazio que ficara nas discussões literárias.

No mesmo período, a Praça do Ferreira, localizada no centro de Fortaleza, será lugar de efervescência da vida literária da cidade, repleta de cafés inspirados nos franceses que buscavam uma atmosfera moderna, frequentada por artistas, escritores e intelectuais. No Café Java, situado na mesma praça, reunia-se com frequência um grupo de jovens intelectuais que já estavam ficando conhecidos como o Grêmio do Café Java. Não querendo se tornar somente um bando de boêmios, decidem formar uma associação para fazer a diferença na vida literária cearense. Criaram assim, em 1892, a chamada *Padaria Espiritual*, para servir alimento ao espírito da população cearense, através de seu periódico, *O Pão*.

¹⁵⁰ A Quinzena, Ano I, nº 12, 05 de julho de 1887, p. 94 apud. PINHEIRO, C. R. op. cit. p. 89

O grupo de boêmios, em sua maioria “caixeiros, funcionários da alfândega, escritores menores, oriundos dos setores médios e baixos de Fortaleza e do interior cearense”¹⁵¹, colocados à margem da alta sociedade e burguesia dos encontros no passeio público, preferia frequentar os cafés da praça e esse pensamento influenciou a sua criação, pensada para ser um novo tipo de associação, que não imitasse as anteriores, “com um caráter formal de academia-mirim, burguesa, retórica e quase burocrática”¹⁵², nas palavras de Antônio Sales, fundador do grupo. Com o intuito de abalar a burguesia local, além de movimentar a vida literária da cidade, a primeira reunião da Padaria, chamada de *fornada*, terminaria em uma festa com os membros, que chegaria às ruas acompanhada de muita música. Mesmo caracterizada pela controvérsia e polêmica, a associação terá repercussão por todo o país, com diversos jornais publicando seu programa de instalação, publicado no primeiro número do *Pão* com o intuito de estabelecer as diretrizes do movimento.

A Padaria demonstra grande preocupação com a formação do público leitor cearense, assim como grupos anteriores, como a Academia Francesa e suas aulas gratuitas, mas também o Clube Literário, que discutia em suas reuniões, privadas ou públicas, a importância da leitura, literatura e o conhecimento em geral, ou então o Gabinete Cearense de leitura, “um centro de estudo com quase dois mil volumes, sendo algumas obras raras, [que] criou um curso de conferências públicas, aulas de língua e ciências e um curso noturno de instrução primária”¹⁵³. Ou seja, fica evidente o interesse desses grupos em ampliar tanto o volume de escritos literários, quanto o público leitor, de acordo com seus ideais de aperfeiçoamento espiritual, mas também com o objetivo de criar mais pessoas para receberem e apreciarem a literatura produzida no estado e no país como um todo.

Demonstrando o descontentamento com a falta de interesse da população de Fortaleza com a leitura e reforçando a necessidade, para esses autores, de um aperfeiçoamento espiritual na cidade, Adolfo Caminha, escritor e membro de algumas das associações citadas, dentre elas a Padaria Espiritual, escreve em uma

¹⁵¹ BRITO, L.; MARTINS, R. A. F. A consolidação do campo literário cearense e do público leitor em fins do século XIX: o caso da padaria espiritual e outros grupos de homens de letras. **Patrimônio e Memória**, São Paulo, v. 14, n. 1, jan./jun. 2018., p.432

¹⁵² SALES, A. Retratos e lembranças / 2ª edição. Fortaleza: SECULT, 2010, p.17, apud. PINHEIRO, C. R. op. cit. p. 95

¹⁵³ BRITO, L.; MARTINS, R. A. F. op. cit. p. 433

de suas crônicas, alfinetando a burguesia local que passava seu tempo no Passeio Público, que

A capital do Ceará, encantadora como uma perola do Oriente, bela como a concheceis, é, entretanto, uma cidadezinha sofrivelmente atrasada com laivos de civilização. Si temos duas livrarias, em compensação não lemos livros que prestem. Para matar o tédio que nos mina e consome a existência, somos obrigados a ir, às quintas-feiras e aos domingos, ali ao Passeio Público exibir a melhor de nossas fatiotas e o mais hipócrita e imbecil de nossos sorrisos.

Não vivemos – vegetamos.¹⁵⁴

Apesar desse caráter mais descontraído e a proposta boêmia, ainda se mantinha a tradição que vinha da Academia Francesa, da leitura crítica, na qual durante as reuniões liam-se obras modernas, seguidos de comentários críticos dos participantes, forma de criar uma sociabilidade literária que se repetia nos grupos criados com este intuito. Esta fase boêmia, no entanto, durou apenas um ano, quando a Padaria se desfez em 1893 e contou com seis publicações do seu jornal. A segunda fase se iniciou em 1894, com a adição de mais 14 membros e a dissolução do *Forno*, a sede onde eram realizadas as reuniões e estas passaram a ser revezadas entre as casas dos padeiros¹⁵⁵.

Na sua segunda fase, o grupo contará com a participação de Rodolfo Teófilo, que será seu último padeiro-mor, o presidente da associação. Reservado, Teófilo não compartilhava do gosto dos outros padeiros pela vida noturna dos cafés e por isso, quando assume como padeiro-mor move as reuniões para seu sítio, que acabou se tornando o local fixo para as fornadas. Com o fim da Padaria, em 1898, ele e sua esposa, vista como uma patrona do grupo nesta segunda fase, ficarão como guardiões do estandarte do grupo até sua morte, em 1932. Este é o período em que Teófilo se consolidará como romancista, com a publicação de *Os Brilhantes* em 1895, *Maria Rita* em 1897 e *Violação* em 1898, todos publicados com o distintivo da Padaria Espiritual e acompanhados de uma dedicatória aos companheiros¹⁵⁶.

A principal característica da Padaria Espiritual será sua oposição e ferrenha crítica ao que os autores chamam de burguesia, as classes médias que não ligavam para a literatura e inclusive, de acordo com eles, consideravam perda de tempo publicar um jornal em uma cidade onde tão poucos eram letrados. Eram uma

¹⁵⁴ Adolfo Caminha, *O Pão*, 1892, p.01, apud. BRITO, L.; MARTINS, R. A. F. op. cit. p. 434

¹⁵⁵ PINHEIRO, C. R. op. cit. p. 100

¹⁵⁶ *Ibidem*, p. 107

burguesia que, ao olhar dos literatos, só se preocupavam com a modernidade material de Fortaleza e descartavam o aperfeiçoamento cultural que estes tanto desejavam proporcionar. E é no intuito de abalar essas estruturas de pensamento que se formara o grupo, repetindo os apelos de associações anteriores, para chamar atenção para a literatura e sua importância na busca pela “civilização”.

A segunda fase da Padaria Espiritual veio acompanhada de um aumento nessa rede de contato entre os literatos, expandindo para outros estados, como conta Antônio Sales:

Quando transferi minha residência para o Rio de Janeiro, ao ser apresentado a alguém, vinha invariavelmente a pergunta: É da Padaria? E o mesmo se deu em São Paulo, em Minas e no Rio Grande do Sul. A importância que tomara nossa associação nos fez compenetrarmos de nossa responsabilidade, e nos ditou o dever de correspondermos à expectativa pública¹⁵⁷

Além da fala de Antônio Sales, é possível perceber o alcance que a associação terá pela circulação de revistas e panfletos recebidos para a biblioteca da Padaria como uma forma de troca entre organizações de todo o país, o que gerou no jornal *O Pão*, duas sessões para comentar estes exemplares recebidos, para dar visibilidade a eles. Através disso, percebe-se a troca com jornais e organizações do Rio de Janeiro, São Paulo, Pernambuco, Ouro Preto, Goiânia, Salvador, Curitiba, entre outros¹⁵⁸. Não só a Padaria Espiritual, no entanto, contará com esta ampliação para além da província, uma vez que este era um interesse também das outras agremiações, como por exemplo, o Clube Literário, que em sua busca por trazer as últimas discussões da Europa e de outras regiões do país, contava com correspondentes no Rio de Janeiro e em Santa Catarina, além de ter sido sua revista *A Quinzena*, a responsável por levar ao território cearense a obra de Aluísio Azevedo¹⁵⁹ e assim contribuir com o desenvolvimento do Naturalismo, uma das atualidades no que diz respeito à literatura.

Ainda nos anos 1890, mais especificamente em 1894, serão criadas outras associações, o Centro literário, do qual Rodolfo Teófilo fez parte, e a Academia Cearense, esta como uma forma de institucionalização das letras na província. Esta

¹⁵⁷ SALES, A. Retratos e lembranças / 2ª edição. Fortaleza: SECULT, 2010, p.21 apud. Ibidem, p. 105

¹⁵⁸ MENDES, L. Vida Literária em o pão da padaria espiritual, Fortaleza, 1892-1896. **Revista Interfaces**, Guarapuava, Pr, v. 2, n. 17, jul./dez. 2012, p. 65

¹⁵⁹ MARQUES, R. de A. **A nação vai à província**: do romantismo ao modernismo no Ceará. 2015. 173 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015. p. 84-85

movimentação demonstra uma consolidação da vida literária nessa década. A Academia, seguindo o mesmo desejo de aperfeiçoamento da população, insistirá na ampliação do ensino, desde o nível primário ao superior, demonstrando grande preocupação com a instrução pública. Rodolfo Teófilo entrará para associação, que mais tarde se torna Academia Cearense de Letras, ocupando a cadeira 33, da qual é patrono.

É importante pensarmos que em seu contexto, toda essa expressão literária é muito limitada a um grupo seleto de letrados, uma vez que a província era em sua maior parte analfabeta. Os debates destes literatos acabavam por ficar restritos a si mesmos, pois eram os intelectuais que debatiam essas questões que liam uns aos outros e a discussão não chegava à população geral, ou seja, não causava um efeito imediato na sociedade, apesar das ações dos grupos e associações que davam aulas gratuitas, uma vez que a ação não estava ligada a um sistema de ensino básico público, por exemplo. Contudo, não podemos deixar de reconhecer que tal movimentação certamente teve seus efeitos, se não imediatos, a longo prazo, ao movimentar a sociedade e fazer presente a literatura e arte em geral. Gerações posteriores partirão de um ambiente que foi criado por esses intelectuais. Além disso, devemos considerar que, mesmo um grupo restrito, estes letrados ao trocarem experiências, críticas, opiniões, estão desenvolvendo um ambiente literário, influenciando suas obras e sendo influenciados por seus companheiros, o que garante um caráter próprio à sua literatura.

Fazia parte da visão de mundo e ideal desses intelectuais cearenses ver-se como verdadeiros salvadores da humanidade, responsáveis por lutar contra a ignorância e agir de forma a colocar a sociedade nos trilhos da civilização. É assim que podemos ver a atitude da Academia Francesa, ao oferecer aulas gratuitas aos operários ou mesmo a atitude de Rodolfo Teófilo, ao buscar aprender a criar sua própria vacina e não só distribuí-la gratuitamente, mas ir até as pessoas pobres que viviam em situações precárias e ainda persuadi-las a aceitar tomar a vacina, para que fosse vencida a doença, parte de uma visão sanitarista que andava junto com esses ideais de uma missão civilizadora, a qual, para eles, somente esses intelectuais poderiam cumprir.

Esse otimismo em face à “civilização”, no entanto, será abalado nos anos após a proclamação da República. Esses letrados engajados que vinham de círculos republicanos e abolicionistas, viram o Ceará pioneiramente¹⁶⁰ abolir a escravidão, levados pelo otimismo de que essa era uma época de evolução na sociedade, de progresso e que tinham seu papel como protagonista sendo confirmado, verão com a consolidação da República, que deveria ser a expressão destes ideais progressistas, apenas a repetição das estruturas imperiais, o crescimento das cidades se mostrava mais problemático do que benéfico, o progresso que almejavam com a destituição do império não parecia estar mais perto.

É com grande pessimismo que esses literatos encaram a década de 1890. Se é necessário pensar em uma identidade cearense, os olhos se voltam para o sertão e não para as cidades que se tornavam cada vez mais representantes dos vícios e da miséria, prejudicada pela influência das secas e o descaso governamental. Enquanto na primeira fase do jornal *O Pão* praticamente inexistia a presença do campo e, quando aparecia era apenas para demonstrar a força do cearense que pela seleção natural do enfrentamento das secas e condições climáticas extremas era o mais propenso à civilização¹⁶¹, na sua segunda fase o campo ganha um aspecto positivo, como algo intocado pelas mudanças modernas, que ainda pode atingir a almejada transformação, é lugar de pureza e ingenuidade. É feita uma leitura idealizada da cidade para o campo, que não o considera em todas as suas dimensões, mas seleciona aquilo que é conveniente, “uma realidade bem selecionada pelo olhar de quem está no campo para passar uma temporada, para encontrar descanso ou inspiração poética no contato com a *natura*”¹⁶².

No romance de Adolfo Caminha *A Normalista*, publicado em 1893, o cenário que o autor escolhe para falar da seca de 1877 não é o campo, mas a cidade de Fortaleza da década de 1880, regada pelos códigos de posturas, pela modernidade violenta e transformada pela presença dos retirantes e políticas de combate às epidemias que transformaram o ambiente urbano no lugar de vícios, sujeira e imoralidade. Para esses escritores que falaram sobre a seca, a preferência de

¹⁶⁰ A província do Ceará foi a primeira do país a abolir a escravidão, em 25 de março de 1884.

¹⁶¹ ALENCAR, M. C. F. de. op. cit. p. 48-49

¹⁶² Ibidem, p. 50

cenário será a cidade e não o campo, pois é onde eles como moradores urbanos a viam se tornar um problema.¹⁶³

Mesmo o sertanejo e o sertão de *Os Brilhantes*, por mais realista e científico que busque parecer, não passa de um recorte feito a partir de uma mentalidade muito específica, científicista e determinista, que resulta em construções baseadas em preconceitos e presunções a partir das teorias que influenciam o autor, ao invés de considerar a cultura sertaneja, suas formas de sociabilidade, limitações e potencialidades. É o ato de *fingir* do qual fala Wolfgang Iser¹⁶⁴, pois podemos perceber o diálogo entre a ficção e o real, no qual, a partir de seus preceitos científicos e de sua realidade, Teófilo cria um novo mundo que não é exatamente como aquele em que vive, mas o finge ao ficcionalizar um sertanejo aos moldes deterministas e exagerar características que os coloque como a ciência da época dizia que deveriam ser.

As personagens servem para mostrar o que o autor considera ser o sertanejo, propenso ao crime, atávico, aquele que age por instinto em uma terra em que o controle do Estado chega em forma de provincianismos, para favorecer os poderosos locais e seus agregados, sendo que estes não passam de ignorantes manipulados pelos mesmos degenerados que realizam assassinatos e estupros, o que fica evidenciado assim que têm em seu poder seus inimigos e cedem logo à tortura e ao desejo por sangue e sofrimento. Neste caso, não vemos um campo tão inocente e puro assim, mas um sertão marcado pela degeneração racial que aflige o país, contudo, os problemas que surgem são causados pela imposição modernizadora, uma decisão que parte do centro para o interior e que, de certa forma, perturba essa ordem “ingênua” e “pura” dos sertanejos.

É importante ressaltar após esta discussão que, apesar de neste fim de século ser muito presente a influência naturalista e realista, tornando-se mesmo uma exigência no caso de algumas críticas, como veremos adiante, isso não quer dizer, no entanto, que todos os autores envolvidos nestas agremiações e nos debates literários se alinhassem com estas ideias e, em especial, com este estilo literário, uma vez que a escrita é fluída e por mais que alguns autores tentassem

¹⁶³ MARQUES, R. de A. Op. Cit. p. 105

¹⁶⁴ ISER, W. **O Fictício e o Imaginário**: perspectivas de uma antropologia literária. Rio de Janeiro: Eduerj, 1996.

enquadrar-se em determinado estilo, há sempre influências anteriores que afetam seu trabalho e o tornam único. Desta maneira, é possível vermos, por exemplo, características realistas em uma obra romântica, como é o caso de *O Cabeleira*, de Franklin Távora, publicada em 1872, que se mostra um romance de transição e que possibilitou a abertura do caminho ao Naturalismo, uma vez que nele via-se “novos contornos a favor de uma maior fidelidade documentária e de uma análise social regionalizada, sobressaindo-se a influência da paisagem na vida humana acompanhada de um entusiasmo cada vez maior pela ciência”¹⁶⁵.

Da mesma forma, nas agremiações aqui discutidas, pode-se encontrar autores de diversos estilos, mas que nem por isso deixavam de participar das discussões sobre a atualidade na literatura e na ciência. Até mesmo quando identificados na mesma escola literária é possível perceber divergências e polêmicas, como vimos no caso de Rodolfo Teófilo e Adolfo Caminha. A Padaria Espiritual, por exemplo, ao mesmo tempo em que se colocava como inovadora e criticava práticas românticas, mantinha em seu programa de instalação premissas românticas “como a proibição de palavras estranhas à linha de Camões (artigo XIV) e o veto à publicidade de ‘qualquer peça literária em que se falar de animais ou plantas estranhas à Fauna e à Flora Brasileira, como – cotovia, olmeiro, rouxinol, carvalho, etc””, além de contar com publicações de estilos como “Romantismo, Realismo, Naturalismo, Simbolismo, Neoclassicismo, enfim, quase todas as tendências dos últimos anos do século XIX tiveram representantes entre os ‘padeiros””¹⁶⁶.

2.3 EM BUSCA POR UMA REALIDADE POÉTICA: A CRÍTICA LITERÁRIA DETERMINISTA

Não só os escritores demonstraram em suas obras a influência das teorias raciais do fim de século, mas a própria crítica literária passava por um momento de mudança com a incorporação dessas ideias em seus trabalhos. Alguns críticos cobravam da literatura maior nível de realismo e atenção aos prepostos científicos,

¹⁶⁵ MARQUES, R. de A. Op. Cit. p. 98

¹⁶⁶ Ibidem, p. 94

assim como buscavam em fatores exteriores à obra literária entender a sua construção. Baseados nos pressupostos deterministas de raça ou meio, esses críticos procuravam explicar a qualidade de uma obra ou determinadas escolhas do autor, a partir de sua história de vida, raça ou local de residência, muitas vezes se atendo mais a essas questões do que à análise da obra em si.

O crítico José Carlos Júnior publicava no ano de 1895 em *O Pão*, jornal da Padaria Espiritual, uma crítica sobre o trabalho do escritor espanhol Don Ramon de Campoamor, contando primeiramente sobre sua vida e seus estudos sobre a poesia espanhola, “dotado dessa rara aptidão para comparar, discernir e julgar com rapidez e segurança, que é o grande privilégio dos homens verdadeiramente superiores”¹⁶⁷, evidenciando o papel determinista que o coloca em superioridade aos outros homens. Apesar de um caso extremado, estas características se repetem em outros críticos e ganham importância no fim do século, uma mistura de crítica biográfica e determinista na qual constava a “informação biográfica, situando nos primeiros parágrafos o autor – com seu caráter, seus hábitos peculiares – e mais algumas linhas buscando encontrar analogias entre traços da obra e da personalidade”¹⁶⁸.

Da mesma forma, as críticas publicadas por Antônio Sales no mesmo jornal, seguiam essa fórmula, uma vez que se prendia mais no caráter extraliterário, buscando apresentar aos leitores que tipo de pessoa seria o autor, suas opiniões e outras informações necessárias para traçar o perfil do escritor, ressaltando as qualidades deste como pessoa, que se tornaria a base de sua literatura, ou então que um autor, afastado da política ficara envolvido no lar e isto teria lhe rendido frutos para sua obra. Quando chegava aos comentários sobre a obra em si, limitava-se a um resumo do livro¹⁶⁹.

Esta perspectiva na crítica literária vem da influência de Taine, crítico e historiador francês, que compreendia que o estado moral e a atividade espiritual, aqui englobadas a história e a literatura, seriam determinados por três fatores: “a *raça*, disposições inatas e hereditárias do homem, o *meio*, ambiente físico e geográfico em que vive uma raça ou povo, e o *momento*, a obra já realizada pelas

¹⁶⁷ JÚNIOR, José Carlos. Campoamor I. *O Pão*, Fortaleza, n.º7, p.04, 1895, apud BRITO, L.; MARTINS, R. A. F. op. cit. p. 435

¹⁶⁸ BRITO, L.; MARTINS, R. A. F. op. cit. p. 435

¹⁶⁹ Ibidem, p. 437

duas primeiras causas ou fatores”¹⁷⁰. Neste pensamento, as “atividades do espírito” seriam um efeito mecânico resultante das forças naturais que as determinam, deslocando o foco do historiador ou crítico da obra para os fatores que a fizeram daquela forma.

Essa crítica literária teve como expoente Silvio Romero, formado pela chamada Escola de Recife, criticou o Direito da época por demasiada metafísica, mas foi além da disciplina, publicando críticas literárias nas quais se baseava nos mesmos preceitos científicos. Ao falar de literatura, Romero se preocupou mais com uma história da literatura do que com a análise de obras isoladas, buscando padrões gerais que definissem cada época da história literária brasileira, nas quais encaixava as obras ou as descartava, como dispensáveis para o cenário. Na sua tentativa de estabelecer o que seria literatura brasileira, via na mistura das raças a verdadeira característica do Brasil, vendo com bons olhos, em um primeiro momento, a mestiçagem para a intelectualidade da nação. Contudo, esses “bons olhos” se referiam à oposição a uma visão recorrente na época que acreditava que mestiços herdariam apenas características negativas das raças “originais”, enquanto Romero acreditava que pela fusão das raças, prevaleceria a raça branca e isto levaria à extinção dos negros e indígenas no prazo de três ou quatro séculos. Também guiado por esta ideia, foi abolicionista e republicano. Já no início do século XX, no entanto, após a proclamação da República, o crítico se aproximará mais das teorias de Gobineau que chegava a negar anteriormente e passa a ver na mistura das raças e na democracia a expressão da degeneração racial. Apoiado na ideia da superioridade ariana, via que com a instauração de um regime democrático, retirou-se do poder a elite branca que mantinha sob controle a mestiçagem, que agora ocupava cargos públicos, políticos e “invadia” o espaço intelectual, conquistando doutorados.

Enquanto ainda via “positivamente” a mistura das raças, Romero negava a participação de escritores coloniais na sua história da literatura brasileira, afirmando que estes não eram resultado desta mistura, não eram realmente brasileiros, afirmando que somente “no dia em que o primeiro mestiço cantou a primeira quadrinha popular nos eitos dos *engenhos*, nesse dia começou de originar-se a

¹⁷⁰ VENTURA, R. **Estilo Tropical**: história cultural e polêmicas literárias no Brasil 1870-1914. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 87

literatura brasileira”¹⁷¹. Contudo, a partir de seu ponto de vista arianista, encarava que a raça branca dominante no Brasil, dos portugueses, seriam os mais inferiores, por sua origem latina, quando comparados aos germânicos e arianos e por este motivo, a produção intelectual brasileira seria resultado de imitações dos europeus, uma vez que as raças que constituem a nação não seriam capazes de criação, devido suas inferioridades. É por isso que defendia que um crítico deveria considerar a ação das correntes europeias junto à raça, o meio e o momento em suas análises. Dessa forma, “o fato *externo* (influência estrangeira) interage com os fatores *internos* (raça e meio), sendo aclimatado e transformado por meio da mescla cultural”¹⁷².

As ideias de Silvio Romero, no entanto, apesar de influentes, não eram hegemônicas e contou com críticas em sua época. Araripe Junior, escritor, crítico literário e advogado cearense que estabeleceu residência no Rio de Janeiro, criticava esta visão que colocava a raça como ponto central e discordava de Romero em sua história da literatura brasileira, ao defender que os cronistas coloniais deveriam fazer parte da literatura nacional. Isso não quer dizer, no entanto, que Araripe negasse as teorias científicas deterministas, o que ocorre é que para ele, era mais importante a ação do meio do que da raça e defendia que o clima tropical afetava a mente dos escritores que aqui desembarcaram a ponto de produzirem “uma nota completamente nova, provocada por impressões resultantes do meio físico sobre cérebros de tipo muito próximos”¹⁷³. Um exemplo desta sua análise, é o estudo que faz sobre Gregório de Matos, afirmando que, após passar 35 anos em Portugal, foi influenciado pelo ambiente da metrópole, mas que somente com o seu retorno ao Brasil seria definida sua originalidade, desintoxicando-se da atmosfera portuguesa e libertando-se com o sol dos trópicos. Sobre o assunto, Araripe Júnior escreve em 1888:

hoje como ontem, a reação do meio físico, a influência catalítica da terra, as depressões e modificações do clima tropical, a solidariedade imposta pelas condições da vida crioula com a flora, com a fauna, com a meteorologia da nova região, são outras tantas influências que estão a invadir sordidamente estrangeiros e brasileiros, sem que estes disso se apercebam, certos, como estão, do triunfo das suas qualidades étnicas e da propulsão civilizadora de origem [...]

¹⁷¹ ROMERO, S. História da literatura brasileira, 1888, v. 2, p. 216, apud VENTURA, R. op. cit. p.48

¹⁷² VENTURA, R. op. cit. p. 50

¹⁷³ JUNIOR, A. O dr. Silvio Romero e o seu novo livro, 1882, In: Obra crítica, v. 1, p. 297, apud. VENTURA, R. op. cit., p. 82

Não só os aspectos feéricos da natureza intertropical que embebedam o homem. Os vapores de água atmosférica têm um corpo nas regiões pré-citadas [...] Há horas do dia em que o brasileiro ou o habitante de cidades como o Rio de Janeiro, é um homem envenenado pelo ambiente. A falta de tensão do oxigênio tortura-o desmesuradamente; a sua respiração ofega, e a imaginação delira numa deliciosa insensatez equatorial¹⁷⁴

Araripe Júnior era também crítico da forma como o realismo naturalista estava sendo feito no Brasil e em Portugal, afirmando que ao tentar aplicar o estilo, por modismo, os autores estariam se preocupando mais com a presença científica, em seguir os prepostos da escola, enquanto deixavam de lado a parte artística da escrita. Com algumas exceções, como Eça de Queiroz, Oliveira Martins ou Aluísio Azevedo, o crítico afirma que as obras possuíam uma concepção de arte mal encaminhada, quando presente, deixando transparecer “tôdas as indecisões dos que querem nadar sem prática da natação”¹⁷⁵. Acrescenta ainda, que

como que não lhes foi possível ainda, por uma espécie de engolfamento étnico, fazer estalar a medula e convulsionar as entranhas com a presença do verdadeiro sentimento do real, produzindo-se, por consequência, um desequilíbrio entre o pródromo desse sentimento e a nova forma rebuscada¹⁷⁶.

Para Araripe Júnior, o problema desses autores estava em se concentrar demais em um pessimismo oriundo de males que não eram seus, o que os impediam de conseguir expressá-los, inspirando-se “no ambiente limitado e deprimente dos laboratórios, aonde se calcula o que é a natureza mas não se sente em ação”¹⁷⁷. Esse pessimismo seria, para ele, o início de um fenômeno de degradação da consciência, que deixaria a obra incoercível, pois teria como resultado o aumento do subjetivismo e o afastamento do mundo objetivo que se pretendia. Neste sentido, o acerto de Aluísio Azevedo teria sido, justamente, de não copiar o modelo naturalista de Zola, mas o escritor “compenetrou-se, primeiro, do espírito da revolução operada pelo mestre”¹⁷⁸ e criou sua própria forma, sem esquecer a expressão artística. Para o crítico, o próprio Zola, se escrevesse no clima e na natureza brasileira, “teria de quebrar muitos dos seus aparelhos para adaptar-se ao sentimento do real, aqui”¹⁷⁹, uma vez que o escritor francês vinha de

¹⁷⁴ ARARIPE JUNIOR. *Obra crítica de Araripe Júnior*, v2: 1888-1894. Rio de Janeiro: Casa Rui Barbosa, 1960, p.69-70

¹⁷⁵ ARARIPE JUNIOR. *Obra crítica de Araripe Júnior*, v1: 1868-1887. Rio de Janeiro: Casa Rui Barbosa, 1958, p. 472

¹⁷⁶ Idem

¹⁷⁷ ibidem, p. 473

¹⁷⁸ ARARIPE JUNIOR. *Obra crítica de Araripe Júnior*, v2: 1888-1894 op. cit. p. 71

¹⁷⁹ Idem, p. 71

uma sociedade decadente, cansada e exausta, enquanto o Brasil seria uma nação ainda em crescimento, como uma criança, se preparando para a luta, “um cadáver não se observa do mesmo modo que um ser que ofega de vigor”¹⁸⁰.

Mesmo ao criticar a forma como a estética está sendo interpretada entre portugueses e brasileiros, é perceptível a presença das mesmas bases teóricas, ao afirmar que é por uma limitação étnica e geográfica que o realismo naturalista não consegue se estabelecer da mesma maneira que com Émile Zola, o que fica mais claro na sequência de sua análise, uma vez que o crítico evoca um dos autores que influenciaram a construção do estilo literário com suas teorias científicas, explicando que

para autorizá-la com uma opinião irrecusável, lembrarei que o fenômeno acusado não passa do que Spencer chamaria um *estado de consciência* em via de formação, estado difuso, incapaz, portanto, de oferecer base ao *nisus* estético e à apreensão dos precisos elementos para a sua expressão definitiva¹⁸¹.

Podemos perceber que mesmo quando se trata de um crítico menos extremo quanto às formas de interpretação científicas, quando comparado a Silvio Romero, por exemplo, ainda é presente o determinismo científico em sua argumentação, utilizando inclusive dos mesmos autores para defender seus pontos, tanto no caso do determinismo geográfico no lugar do racial, quanto ao defender a incapacidade intelectual de autores brasileiros e portugueses em escrever o “verdadeiro realismo”.

Ao descrever como deveria ser um bom escritor, Adolfo Caminha afirma que

o artista deve obedecer ao meio que o cerca, preferindo sempre os temas nacionais, respeitando a uma toponímia real ou imaginária, criando personagens que obedecem, por sua vez, a tais ou tais influências mesológicas. A crítica dirá que ambos os processos conduzem a um mesmo resultado desde que o escritor seja um verdadeiro artista e obedeça ao seu temperamento¹⁸².

O crítico considera, a partir do determinismo que o meio impõe ao escritor, que este deve produzir de acordo com o local em que viveu e escreve, portanto, o ambiente influenciaria na criação das suas personagens. Do mesmo modo, a verdade será vista em sua escrita se o autor obedecer a seu temperamento, de

¹⁸⁰ Idem, p. 71

¹⁸¹ ARARIPE JUNIOR. *Obra crítica de Araripe Júnior*, v1: 1868-1887, op. cit. p. 472

¹⁸² CAMINHA, A. *Cartas Literárias*. Fortaleza, Edições UFC, 1999 2d. p.44. apud. PINHEIRO, C. R. op. cit. p.255

acordo com os preceitos deterministas¹⁸³. Ao falar especificamente dos romances, Caminha cita Zola como um exemplo bem sucedido, além de afirmar que a era dos livros apenas imaginados já havia acabado:

O romance é um dos géneros mais difíceis em literatura. Modernamente o romancista precisa de ser um observador perspicaz, um artista consciencioso e um homem ilustrado. Os romances de Zola, por exemplo, são verdadeiros documentos humanos, verdadeiros estudos sociais, encerrando muitas vezes problemas complicadíssimos de fisiologia e sociologia. Entretanto, Zola não perde tempo com largas e maçantes preleções científicas. Diz a cousa como ela é, como ela foi observada, como foi sentida e conforme a verdade científica. Escrever um romance não é somente acumular factos inverossímeis e sem lógica. Foi-se o tempo do romance íntimo, escrito ao acaso, todo de imaginação¹⁸⁴

No entanto, ao criticar o romance *A fome*, de Rodolfo Teófilo, Adolfo Caminha coloca um peso negativo nas análises científicas do autor, que tornam o livro pedante e arrastado, ao mesmo tempo em que critica a estrutura da obra, ligada ao romantismo de Victor Hugo e Alexandre Dumas, além de afirmar que se Teófilo gostaria de escrever um estudo, que o fizesse para enriquecer as obras científicas ao invés de se aventurar a escrever romances. Ele diz sobre *A fome*:

Como nos dramalhões decadentes, o Sr. Teófilo, no seu livro, faz triunfar a virtude por meio de tramas falsas e falsas situações. No desfecho, então, a verdade é completamente sacrificada, e faz-nos rir o tom profético e imperioso com que o romancista pretende comover e moralizar. [...] Sendo o romance o estudo ou a reprodução artística de uma parte qualquer da sociedade, segundo o ponto de vista em que se coloca o escritor, para quê esses longos sermões de moral, esses arranjos montepineanos de cenas falsas, que só servem de desequilibrar espíritos juvenis? [...] O romancista deve ser lógico e coerente, qualidades estas que faltam ao operoso industrial.¹⁸⁵

Na mesma crítica, Caminha acrescenta que faltou a Teófilo alcançar a verdade, que ele “não soube penetrar na alma do sertanejo, não soube perscrutar todo o segredo do coração dos simples”, apresentando como exemplo uma cena na qual um sertanejo “usa uma linguagem de sábio, polida e técnica, certo modo de dizer as cousas, extraordinário num filho do sertão”¹⁸⁶. Percebe-se que, ao mesmo tempo em que o crítico acusa o autor de ser demasiadamente científico, também o julga por não conseguir chegar à verdade sobre a seca em sua obra, devido ao que considera influência romântica em seu enredo, sempre colocando as personagens com virtudes além da realidade.

¹⁸³ PINHEIRO, C. R. op. cit. p. 255

¹⁸⁴ CAMINHA, A. Cartas Literárias. Fortaleza, Edições UFC, 1999 2d. p.118 In: PINHEIRO, C. R. op. cit. p.257

¹⁸⁵ Ibidem, p.256

¹⁸⁶ Idem

Ao analisar o mesmo romance de Rodolfo Teófilo, *A fome*, Araripe Júnior elogia o tema do romance, por se tratar da seca cearense, e afirma ser “uma odisséia completa”, mas critica o caráter sobrenatural presente no texto, questionando “se o louco pela fome pode discutir; se na jangada da Medusa praticou-se a caridade ou permaneceram invioladas as virtudes menos difíceis de guardar”, cobrando do autor se tais atitudes teriam relação com o real. Além disso, elogia a utopia presente no livro, afirmando ser fruto do amor de Teófilo pelo Ceará e “às excelências do caráter forte dos cearenses”, mas que “faltou-lhe na alma o clarim do gênio das grandes crises humanas”. Reforça ainda, que ninguém estava mais preparado para escrever o romance, uma vez que Teófilo estudou as secas “como filósofo e historiador” e “por maiores defeitos que tenha uma obra, nunca deixa essa obra de ser eloqüente quando a aquece a visão do real”¹⁸⁷.

Por mais que o crítico veja problemas na obra e Rodolfo Teófilo, afirmando lhe faltar genialidade, não deixa de reconhecer e exaltar o compromisso do autor com o real e, como vimos anteriormente em outros críticos, a importância da própria trajetória e atuação do escritor como intelectual. Desta forma, podemos verificar as teorias científicas do fim de século não só influenciando a análise dos críticos literários, mas também criando uma cobrança destes para com as obras, exigindo o caráter real e a obediência às “verdades científicas”.

Sânzio de Azevedo, ao analisar a obra de Teófilo, ressalta a mesma crítica dos autores anteriores, afirmando que como cientista, ele teve a oportunidade de expandir seus conhecimentos, mas que acabou levando isso ao exagero. Azevedo destaca ainda a crítica de José Veríssimo, o qual afirma ter Teófilo cometido o grave erro de multiplicar a terminologia científica. Contudo, Sânzio de Azevedo enfatiza que mesmo diante destes problemas, a escrita do autor de *A Fome* e *Os Brilhantes* é puramente realista, “pode faltar-lhe certa elegância literária, com o que chega às vezes a lembrar um relatório, mas é cheia de realismo; sente-se que o autor viu a cidade na época em que se passam as cenas do romance, descrevendo-a com admirável precisão”¹⁸⁸. Novamente, o que podemos é a admiração à capacidade de “retratar” a realidade e seu compromisso com a verdade, mesmo reconhecendo que lhe falte estilo.

¹⁸⁷ ARARIPE JÚNIOR. *Obra crítica de Araripe Júnior*, v2: 1888-1894. op. cit. p, 303

¹⁸⁸ AZEVEDO, S. Op. Cit. p. 105

2.4 O DIÁLOGO ENTRE HISTÓRIA E LITERATURA

O ambiente intelectual e literário aqui apresentado, assim como o contexto em que Rodolfo Teófilo escreveu *Os Brilhantes*, são importantes para podermos identificar os fragmentos do passado em meio à ficção. Não se trata de apontar o que é verdade e o que é mentira na narrativa criada pelo autor, mas buscar entender que influências de seu tempo podem o ter levado a escrever de tal maneira, a criar seu mundo e seus personagens dessa forma e não de outra. É pensar que a construção que o escritor faz em sua obra parte da realidade, seja pela escolha do tema, criação de personagens, do cenário, partem de inquietações e motivações reais e é justamente aqui que se encontra a intersecção entre ficção e realidade, onde aparecem os vestígios do passado.

Teófilo criou seus personagens criminosos partindo de um pressuposto reconhecível de como estes deveriam agir, acrescentando a isso os conhecimentos científicos que tinha dos debates do seu tempo, assim como representou a miséria, a fome e o descaso governamental a partir de uma visão muito determinada sobre as secas e o papel do governo no sofrimento das populações afetadas. Ao buscar compreender o período em que viveu, as discussões que esses intelectuais estavam tendo, as mudanças sociais, políticas, econômicas, mas também literárias, podemos perceber um ponto de encontro, as mesmas inquietações que se relacionavam a esse momento do final do século, movem os debates científicos e também a produção literária. São vestígios de seu tempo que não bastam em si mesmos, mas nos fornecem dados para pensar em uma narrativa histórica possível, nos permitindo ter um vislumbre de uma Fortaleza do fim do século XIX movimentada por sua literatura.

Partindo do real, a literatura é construída com esses vestígios, criando cenários e personagens *possíveis*, pois partem da concepção de realidade um autor, de um tempo. Trata-se aqui do *imaginário* do período,

atividade do espírito que extrapola as percepções sensíveis da realidade concreta, definindo e qualificando espaços, temporalidades, práticas e atores, o imaginário representa também o abstrato, o não-visto e não-experimentado. É elemento organizador do mundo, que dá coerência, legitimidade e identidade. É sistema de identificação, classificação e

valorização do real, pautando condutas e inspirando ações. É, podemos dizer, um real *mais real* que o real *concreto*¹⁸⁹

O imaginário funcionaria como uma espécie de intermediário entre a realidade concreta e percepção dela, trazendo consigo experiências concretas e abstratas que moldam o olhar do receptor, tornando a realidade compreensível, de acordo com essas subjetividades.

Neste sentido, a literatura se mostra como uma forma de compreender e explicar a realidade, partindo dela, mas a extrapolando, na medida em que é capaz de representar o conceitual, o abstrato, o não-visto. É possível imaginar mundos que não retratam o real, mas que, partindo dele, imaginam alternativas e possibilidades. Teófilo imagina, a partir de seus estudos, mas também de suas experiências, um sertão assolado pela seca, pelo crime e o descaso do Estado. As situações não são reais, mas poderiam, uma vez que partem do imaginário que Teófilo faz parte, representar aquilo que o fim do século entendia pelo período da seca. A sua história traz em si a forma como o autor enxergava o mundo ou, mais do que isso, a forma como um intelectual do período poderia compreender o mundo.

O imaginário, portanto, muda conforme o tempo e local, uma vez que, se uma pessoa do século XXI fosse transportada para a idade média, não veria aquela realidade da mesma forma que aqueles que já vivem naquele tempo, pois suas referências são outras, sua própria noção de tempo é diferente, assim como a tecnologia, a ciência, a política e a sociedade como um todo. O imaginário carrega esses referenciais e constrói a visão da realidade que cada um teria.¹⁹⁰

Neste sentido, a Fortaleza ou o Brasil do século XIX aqui analisado, possui um imaginário específico de seu tempo e, para este estudo, decidiu-se por ressaltar o papel dos debates científicos acerca das teorias raciais que permeiam diversas áreas dessa sociedade, desde as decisões higienistas e sanitaristas tomadas na modernização das cidades, no direito ou na medicina do período, mas também na própria produção literária ou a crítica que a acompanhava.

Esses intelectuais do fim do século estavam em contato, se comunicavam para criar um ambiente de troca de ideias, debates científicos e literatura que se

¹⁸⁹ PESAVENTO, S. J. História & literatura: uma velha-nova história. **Nuevo Mundo Mundos Nuevos:** [Online], 08 jan. 2006, p. 2

¹⁹⁰ PESAVENTO, S. J. História & literatura: uma velha-nova história. **Nuevo Mundo Mundos Nuevos:** [Online], 08 jan. 2006.

mostra uma rede de influências que serviu para propagar as novas teorias raciais. Não só as discutiam, mas guiavam, além de seus trabalhos acadêmicos, sua vida particular e profissional, incentivando, por exemplo, a atitude de Rodolfo Teófilo em vacinar massivamente a população de Fortaleza na epidemia de varíola, a criação das associações literárias que se preocupavam com a alfabetização e ampliação da educação para a população cearense ou mesmo intelectuais como Silvio Romero que transportaram os debates de seus trabalhos científicos para os critérios da crítica literária. Além, claro, do papel que as teorias tiveram na percepção da realidade destes indivíduos, a ponto de permear a literatura dos naturalistas, seja na construção das personagens e cenários ou na aplicação e demonstração das teorias a partir de suas realidades imaginadas.

Além disso, é importante percebermos que essas teorias raciais permeavam muito mais do que o ambiente acadêmico-científico da sociedade, não estavam restritas a um pequeno grupo de cientistas “deslocados” de seu tempo, importando ideias que não faziam sentido à sua sociedade. As teorias raciais perpassavam diversos setores da sociedade, inclusive aqueles que estavam incumbidos de pensar uma identidade e um futuro para o país, estava presente na literatura, que apesar da sua limitação aos letrados, cumpria o papel de divulgar e perpetuar estas ideias dentre a sociedade. Estas teorias racistas, que visavam a hegemonia branca, a assimilação dos negros, índios e mestiços, fazia parte do imaginário brasileiro do período, influenciando e pautando decisões, formação de instituições e a própria identidade brasileira, o que deixou suas marcas visíveis até o presente.

3 CRIMINOSOS MISTIÇOS: AS TEORIAS RACIAIS NA REPRESENTAÇÃO DOS CRIMINOSOS

Em meio às intensas mudanças que ocorriam no decorrer do século XIX, o progresso era o objetivo e a grande esperança. Era pelo progresso que se buscava “evoluir” a sociedade, colonizar para levar a “civilização” ao outro, ao que era considerado primitivo e inferior. Contudo, junto aos avanços tecnológicos, à urbanização, à expansão das grandes potências, o período também viu o grande crescimento da pobreza, da miséria, o surgimento das multidões nos centros urbanos e todos os perigos que a acompanharam, como o aumento da criminalidade, as crises sanitárias, epidemias e revoltas, muitas vezes violentas, pela melhora das condições de trabalho e vida.

Pensando mais especificamente no contexto de Fortaleza, onde a urbanização estava em seu início na segunda metade do século XIX, a multidão que abala o cotidiano é outra, mas não muito diferente. Outra, pois causada pela seca, em especial a que ocorre entre 1877 e 1879, que pega a população despreparada, tanto os sertanejos, quanto os moradores da cidade, fazendo com que um número muito grande de pessoas busque abrigo na mesma. Não muito diferente, pois o que buscavam os retirantes era muito parecido com o que buscavam as multidões urbanas, ou seja, melhores condições de vida e trabalho, uma forma de buscar seu sustento. O que a torna mais desestabilizadora é o curto período de tempo em que ocorre, uma vez que há um êxodo muito grande para os “poucos” anos de seca, se comparado com o processo de urbanização.

Os retirantes aglomerados em Fortaleza se viam em frente à fome eminente, destituídos de suas terras, sem terem como trabalhar com aquilo que sabiam e já faziam há anos, muitos já desnutridos, uma vez que apenas abandonavam suas casas quando as esperanças de chuvas e os últimos grãos haviam desaparecido, para só então se dirigirem à capital em busca de novas oportunidades de trabalho que pudessem trazer alimento à família. Contudo, se depararam com uma cidade despreparada para recebê-los, com a falta de políticas públicas e estrutura para combater a fome e as doenças que vinham como resultado de todo este contexto.

Ao mesmo tempo, a cidade e o governo imperial viam aumentar a cada dia o número de retirantes e, compreendendo a “ameaça” que esta multidão trazia à ordem, com grande potencial de revolta, tentavam tomar medidas capazes de conter os ânimos, como o direcionamento de pessoas para as obras públicas e a criação de campos destinados aos retirantes. “A aglomeração de pessoas à espera de solução é o principal argumento e, ao mesmo tempo, o mais poderoso meio de pressão que os retirantes trazem para o cenário da ‘negociação’”¹⁹¹.

A multidão oriunda da seca de 1877 a 1879 se torna singular, pois adentra o centro do poder da região, a capital da província, onde haveria de ser o centro da “civilização” e escancara as diferenças sociais deste suposto progresso, que deveria trazer riquezas e civilidade, mas é colocado em frente à miséria, à fome, às epidemias, sem ter capacidade de conter seus avanços ou de impedi-los. Em um momento em que a crença de que a “civilização” estava domando a natureza, superando seus limites, encontravam-se em face à inclemente força desta última. Outras secas já haviam ocorrido anteriormente, algumas de igual severidade, contudo, foi nesta que os problemas chegaram ao cotidiano das elites. Em um período em que, a partir de 1870, as elites de Fortaleza estavam preocupadas com o chamado “aformoseamento” da cidade, em estruturá-la aos moldes das cidades europeias, uma multidão de retirantes, homens do campo com culturas diferentes e, acima de tudo, famintos e sem trabalho, causa um grande choque nos moradores da capital.

Em meio ao ambiente que as elites deveriam usufruir, “os pobres pedem esmolas, perambulam pelas ruas sem ocupação, utilizam as áreas públicas da cidade, como praças e ruas, e trapaceiam para obter maiores ganhos da caridade”¹⁹², atitudes que se colocam contra os costumes desta urbanidade, anunciados com repugnância pelos jornais. Rodolfo Teófilo, testemunha deste período, vê com grande horror

o aumento da criminalidade e da prostituição, bradando contra os ‘sedutores que infestavam a deshoras os abarracamentos prostituindo até creanças de dez annos’ e contra os ‘audazes rapineiros’ que ‘penetravam ás vezes no mais recondito aposento para furtar’: ‘a cidade testemunhava scenas de anarchia!’¹⁹³

¹⁹¹ NEVES, F. de C. **A multidão e a história**: saques e outras ações de massa no Ceará. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000, p. 10

¹⁹² Ibidem, p. 27

¹⁹³ Idem

Quanto ao sertão, aqueles que ainda permaneciam nas cidades do interior, se deparavam com a formação de bandos armados lutando pelo controle da região. “Grupos de bandidos se tornaram famosos, como os Viriatos, os Matheus e os Calangros”¹⁹⁴, grupos originados de crimes de vingança e brigas entre famílias, os quais inspiram Teófilo em *Os Brilhantes*. O próprio ato dos retirantes roubarem comida ou água que encontravam no caminho até a capital era considerado simplesmente um ato de roubo e tratado como tal, sendo castigados com açoites e tendo seus cabelos raspados, antes de assassinados e abandonados no campo.

Neste sentido, a chegada dos retirantes em tão grande número significava o aumento de uma série de problemas para os cidadãos, abalando seu cotidiano com o aumento nos números da criminalidade, prostituição, mendicância e doenças. Rodolfo Teófilo, representando estes habitantes da cidade, “irá dizer, mais tarde, que ‘flagelados somos todos nós durante a calamidade’ e pergunta: ‘não será um flagelo ter-se a porta cheia de famintos, de manhã à noite, pedindo esmola pelo amor de Deus?’”¹⁹⁵

Multidão de proletários ou retirantes, em ambos os casos é possível perceber o aumento da criminalidade, a precariedade das condições sanitárias é escancarada e os intelectuais buscam não só explicá-las, mas soluções eficientes que possam amenizar estes problemas. É neste contexto que diversas disciplinas surgem para tentar dar conta das novas questões, dentre elas a criminologia, ou antropologia criminal, que objetivava explicar não só o crime, mas em especial o criminoso em si, com a intenção de entender a mente e a fisiologia da pessoa criminosa para que pudessem criar mecanismos com o objetivo de evitar o crime antes mesmo de ocorrer, pois seria possível mapear os criminosos e distingui-los na multidão, uma vez que estas teorias criminológicas identificavam características mentais e físicas que evidenciariam o possível criminoso em sua própria aparência ou atitudes, mesmo que este ainda não tivesse cometido nenhum crime, pois estas características revelavam sua degeneração interior, seu atavismo evolutivo.

A partir do Direito e da Medicina, com suas teorias médico-legais, a sociedade será vista como um organismo vivo que nasce, cresce e morre, mas também adoece e precisa ser curado. A criminalidade, neste sentido, é a doença

¹⁹⁴ Ibidem, p.28

¹⁹⁵ Ibidem, p. 30

que aflige o social e a criminologia e medicina-legal “contribuirá para diagnosticar e indicar o tratamento adequado, de acordo com os parâmetros médicos e jurídicos, dos atos que atentem contra a normalidade da vida social”¹⁹⁶.

Neste sentido, a raça assume um importante papel, pois será vista através dos determinismos tão populares no período, uma vez que através da miscigenação e a hereditariedade de características consideradas negativas, esta mistura de raças traria a degeneração ao branco, problema em especial a partir do fim da escravidão, com a inevitável inserção dos negros na sociedade, criando nos intelectuais das teorias raciais o medo de transformar o branco em negro e com isso o retrocesso da evolução social, afetando-os culturalmente, tornando-os incapazes de civilidade.

Demonstrando este pensamento determinista, em seu livro *O Paroara*, Rodolfo Teófilo é claro ao criticar o padre Mourão por permitir casamentos de epiléticos, tuberculosos ou leprosos, mas estende a crítica, afirmando que se ele conhecesse o atavismo e a hereditariedade, “o sacramento do matrimônio não seria administrado aos bêbados que produzem filhos epiléticos, aos epiléticos que geram criminosos natos, a parentes em muito próximo grau de consanguinidade que procriam idiotas, degenerados, aleijões”¹⁹⁷.

Em estudos na penitenciária da Bahia, Nina Rodrigues entrevistava menores criminosos que “confirmavam” suas teorias de degeneração, uma vez que os meninos analisados eram apenas negros e mestiços e apresentavam os sintomas de vício em jogo e alcoolismo, por exemplo. “De ‘um pardo em que os caracteres do mulato e do mameluco estão bem combinados’, dizia: ‘O criminoso tem dezoito anos, é ladrão, pederasta passivo, jogador, bêbado, um ser completamente desmoralizado, enfim, um incorrigível temível’”. Em sintonia com suas teorias, “outro mulato, ‘apesar de muito claro, tem caracteres inferiores muito acentuados’ e ‘também é pederasta passivo, ladrão, jogador e bêbado’”, enquanto outro menino, condenado por assassinato, descrito como filho natural de escravos e “mulato

¹⁹⁶ CORRÊA, M. **As ilusões da liberdade**: a escola Nina Rodrigues e a antropologia no Brasil. 2. ed. Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco, 2001, p. 73

¹⁹⁷ TEÓFILO, R. *O Paroara*. Fortaleza: Secretaria de Cultura, Desporto, e Promoção Social, 1974, p. 59-60 apud MENDONÇA, E. G. de. **Literatura, História e Ciência no século XIX**: a visão naturalista de Rodolfo Teófilo sobre o povo cearense. 2020. 163 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História e Letras, Universidade Estadual do Ceará, Quixadá, 2020, p. 51

escuro”, “era considerado na prisão ‘o mais bem comportado dos seus companheiros de idade: aprendeu a arte de sapateiro e tem habilidade’”¹⁹⁸.

Como mestiços, os criminosos apresentavam todas as características degeneradas herdadas de seus antepassados, enquanto o criminoso que não é fruto de uma mistura de raças, apesar de se embriagar, não é ladrão e não apresenta os mesmos vícios que seus companheiros, além de se mostrar apto à reabilitação, Nina Rodrigues o considera um criminoso por ocasião mais do que um criminoso nato. É perceptível como nas teorias raciais, a lógica é móvel e, quando é necessário, determinadas convenções são deixadas de lado para justificar suas hipóteses. Cria-se diversas exceções para justificar porque um negro ou um mestiço não são criminosos cruéis como deveriam, mas não se abandona a ideia de que *deveriam* ser.

Em outra análise, Nina Rodrigues chamava atenção para a necessidade de se realizar um exame psicológico no criminoso, além do físico, uma vez que questões atenuantes poderiam ser levantadas. Ao estudar um famoso bandido negro, Lucas da Feira, o médico ressalta que ele era um criminoso por estar inserido em uma sociedade brasileira que vive sob os modos da “civilização” europeia, mas que na África, ele seria visto como um grande guerreiro ou mesmo um famoso rei. Isto porquê em sua concepção, o continente africano vivia em um estágio evolutivo anterior ao europeu, no qual o uso da violência não é visto como uma atitude criminosa, mas sim valorosa e “se a África é o ponto mais afastado do centro daquela civilização, o sertão é o seu equivalente nacional neste mapa mítico da ciência da época”¹⁹⁹.

O ambiente também se mostra importante nesta interpretação, uma vez que, encontrando no sertão as condições ideais e semelhantes às africanas, o mestiço conseguiria se adaptar e mostrar-se viril, estabelecer-se como teria feito no outro continente. Já os mestiços litorâneos, inseridos em um ambiente urbano e “civilizado”, não eram capazes de exercer suas condições naturais e se tornavam exemplos patológicos e sem virilidade dos mesmos, ainda que ambos demonstrassem a degeneração das raças “originais”.

¹⁹⁸ CORRÊA, M. op. Cit. p. 143-144

¹⁹⁹ Ibidem, p. 151

Esta “composição racial” brasileira renderá uma imagem de “nação degenerada” propagada por viajantes europeus que viam no Brasil o exemplo da degeneração racial através da miscigenação e a inviabilidade de uma nação composta por mestiços. Esta interpretação vem de uma visão pessimista que, apesar de ser antiga, se popularizava e radicalizava durante o século XIX diante das transformações que se faziam sentir muito drásticas e representavam, para alguns, o fim de muitos privilégios. Em discordância às ideias de progresso e “civilização” que o século trazia, estes intelectuais verão nisso a decadência dos antigos costumes, em especial os aristocráticos, de superioridade do sangue e alta cultura que em face às práticas democráticas, fim da escravidão e aumento da população nos centros urbanos, viam seus ambientes sendo “invadidos” por pessoas consideradas inferiores e expondo a sociedade “sadia” a elementos contagiosos que a adoeciam através da miscigenação.

Desta forma, partindo do pensamento determinista, o Brasil se via e era visto como uma nação que acabava de nascer, mas já degenerada, uma vez que mestiça e tropical, não seria capaz de avançar na evolução da “civilização”, estava fadada aos estágios inferiores da sociedade. Era preciso, portanto, buscar soluções para que esta situação pudesse ser revertida, como a política de branqueamento que será realizada mais tarde, mas também os esforços dos intelectuais em investir na cultura, iniciando pelo fim da visão romântica de um Brasil exuberante e exótico e partindo da realidade de uma nação mestiça e determinadamente decadente, para chegar a possibilidades de colocá-la nos trilhos da “civilização”. Neste sentido, não só a literatura romântica será criticada, mas também a falta de jornais dedicados à divulgação da cultura moderna, que pudesse modificar este pensamento muito influenciado pelo romantismo e torná-lo realista e científico.²⁰⁰

Vale ressaltar, no entanto, que apesar de pessimista e determinista, esta visão era um indicativo para esses intelectuais, de que algo deveria ser feito para evitar a propagação da degeneração, como a cura da doença social discutida anteriormente. Uma destas soluções é a eugenia, teoria que buscava o “aperfeiçoamento das populações” em busca de um equilíbrio genético, “através da

²⁰⁰ PASSOS, A. A. dos. **Pensamento em combate**: Tobias Barreto na aurora da República (1869-1889). 2016. 231 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016., p. 87

identificação dos elementos indesejáveis e o desencorajamento das uniões consideradas nocivas, além de proibir os casamentos inter-raciais"²⁰¹.

3.1 NEM DOCE RUIM, NEM CABRA BOM

Em *Os Brilhantes*, podemos notar algumas das características aqui discutidas, uma vez que seu romance tem como enredo principal o embate entre duas famílias de criminosos, os Brilhantes e os Calangros, os quais possuem uma diferença entre si, enquanto Jesuíno Brilhante, chefe de sua família, é descrito como um homem branco, os Calangros são descritos como “cabras”, definido pelo autor como uma raça mestiça entre índios e negros. Suas atitudes ao longo do livro exaltam essa diferença, que aos olhos dos determinismos naturalistas, definem o caráter da pessoa.

Somos apresentados a Jesuíno no terceiro capítulo da obra, em meio a uma missa de domingo, onde o homem ouve atentamente o sermão do vigário, com uma “expressão do rosto, às vezes de uma tristeza feroz, impressionava mal os nervos de quem o fitava”²⁰². O Brilhante

Vestia uniforme de couro, perfeitamente acabado e nôvo. Pelas feições parecia contar vinte e poucos anos. Havia mais ou menos harmonia nas linhas do rosto, onde não se encontrava um traço que destoasse, ou fôsse extravagante. Os cabelos, de um ruivo côr de fogo, casavam bem com os olhos, que tinham a mesma côr e eram ligeiramente estrábicos. A pele alva e mosqueada de sardas assentava com a côr da cabeleira e barba, que apontava, ruiva como os pelos do crotatá. A estatura era mediana e o corpo franzino, porém musculoso. Esta figura, que não discordava do comum dos homens, encostada a uma das arcadas do templo, ouvia a missa devotamente. Quem a observasse, ficaria surpreendido com as mutações que ela apresentava. O ar beatífico do semblante, que mais acentuava a funda melancolia do olhar, de repente se transformava em tão feroz catadura, que horrorizava vê-lo. Êstes eclipses, toldando por instantes a placidez da fisionomia, se anunciavam por uma série de crispações dos músculos do rosto. A fronte se cavava de sulcos, tremiam todos os músculos das faces em rápidas contrações, os olhos perdiam a expressão doentia de animal que ruma, e acessos cintilavam como os da onça encabritada e pronta a pular sôbre a prêsa. A execução de tôdas essas manobras era rápida como o fuzilar de um relâmpago. Em um instante apagavam-se as linhas, que crispavam o semblante, o olhar se amortecia, e com tamanha rapidez dava-se a transfiguração, que ao atento observador parecia tudo isso, uma pura ilusão dos sentidos. Se naquele homem havia uma desordem mental nem sequer se podia suspeitar pela correção do

²⁰¹ MENDONÇA, E. G, op cit. p. 53

²⁰² TEÓFILO, R. *Os Brilhantes*. 3. ed. Fortaleza: Typografia Minerva de Fortaleza, 1972. p.32

traje, pelo decôro guardado ao templo e a completa observância das cerimônias da missa. A expressão do rosto não era de louco, nem de idiota: mas de santo ou de malvado.²⁰³

Desde sua primeira aparição, portanto, Jesuíno já possui a nevrose adormecida que o transformará em criminoso mais tarde na história, suas feições possuem deformações que demonstram seu caráter, como de uma onça raivosa, porém, devido à sua aparência e a seus modos, ressaltados na forma como se veste e, ao longo do romance, na educação e “civilidade” que demonstra, não é perceptível tal degeneração interior. Assim como argumentavam os teóricos da criminologia do período, sua aparência revelava a desordem mental, mas devido à sua raça, seus costumes e condição social, esta era atenuada e permanecia latente.

Seguindo as teorias raciais deterministas, que afirmavam que a degeneração era hereditária e que da mistura de raças apenas resultava a perpetuação das características negativas de cada raça, Rodolfo Teófilo descreve os inimigos de Jesuíno, os Calangros, como

uma grande família de mestiços, vulgarmente chamados **cabras**, no norte do Brasil, produto do cruzamento do índio e do africano, e inferior aos elementos de que é formada. O **cabra** é pior do que o caboclo e do que o negro. É geralmente sanguinário, muito diferente do **mulato** por lhe faltarem as maneiras e a inteligência dêste. E, tão conhecida é a índole perversa do cabra que o povo diz: “**não há doce ruim , nem cabra bom.**”²⁰⁴

Da mesma forma, Nina Rodrigues, em sua obra *As raças humanas e a responsabilidade penal*, ao citar Herbert Spencer afirma que “a mistura entre raças de homens muito dessemelhantes parece produzir um tipo mental sem valor, que não serve nem para o modo de viver da raça superior, nem para o da raça inferior, que não presta enfim para gênero algum de vida” e acrescenta ainda que “o mestiçamento no Brasil confirma e exemplifica estas previsões”²⁰⁵.

Quando os Calangros provocam Jesuíno e o chamam ao combate, o autor alerta que “a vitória caberia aos Calangros, amestrados nas lutas e quase todos assassinos”²⁰⁶. Da mesma forma, “aquêles preparativos de luta enchiam-lhes o espírito de contentamento. Estavam na índole dêles os desabafos, as vinditas”²⁰⁷. Teófilo ressalta também os costumes da família que, apesar de rica, pois “pelos

²⁰³ Ibidem, p.32-33

²⁰⁴ Ibidem, p. 93

²⁰⁵ RODRIGUES, R. N. **As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2011, p. 54

²⁰⁶ TEÓFILO, R. op. cit. p. 94

²⁰⁷ Ibidem, p.120

trajes e arreios, via-se que possuíam alguns bens de fortuna”²⁰⁸, possuíam costumes rústicos, como seu comportamento à mesa, quando

cada qual arrancou da cinta à sua faca de ponta e completando o talher com os dedos, serviam-se brutalmente de carne e de pirão, comendo com uma gula de porco. Aquêles estômagos valentes, sadios, supriam o defeito da mastigação imperfeita, pela pressa que tinham de encher a barriga. Comeram, até a saciedade. Os ossos ficaram limpos, mas havia ainda nêles alguma coisa a aproveitar, que lhes servisse de sobremesa: era o tutano. Quatro dos mais gulosos arregaçaram as mangas da camisa até os cotovelos e empregaram a fôrça de seus músculos a bater os **corredores**²⁰⁹.

A família é também repleta de vícios, como o álcool, utilizado como argumento à degeneração pelos teóricos do período, que viam o abuso de álcool como uma característica hereditária e marcante do criminoso. Portanto, os Calangros apelam à bebida para se preparar para o confronto com os Brilhantes, pois “queriam ânimo para a provocação e o pediam ao álcool que engoliam, certos do bom efeito”²¹⁰. Da mesma forma, Teófilo dedica alguns parágrafos para ressaltar o uso do tabaco pelos Calangros e assim criticar a utilização do mesmo pelos sertanejos:

O **fumo de corda** com todos os defeitos da viciosa manipulação sertaneja, era consumido por aquêles homens de modos diferentes. Não era sômente o fumo queimado nos cachimbos, o fumo torrado reduzido a pó, que sorviam em grandes pitadas, o vício dêle era ainda a mecha, a estúpida e nojenta mecha de fumo, bem tê-la e molhada de cuspo e introduzida de ventas adentro, deformando o nariz e pervertendo o olfato; era, enfim, o pernicioso costume de mascar o fumo.

A vida sem o tabaco não tinha para êles razão de ser. Consideravam-no como remédio de várias moléstias, antídoto do veneno das cobras, agente profilático de males epidêmicos é específico do **quebranto**.²¹¹

Assim como os autores das teorias raciais, Teófilo coloca a crença em religiões de matriz africana como uma característica atávica, quando Francisco Calangro, o responsável pelo assassinato que transformou Jesuíno em criminoso e despertou sua neurose, decide visitar um pai de santo antes do confronto com o Brilhante, à fim de fechar seu corpo e garantir que não poderia morrer no embate.

O chamado Pai Mané, ou Manoel do Congo, “era um prêto bastante velho, nojento e maltrapilho”, um “homem rombo e quase bestilizado”, que “quanto mais se

²⁰⁸ Idem

²⁰⁹ Ibidem, p. 121

²¹⁰ Ibidem, p. 100-101

²¹¹ Ibidem, p. 120-121

movia o negro, mais fétido se tornava o ambiente”²¹², que ao realizar seu rito, aqui descrito como bruxaria e feitiçaria, só pensa em receber seu dinheiro, acorda Francisco Calangro: “As palavras do feiticeiro chamaram à realidade aquele ser supersticioso e embrutecido, que acabava de expor miseravelmente a existência aos caprichos da mais chata ignorância”²¹³.

A partir desta cena, podemos perceber o tratamento que o autor confere à personagem que é negra e praticante de religião africana, o descrevendo como um ser animalizado, fedido e repulsivo. A religião não é assim referida, mas como uma bruxaria, feitiçaria ou superstição, resultado da ignorância.

Outro criminoso criado por Teófilo é Pedro Jurema, uma personagem que ao longo do enredo servirá para instigar os conflitos com o Brilhante e apresentar um contraponto moral, uma vez que, ao contrário de Jesuíno, Jurema não possui limites morais, honra ou coisa do tipo, age por pura crueldade a todo o momento, matando inimigos ou aliados, conforme a sua necessidade e vontade. Ele surge logo no início do romance, como um dos criminosos que se aproveitam do desequilíbrio causado pelas manifestações do quebra-quilos para liderá-los à sua vontade para cometer toda sorte de crimes: “Pedro Jurema apossava-se dos gados, dos celeiros, recrutava os homens válidos, e o povo, cuja fortuna êle defraudava, sofria tôdas as extorsões, a tudo se sujeitava, sem uma queixa, sem protesto”²¹⁴.

O erro deste criminoso, de acordo com Rodolfo Teófilo, é justamente não ser capaz de se controlar, impor limites a si mesmo, pois “Jurema teria logrado por mais tempo ser o terror daqueles sertões, se à vida e propriedade se limitassem a sua perversidade e cobiça”²¹⁵, mas “mestiço e concupiscente, como um bode, não pôs peias ao seu temperamento”²¹⁶. Nota-se que aqui “mestiço” é utilizado como um adjetivo e não um substantivo, ou seja, atrelando sua atitude descontrolada à “condição” de ser mestiço, cujo desejo sexual desmedido se assemelha ao de um animal, um bode, colocando ambos os adjetivos em uma mesma categoria, mestiço e animal aparecem se não como sinônimos, como semelhantes.

²¹² Ibidem, p. 126-127

²¹³ Ibidem, p. 131

²¹⁴ Ibidem, p. 38

²¹⁵ Idem

²¹⁶ Idem

Da mesma forma, Nina Rodrigues repercute essas ideias em seus estudos, afirmando que “o negro crioulo conservou vivaz os instintos brutais do africano: é rixoso, violento nas suas impulsões sexuais, muito dado à embriaguez e esse fundo de caráter imprime o seu cunho na criminalidade colonial atual”²¹⁷. Ao discutir sobre indígenas, por ele chamado de “selvagens”, sobre uma incapacidade de controlar seus instintos, afirma que esta imprevidência “é uma consequência da carência no fenômeno psíquico da determinação voluntária, de emoções que refreiem e dominem as emoções simples”²¹⁸.

A descrição de Jurema continua, pois “sem educação, com o espírito embrutecido por quinze anos de cárcere, deixava-se arrastar somente pelos instintos da bêsta”²¹⁹ e

farto de cevar seus mais instintos, derramando sangue pelo mais frívolo pretexto, vivendo do suor alheio, que desperdiçava sem consciência de tão monstruoso atentado, devorado de desejos, que lhe dariam à carne outros deleites, atentou contra a honra das mulheres, que lhe despertavam apetites sensuais²²⁰.

É o descontrole que condena Jurema, novamente descrito como algo não-humano, uma besta ou animal, pois apenas isso seria capaz de tamanha crueldade, uma vez que a população o deixara levar sua fortuna, seu gado, mas um atentado à honra das mulheres eclodiu a revolta da população, que leva à prisão dos envolvidos, inclusive de Pedro Jurema. É interessante notar que neste trecho já podemos perceber uma característica determinista que influencia a criação de Jesuíno, pois apesar de ser descrito como um mestiço e isso ser colocado como um análogo às condições animais, Teófilo toma o cuidado de construir a personagem como alguém embrutecido pelo cárcere e ressaltar sua falta de educação, duas bandeiras desses intelectuais naturalistas, que acreditam que o meio exerce influência sobre o criminoso, pois mesmo este que mais nos parece um criminoso-nato aos moldes lombrosianos, passou por situações sociais que ajudam a determinar suas atitudes. Da mesma forma ocorrerá com Jesuíno, como veremos mais a frente, pois apesar de possuir essa nevrose hereditária do crime, esta permanece adormecida até que a violência da sociedade a provoca. Acrescenta-se a isso o fator racial, que ajudaria a explicar a diferença entre Jesuíno e Jurema.

²¹⁷ RODRIGUES, R. N. op. cit. p. 49

²¹⁸ Ibidem, p.60

²¹⁹ TEÓFILO, R. op. cit. 38

²²⁰ Idem

Aliado a essa crítica ao cárcere, ao descrever o passado de Jurema, logo que este é preso por suas ações com os Quebra-Qulios, Teófilo dedica um capítulo para demonstrar a crueldade das punições vingativas, ao descrever o chamado colete de couro, já discutido em capítulo anterior.

Os intelectuais do período defendiam a reforma penal, para que houvesse o fim de penas vingativas e tão cruéis quanto os crimes cometidos pelos detentos, assim como a ampliação da educação, pois acreditavam que a educação seria uma ferramenta importante para diminuir a criminalidade.

Pedro Jurema, ao fugir da fila de presos com coletes de couro, se esconde na mata, onde o autor demonstra sua “natureza” criminosa, uma vez que “quinze anos de prisão não bastaram para corrigi-lo”²²¹, já que “uma vez restituídos seus meios de ação, mostrou-se o que era – o mesmo malvado”²²². Enquanto comia sozinho na mata, “o silêncio e o isolamento nada influíam em seu ânimo do criminoso; seus crimes e vítimas não o incomodavam; remorso ele nunca havia sentido”²²³.

Quando no embate com os Brilhantes, Jurema havia se aliado aos Calangros, uma vez que Jesuíno havia recusado aliar-se com ele, pois sua visão lhe dava nojo. Após uma noite de tiroteios, os Calangros batem em retirada, mas antes tentam recuperar os mortos e feridos da batalha. Jurema deveria ajudá-los, mas

O facínora teve uma ideia sinistra. Seria menos penoso conduzir um cadáver do que um ferido. Sem mais reflexão sacou a faca da bainha e tateando a garganta do baleado abriu-a com profundo golpe. Uma onda quente lavou-lhe as mãos.

Nenhuma impressão desagradável sentiu.²²⁴

Outro criminoso criado por Teófilo em seu romance é o escravo de Jesuíno, um exemplo de como a raça afetava a mentalidade humana para este autor. Sua introdução no enredo vem da necessidade de Jesuíno encontrar alguém que fosse corajoso, destemido e habilidoso para ajudá-lo na luta contra os Calangros ao que o autor afirma que “Jesuíno tinha muito perto de si uma criatura que podia servi-lo, seu escravo José”²²⁵. Rodolfo Teófilo prossegue:

²²¹ Ibidem, p. 63

²²² Ibidem, p. 64

²²³ Idem

²²⁴ Ibidem, p. 151

²²⁵ Ibidem, p.138

A figura robusta do mestiço já tinha-lhe passado pela imaginação. Era justamente quem lhe servia: um homem vigoroso e destemido. A vida do campo e as lidas de vaqueiro tinham dado à musculatura de José a fôrça do touro e uma coragem que tocava à temeridade. Aos vinte anos, tal era sua idade, tinha conquistado a fama do melhor e mais ousado vaqueiro daquelas cercanias.²²⁶

Para que pudesse oferecer o trabalho em seu bando, Jesuíno sente-se na obrigação de libertar José, pensando que, sem ser seu escravo, poderia tomar a decisão por si próprio, por lealdade ao invés de obrigação. O liberto, como então será referido a personagem na maioria das vezes, se mostra ao longo do enredo extremamente valente e leal ao Brilhante. Contudo, quando resgatam uma retirante faminta, José é transformado por seus instintos. Seu

temperamento ardente e libidinoso, obrigado pela fôrça das circunstâncias a uma intérmina continência, sentia-se devorado de desejos sensuais, que lhe haviam despertado n'alma as cintilações melancólicas do olhar da môça. Aquêles desejos, vagos a princípio, ardentes depois, se fundiram numa sede desesperada de concupiscência. O cérebro do liberto dia e noite ardia em pensamentos luxuriosos.²²⁷

Apesar de tentar esconder tal sentimento do Brilhante, este percebe um olhar de José, “um dêstes olhares de fogo, lançado sôbre o rosto moreno da retirante. O criminoso revoltou-se e um instante pensou puni-lo com a morte [...] O Brilhante levava ao extremo os preconceitos de casta.”²²⁸. Para Jesuíno, era uma grande ofensa um “homem de cor” levantar os olhos a uma mulher branca, mais ainda tentar seduzi-la. Para lutar contra o desejo de matá-lo, Jesuíno ordena que José se mude para o rancho onde o restante do bando acampava. Tal atitude cria um ciúme no vaqueiro e um ódio ao chefe se instaura. José a partir deste momento passa a conspirar para assassinar Jesuíno, com o objetivo de capturar a retirante que haviam resgatado: “Não era só a paixão sensual que o torturava, mas um ciúme diabólico o devorava, que não podia dominar. Chegando à nova habitação, premeditou vingar-se do chefe e, com grande astúcia, começou a plantar a cizânia no séquito.”²²⁹

Nesta relação, podemos perceber o ponto central da discussão racial na segunda metade do século XIX, a miscigenação. Jesuíno, mesmo sendo criado como uma personagem compreensiva e justa, capaz de “libertar” seu escravo por considerá-lo competente e querer sua companhia sincera, tem um limite que é a

²²⁶ Idem

²²⁷ Ibidem, p. 301

²²⁸ Idem

²²⁹ Ibidem, p. 302

mistura de raças. Ao mesmo tempo, percebemos a força que o instinto sexual exerce em José, uma pessoa leal que nunca havia afrontado seu senhor, parece esquecer toda a lealdade, uma vez que o desejo sexual lhe toma a cabeça e aquele passa a ser seu único objetivo.

Já Jesuíno, apesar de ter salvo a retirante, cuidava dela como se a uma filha, “n’alma do criminoso não passava por um instante o desejo de seduzi-la”, pois “o crime de sedução era para êle hediondo e só havia uma pena – a de morte. Era inexorável para os sedutores e para os ladrões”²³⁰. A justificativa para suas ações vinha, principalmente, de sua percepção de justiça, pois só feria aqueles que o ofenderam, assim como não roubava os víveres, mas os redistribuía ao tirá-los das mãos que quem os desviava.

Cobra Verde e Pajeú são outros dois integrantes do bando dos Brilhantes. Jesuíno os conhece logo que foge de sua vila para se esconder das tropas que o caçavam. Após escolher pernoitar em uma gruta, é acordado pelas vozes dos dois homens comentando sobre as prisões arbitrárias que aconteciam na vila, motivo pelo qual haviam fugido para a mata. Jesuíno os ouviu durante a noite, até que o dia clareasse e tornasse possível visualizar suas figuras. De suas aparências, Teófilo afirma que o Brilhante gostou dos homens, “mormente do mais escuro. [...] Era êle um cabra quase negro, de bigodes retorcidos e nariz chato como tromba de porco”²³¹. Este era Cobra Verde, descrito ainda como alguém que “mesmo dormindo, via-se que o dono de tal cara não podia ser ter boas entranhas”²³², repercutindo as teorias lombrosianas que afirmavam que a degeneração interior podia ser visto através de características físicas. Apesar de neste primeiro momento ter sido favorecido pelo Brilhante, Cobra Verde será o responsável por entregar os Brilhantes às forças armadas e dar-lhe o tiro fatal.

Já Pajeú é descrito como

Um mulato alvadio e franzino. O rosto pequeno e malfeito era quase todo ocupado pelo nariz, um nariz fenomenal, muito parecido com sobrecu de peru e que esparrava as intumescidas asas pelas faces a fora. No queixo inferior a vis-a-vis à ponta da venta, cavava-se um buraco. O excesso do nariz fazia falta à depressão da barba. As faces dividiam-se, das maçãs ao pescoço, em uma série de papadas mal feitas, balofas, que pareciam cheias d’águas. O Brilhante gostou menos dêste tipo, que tinha conhecido um

²³⁰ Ibidem, p. 303

²³¹ Ibidem, p. 187

²³² Idem

sujeito muito parecido com êle, que, além de bêbado por índole, tinha os sentimentos da víbora da Fábula.²³³

De Pajeú, além da descrição que beira o cômico, é interessante ressaltar a característica que Jesuíno lhe impõe ao associá-lo com outro conhecido, a de “bêbado por índole”, preceito das teorias criminológicas do fim do século XIX que, além de considerar o alcoolismo como uma doença hereditária, muitas vezes o transformava em uma característica criminosa.

Tanto Cobra Verde quanto Pajeú são mestiços e não eram criminosos até então, se tornaram parte do bando de Jesuíno por força das circunstâncias, que devido ao ataque das tropas do governo que vinham caçar o Brilhante e os Quebra-Quilos, precisaram fugir de suas casas e buscar outra forma de sobreviver e o fizeram o tempo todo aterrorizados por Jesuíno, seja pela ideia que faziam dele, a partir das histórias que ouviam, ou então pelas próprias atitudes que presenciaram no tempo com o bando, como o momento em que o Brilhante decide treiná-los no combate e, para tal, ele fizera no peito um alvo e mandara os companheiros atirar, um a um:

O primeiro que atirou foi o liberto, a bala passou zunindo pelo lugar em que estivera o tronco do Brilhante um segundo antes. Seguiram-se os outros, e sempre o mesmo resultado. Quando chegou a ocasião dos recrutas, sabe Deus com que constrangimento dispararam as armas. Estavam convencidos de que aquêle homem tinha o diabo nas tripas e que jamais poderiam se desvincilhar d'êle.²³⁴

Não só os fazia ficar a ameaça de desafiá-lo ao sair, mas a falta de perspectiva de voltar à vila e correr o risco de ser preso sem motivos, acrescido a isto a seca que se alastrava pelo sertão, enquanto ali estavam na serra, um refúgio de mata que ainda possuía vida, comida e água. Por trás de tudo isso havia ainda a mística que criaram de Jesuíno como alguém ligado ao diabo de tão habilidoso e que, portanto, não se poderia desafiar. Não à toa, quando Cobra Verde empunha sua arma para disparar contra um Brilhante já “sem ânimo”, afetado pela lesão em sua cabeça, desprovido de sua raiva, paixão e habilidade, o traidor tremia e hesitava até por fim atirar.

O trabalho para que Pajeú e Cobra Verde são recrutados é definido por Jesuíno antes que possam aceitar, deixando bem claro suas intenções e seus valores:

²³³ Idem

²³⁴ Ibidem, p. 204

O serviço é defenderem-se e defenderem-me em caso de perigo. Os que me acompanham, não pegam no alheio e nem faltam com o respeito às famílias honestas. Êstes dous crimes são os que eu mais abuso. Fugam de cometê-los porque para êles não há perdão.²³⁵

Novamente, a questão da honra do criminoso é o que o separa dos demais, não há problemas em matar, por exemplo, o limite é estabelecido nos crimes contra a honra e a propriedade.

Somos apresentados a outro criminoso no momento em que Jesuíno toma abrigo em um celeiro de uma propriedade na qual estava apenas uma mulher e suas criadas, uma vez que seu marido estava em viagem. Jesuíno, com seus limites de honra, solicitou à proprietária por abrigo e, apesar do medo que seu nome trazia, ela o cedeu. Contudo, durante a noite viram se aproximar aquele que descreveram como “o negro mais **serpentino** dêstes lugares”²³⁶, chamado de Granjeiro, apresentado como “valente, ladrão e [que] tem gozado muita moça branca por êste mundo a fora. Vive para furtar e fazer mal às filhas alheias. O brasão dêle é ofender as brancas; com as pretas, diz êle, não se suja. [...] O negro era asqueroso como um sapo”²³⁷.

Novamente, percebemos que Jesuíno não se incomoda com o fato de Granjeiro ser um criminoso perigoso, o que lhe chama atenção, primeiramente, são os crimes contra honra, os quais abomina, porém, é agravado quando escuta que ele somente os pratica contra mulheres brancas. Jesuíno é tomado pela raiva e vai até a casa da anfitriã para protegê-la e mantém-se escondido até o momento certo. Enquanto espera, no entanto, custa a conter seu ódio:

Lamentava a falta de sua faca, pois, para um negro tão infame a morte a bala era nobre demais. Queria picá-lo, esfaqueá-lo, devagar, fazendo-o sofrer as dores mais atroztes. Ocorreu-lhe uma idéia, que aplaudiu, e depois de refletir um pouco, resolveu executá-la. Para isso necessitava do concurso dos companheiros, pois tratava-se de agarrar o negro, amarrá-lo, castrá-lo e depois queimá-lo vivo.

O Brilhante achava pouco todos êsses tormentos: não havia castigo que punisse o Granjeiro. Um negro estuprar uma mulher branca e casada! Dizia consigo Jesuíno, cego de raiva!²³⁸

Apesar de seu desejo, contudo, a movimentação de Granjeiro o forçou a agir rapidamente e, quando revela sua presença, Granjeiro se ajoelha no chão com

²³⁵ Ibidem, p. 189

²³⁶ Ibidem, p. 350

²³⁷ Ibidem, p. 351

²³⁸ Ibidem, p. 352

medo do Brilhante, o que o faz atirar diante da covardia. “O corpo do Granjeiro foi retirado do quarto a ponta-pés por Pajeú e Cobra-Verde e atirado no pátio da fazenda. Não quiseram tocá-lo com as mãos”²³⁹.

Mesmo Jesuíno estando entregue ao ódio e desejar pela crueldade, ainda parece no enredo justificado pelo senso de honra da personagem que, apesar de um criminoso, cumpre a função de herói da narrativa, cumpridor da justiça quando todos os outros poderes falham. É ele que está lá para proteger a donzela em perigo. Tudo isso considerado, é o fato de Granjeiro ser um homem negro agindo contra uma mulher branca que desperta todo este ódio em Jesuíno, é a mistura de raças que o “herói” não tolera, assim como não tolerou a atitude de José e o teria matado na mesma hora por ter olhado em direção da retirante, não tivesse mandado o seu ex-escravo embora.

Da mesma forma, podemos fazer um paralelo com as teorias raciais, que se acobertavam de uma justificativa de justiça, afirmando que todos seus argumentos, discriminatórios quanto a raça, objetivavam a igualdade, pois não deveriam ser tratados iguais perante a lei aqueles que não estavam no mesmo patamar evolutivo, deveriam os negros, índios e outras raças tidas como inferiores ter sua pena atenuada. Contudo, este esforço não levava em consideração os interesses dessas pessoas sobre as quais tentavam legislar, mas buscava formas de impedir a continuidade da mistura racial que vinha ocorrendo, para eles, desenfreadamente e prejudicando o desenvolvimento da nação. Deste modo, mesmo criminosos, a superioridade racial ainda é evidente na perspectiva destes autores e esta diferença é perceptível em suas atitudes.

3.2 JESUÍNO ERA BOM E OS HOMENS O FIZERAM MAU

Ao contrário de seus companheiros ou inimigos, Jesuíno Brilhante não era um mestiço e possuía um código de honra, limites para seus crimes, atitudes que não tolerava e castigava. Era temido por todos, fossem inimigos, companheiros ou família, todos temiam seu olhar ameaçador, sua habilidade e é frequentemente comparado a uma onça, em velocidade, força e ferocidade. Contudo, não se tornou

²³⁹ Ibidem, p. 355

criminoso apenas por sua natureza, uma vez que, apesar de já possuir a nevrose que o condenaria a nove anos na vida do crime, esta estava adormecida dentro de si e somente foi exposta ao mundo quando em um ato de ganância e injustiça de seus inimigos, presenciou a morte de seu primo.

Teófilo anuncia, ainda no início de seu romance, que “Jesuíno Soares, cognominado o Brilhante, já era criminoso quando assistiu ao sermão do vigário da primeira vila que se insurgiu contra o sistema métrico decimal”²⁴⁰. Contudo, passou a infância sem dar sinais de tal característica, sendo um garoto franzino e sem “paixões violentas”. Apenas após a puberdade é que começa a desenvolver-se e torna-se um habilidoso vaqueiro, “aquela apatia que lhe abatia o ânimo e enfermava o corpo, fazendo que sentisse um tédio profundo pela vida e grande aversão a tudo que fôsse movimentado, o havia deixado”²⁴¹.

A adolescência lhe traz as primeiras “paixões”, instintos sexuais que o dominam, causados pela vida naquele ambiente, “o clima, a luz tônica de sol e os perfumes afrodisíacos das flôres silvestres despertavam-lhe os desejos lascivos”²⁴². Teófilo afirma que “a virgindade moral dos espectadores era a todo momento profanada pelo ato da procriação, ao qual os animais sem reboço se entregavam, desde a delicada borboleta até o touro vigoroso”²⁴³. Era, portanto, o meio que corrompia Jesuíno, apresentando-lhe as “depravações” dos animais, com seu clima e perfumes afrodisíacos. Para controlar esta situação, Jesuíno decide por casar-se, puramente para satisfazer seus desejos, pois “a mulher representava o seu papel; um papel bem secundário, que se resumia em conceber, parir e aleitar os filhos”²⁴⁴.

A cena simbólica do sangue que espirra em seu rosto, com o qual marca seu bacamarte em uma promessa de vingança representa a separação entre aquele que poderia ter sido um fazendeiro por toda sua vida, e o criminoso consumido pelo ódio. Portanto, apesar de ser branco e não possuir o fator racial como determinante para seus atos criminosos, Teófilo nos mostra que mesmo nestes casos há uma predisposição latente, uma degeneração moral que teria sido controlada, não fosse a influência externa.

²⁴⁰ Ibidem, p. 71

²⁴¹ Ibidem, p. 72

²⁴² Idem

²⁴³ Idem

²⁴⁴ Ibidem, p. 75

Ao longo do romance, descobrimos que o tio de Jesuíno já havia enfrentado o mesmo problema. Quando sua família tenta dissuadi-lo de sua ideia de vingança, lembra-se do passado de seu parente. Na ocasião, Jesuíno, tendo presenciado a morte de seu primo recentemente, vai à casa dos pais em meio a acessos de raiva, fazendo sua mãe chorar ao vê-lo, por estar com a fisionomia completamente desfigurada pelo ódio, mas “Jesuíno nada viu daquela cena. Com o cérebro cheio da idéia de vingança, o coração transbordando ódio, todo desequilibrado, continuava a blasonar de valente e a lançar tôda sorte de epítetos injuriosos à família dos Calangro”²⁴⁵.

Seu pai tenta convencê-lo a se acalmar e deixar de lado essa ideia de vingança, proibindo-o por três meses de envolver-se em qualquer afronta com os inimigos. Neste momento, lembra-se de seu cunhado:

Cazuzinha, tio materno de Jesuíno, começara também assim e chegou a conquistar triste celebridade no crime. O fazendeiro ainda tinha na mente as recordações terríveis da noite em que o cunhado lhe entrou de porta adentro com as mãos ensangüentadas e quase louco. Os espasmos que lhe agitavam os músculos das faces, de que jamais se esquecera, são os mesmos que observava agora no rosto do filho. O mesmo olhar, a mesma alteração nos traços da fisionomia.²⁴⁶

Frente ao respeito por seu pai, Jesuíno concorda em aguardar três meses, porém, ao contrário do que esperava aquele, o tempo não ajudou a acalmá-lo ou dissuadi-lo da vingança. Rodolfo Teófilo descreve este período em que o ódio está sendo contido como uma pessoa realmente doente, pois este tempo foi marcado por perturbações em seu ânimo, espasmos em sua face, “era um relâmpago de ferocidade que transtornava em sua curta duração as linhas de todo o rosto. Os olhos faiscavam e as faces tremiam em repetidos espasmos”²⁴⁷, referindo-se à personagem mesmo como um enfermo cujos sintomas só pioravam com o tempo e eram vistos fisicamente: “Seus passos não tinham a firmeza habitual e nem a fisionomia nos momentos plácidos a sua antiga expressão de bondade. Havia naquele organismo uma desordem profunda”²⁴⁸.

Percebemos, portanto, que a predisposição de Jesuíno ao crime é hereditária, assim como acreditavam os intelectuais contemporâneos de Rodolfo

²⁴⁵ Ibidem, p. 82

²⁴⁶ Ibidem, p. 84

²⁴⁷ Idem

²⁴⁸ Ibidem, p. 85

Teófilo, pois já havia em sua família um criminoso que apresentara os mesmos sintomas. Da mesma forma, assim como percebiam os teóricos do crime da área de medicina e saúde em geral, o criminoso era um doente, havia algo errado com ele biologicamente que o levava a cometer tais atos, o que significaria haver uma cura ou ao menos uma forma de diagnosticá-los.

A “doença” já estava tão impregnada em Jesuíno, que mesmo após matar um dos Calangros por vingança, ele não consegue descansar e dar-se por satisfeito. Por motivos políticos, após assassinar seu inimigo, Jesuíno não é perseguido, mas sim o dono da casa onde ocorreu o crime “e o Brilhante, livre em sua casa, gozaria da paz de uma vida tranqüila, se não tivesse já enfêrmo o espírito, cheio de idéias de vingança”²⁴⁹. Ele não se deixa abalar pelo seu crime, ao contrário do período em que foi obrigado pelo pai a conter a vingança, demonstra saúde, bom apetite e tranquilidade:

Jesuíno tinha consciência do crime que havia cometido. Durante as primeiras horas, suas idéias estiveram confusas a ponto de quase tudo ignorar. Êsse estado de exaltação, de atordoamento, serenou e êle lembrou-se então do que se tinha passado. Não se perturbou, nem teve remorsos. Achou regular o seu procedimento e, como um criminoso provector, afastava de si tôda a idéia que pudesse mortificá-lo inspirando-lhe o mais ligeiro sentimento de piedade pelo morto.²⁵⁰

O Brilhante já não estava mais “apenas” doente, havia se tornado efetivamente um criminoso, assassinado uma pessoa e não demonstrava ser afetado por isso. Seu pai “lembrava-se que Cazuzinha havia também recobrado o sangue frio depois do primeiro crime e ninguém mais o conteve”²⁵¹. Em uma tentativa de convencê-lo de que aquele caminho lhe reservava apenas a desgraça, seu pai o alerta que “alguns de teus avós foram criminosos, quanto nos custaram a nós e a êles as suas faltas!”²⁵². Novamente, sua família via em Jesuíno as atitudes de seus parentes, a herança que o sangue transmitira a ele era a criminalidade.

No entanto, apesar de criminoso, ciente de suas ações e satisfeito com isso, Jesuíno sempre demonstrou seu posicionamento para com a justiça. O assassinato que cometera fora para vingar-se de um crime já cometido e assim ele seguiria durante todo o enredo, afirmando matar apenas aqueles que lhe causaram algum

²⁴⁹ Ibidem, p. 113

²⁵⁰ Ibidem, p.114

²⁵¹ Idem

²⁵² Ibidem, p. 115

mal. Portanto, quando descobre que Botelho, seu parente e proprietário da casa onde havia assassinado o Calangro, estava preso por este crime, decide enfrentar as autoridades, para esclarecer o acontecido, pois, para ele: “Seria eu o mais infame dos homens se consentisse um inocente pagar as faltas que cometi. Amanhã restabelecerei a verdade; direi à justiça que é a mim que ela deve punir”²⁵³.

Entretanto, o Brilhante não se entregou para ser preso, apesar de se colocar à disposição para enfrentar seu julgamento, estabelece como condição a justiça pelo assassinato de seu parente. De toda forma, mesmo que quisessem prendê-lo ali, a própria presença de Jesuíno os paralisa de medo, impedindo os policiais de fugirem apenas porque não tinham força nas pernas, pois estavam aterrorizados com sua visita. É reforçado, portanto, seu comprometimento com a justiça e estabelecido que suas atitudes ocorrem apenas para suprir a falta que as brigas políticas e disputas de interesses causavam, punindo inocentes e deixando livres os “verdadeiros” criminosos por terem influência sobre aqueles que detém o poder.

Em assembleia com sua família, para formar o grupo dos Brilhantes que iria enfrentar os Calangros e estabelecer a vingança, Jesuíno é claro ao demonstrar que percebe estar doente pela vingança e o ódio, mas deixa claro que irá ferir apenas seus perseguidores, ao falar sobre a mudança que presenciar o assassinato de seu primo, no início do romance, trouxe em sua vida:

Não me pude dominar e desde aquele momento não tive mais fôrças sôbre mim. A paciência com que eu sofria os insultos, havia desaparecido de todo e o seu lugar foi ocupado por um desejo ardente de matar, mas de matar sômente os nossos perseguidores. Quis retirar-me daqui, por obediência a meu pai, mas ainda um acaso infeliz amarrou-me neste lugar e fiquei. Desafiado, matei e continuarei a matar, porque a sêde de vingança continua e o ódio e as perseguições de nossos inimigos não arrefecem.²⁵⁴

Logo após fugir da prisão, Pedro Jurema tenta recrutar o Brilhante para começarem juntos um bando, ao que Jesuíno responde que “nunca me entraram em casa patacas ganhas assim e espero em Deus que nunca me entrarão”²⁵⁵, mandando-o embora sentindo nojo por sua presença, demonstrando o comprometimento do protagonista em seus valores, pois não atentava contra a propriedade ou contra a honra, como Jurema fazia, estabelecendo a diferença entre os dois criminosos.

²⁵³ Ibidem, p. 116-117

²⁵⁴ Ibidem, p. 159

²⁵⁵ Ibidem, p. 135

Para além de seu “código de honra”, Jesuíno se mostra ainda uma pessoa bondosa, que se importa com o bem estar dos outros quando recruta José, seu escravo:

O Brilhante contava além disso com a dedicação do escravo, criado por êle, pode-se dizer, de pequenino e quase como filho. Não devia consultá-lo, nem ouvi-lo, era propriedade sua, e como senhor, tinha direito até sôbre a consciência de José. Jesuíno sabia de tudo isso, mas sua generosidade se opunha a tôda ação que fôsse uma vilania.

[...] Nunca aceitaria serviços que não fossem voluntários, e de mais, aquêles em que se arriscava a vida.²⁵⁶

Mesmo quando se trata de sua propriedade, ele é “generoso” o suficiente para lhe dar a liberdade antes de dizer o serviço, pois acredita que assim estará tomando a decisão sem a influência de sua posição. Da mesma forma, quando presencia a destruição que a seca traz à região e presencia o desespero dos famintos, momento em que decide assaltar as carroças de víveres para dar aos retirantes, demonstra compaixão por aquela terra e pelas pessoas, chorando ao ver a ruína do sertão e se emociona ao ver aquelas pessoas passando fome. Aos seus companheiros “recomendava todos os dias que tratassem com tôda humanidade os retirantes, ameaçando de punir severamente aquêles que por qualquer motivo quebrasse tão terminante ordem”²⁵⁷.

Tal era a generosidade de Jesuíno, que mesmo após o embate final com Francisco Calangro e Pedro Jurema, do qual sai vitorioso matando ambos, ao olhar os corpos, “o coração do Brilhante nutria certos sentimentos de piedade, que faziam um contraste perfeito com a crueza que ostentava nos momentos de vingança”²⁵⁸. Realizada, por fim, a vingança, “o Brilhante continuou o seu caminho bem disposto a depor as armas, uma vez que tinha vingado a morte de seus parentes e lavado em sangue as afrontas que havia recebido”²⁵⁹

Apesar da disposição de Jesuíno em deixar a vida criminosa, no entanto, mesmo estando mortos aqueles que via como inimigos, o fazendeiro que protegia os Calangros e possuía rixas políticas com sua família, tendo fracassado ao incitar a violência dos Calangros, decide mudar de estratégia e utiliza de seu prestígio como chefe político para instaurar um processo contra a família Soares, mais

²⁵⁶ Ibidem, p. 138

²⁵⁷ Ibidem, p. 311

²⁵⁸ Ibidem, p. 168-169

²⁵⁹ Ibidem, p. 169

especificamente Jesuíno, seu irmão João e seu cunhado Silvestre, pelas mortes ocorridas até então, solicitando auxílio do governo. Jesuíno “havia dissolvido o grupo e cuidava de seus gados e lavoura. A mania do crime voltara ao estado latente, fazia seis meses”²⁶⁰.

O governo “mais para satisfazer ao pedido dos amigos do que por amor à tranqüilidade pública, fêz seguir uma fôrça de linha comandada por um superior”²⁶¹, causando medo nos sertanejos moradores das regiões por onde passavam, que se escondiam em suas casas, saindo apenas quando o som das cornetas estava distante, tamanho é o medo que estas forças governamentais causam, devido às experiências anteriores, como o Quebra-Quilos ou o alistamento forçado, “viam no soldado, não uma garantia da ordem, mas o germe da desordem, o instrumento cego da perversidade e dos ódios dos mandões a cujo serviço êle vinha”²⁶².

Novamente afrontado, portanto, Jesuíno é forçado a voltar à vida criminosa, pois com o exército o perseguindo, sentia estar colocando em risco a vida de sua família, motivo que o levou a procurar abrigo nas matas da serra, onde instalará sua fortaleza em uma caverna cercada por um precipício. Mesmo com este esforço, no entanto, para conseguir atrair o Brilhante, as forças do governo começaram a atentar contra sua família. Ao descobrir sobre esta trama, o ódio toma conta novamente, assustando até mesmo José, “o liberto, acostumado com as cóleras de Jesuíno, desta vez estranhou-o e teve mêdo. Não parecia um homem, parecia um demônio”²⁶³.

Demonstrando que a vingança, apesar de colocá-lo em um lugar diferente dos outros criminosos, era sustentada pela enfermidade que o fazia criminoso, Teófilo coloca um novo inimigo a Jesuíno, mas desta vez não mais uma pessoa, mas o exército em si, o governo, entidades que, não importando o quanto ele matasse, ainda existiria e, portanto, permaneceria sustentada sua doença e a justificativa para matar:

O que, dia e noite, o incomodava era a afronta feita pelos soldados aos seus mais próximos parentes. Tinha derramado muito sangue e ainda não se julgava desafrontado. No seu tenebroso plano de vingança, de horrenda destruição, as vítimas já não eram os Calangros, mas os homens de farda,

²⁶⁰ Ibidem, p. 172

²⁶¹ Idem

²⁶² Ibidem, p. 173

²⁶³ Ibidem, p. 212

quaisquer que fôssem, embora estranhos inteiramente aos seus ódios e lutas. Era esquisita essa nova manifestação da neurose do Brilhante. Os seus inimigos eram agora somente os soldados e o govêrno que os mantinha. Em suas crises, eram os militares os agentes que determinavam as mais teimosas exacerbações. O delírio de matar soldado dominava inteiramente aquêlo espírito desequilibrado. Não tinha hora nem medida as consequências da luta quando se dispunha a tirar a vida dos inimigos.²⁶⁴

Teófilo deixa evidente que, no caso de Jesuíno, apesar de sua nevrose, é o meio que o transformou em criminoso, que este age apenas em defesa própria e por isso não se arrepende e não vê suas atitudes como um mal, mas apenas um acerto de contas, uma forma de fazer justiça em um meio corrupto. Em certo momento, o Brilhante tem uma conversa com um vigário amigo seu sobre suas atitudes, na qual afirma que não se arrepende por ter apenas se defendido e que “Deus sabe as injustiças de que tenho sido vítima e o procedimento dos homens para comigo. Eu era bom e me fizeram mau”²⁶⁵.

Em resposta, o vigário traz a discussão dos intelectuais da segunda metade do século XIX, que buscavam diminuir a crueldade das penas e acreditavam na reabilitação de alguns criminosos, como Teófilo já havia demonstrado anteriormente, ao criticar a punição dos coletes de couro, e retoma neste momento para reforçar que havia cura para o caso do protagonista: “Não se deve considerar perdido, Jesuíno. Saindo do meio de seus perseguidores, ainda V. poderá ser feliz em outra terra e se reabilitar perante Deus e os homens”²⁶⁶.

Diante à insistência de que se mudasse, Jesuíno afirma que

Para deixar de matar, era preciso viver em uma terra em que não houvesse soldado, mesmo assim o ódio não se arrefeceria, o desejo de vingança não se acabaria. Deixem-me cumprir a minha sina. De tudo que era bom neste coração, resta somente hoje respeito à honra e à propriedade do próximo, tudo mais a maldade de meus inimigos destruiu. Irei d’abismo em abismo até encontrar a morte e tudo se acabará²⁶⁷.

Novamente há a afirmação de que o criminoso foi construído pelo meio e pela circunstância, que a bondade e generosidade que havia anteriormente foi destruída, mas isso ocorre mais especificamente nesta segunda parte da trama, quando os inimigos de Jesuíno se tornam o governo e o exército, pois até então, mesmo na morte de seu inimigo, há piedade em seu coração. Poeticamente, o fim de Brilhante ocorre de abismo em abismo e termina em com sua morte,

²⁶⁴ Ibidem, p. 218

²⁶⁵ Ibidem, p. 220

²⁶⁶ Idem

²⁶⁷ Ibidem, p. 222-223

primeiramente com a queda que retira o ânimo de onça pelo qual era famoso e, mais tarde, com a queda no precipício de sua fortaleza, onde seu corpo cai junto ao da retirante que abrigou e de José, que assassinou.

Fechando um ciclo de transformação de Jesuíno em criminoso, ele afirma ainda que, além de não poder fugir, não pode ficar com seus familiares, pois “nem de companhia lhes poderei servir, porque, sem que êles queiram, terão um certo temor, a repugnância que instintivamente o justo tem do criminoso”²⁶⁸, a mesma repugnância e nojo que ele havia sentido ao encontrar com Jurema pela primeira vez, agora ele sabia que causava aos outros, mesmo que ainda justificasse suas atitudes pela vingança e como defesa, se vê perdido na enfermidade que seria a criminalidade.

Deixando para trás a sua família e assumindo a vida de criminoso, o Brilhante ganha fama entre a população local, “todos temiam o seu ódio e louvavam as suas ações generosas”²⁶⁹. Tornou-se juiz e carrasco, para o qual aqueles que tivessem problemas iriam buscar ajuda, desde que fossem crimes contra a honra e a propriedade, punindo com a morte aqueles que se negassem a reparar o crime com restituição ou casamento, “Jesuíno não deixava de tirar uma parcela dêsse tempo e empregá-la em beneficiar os desgraçados, socorrer os oprimidos [...] Para êle todos eram iguais e provou isso inúmeras vezes, decidindo questões entre pobres e ricos”²⁷⁰. Sua fama o fizera o substituto do governo onde este falhava, garantindo a justiça que a população desejava, obtendo maior legitimidade do que o próprio governo, do qual escondiam-se ao soar a trombeta.

O avanço da “doença” de Jesuíno é demonstrado ao descobrir que novamente as forças do governo estavam perseguindo sua família, agora que a seca havia dado sinais de chegar ao seu fim. Ele descobre que seu pai foi levado à prisão e os soldados agrediram sua mãe: “O Brilhante rangiu os dentes e soltou um ganido, uma espécie de gemido epilético de uma horribilidade tal que arrepiou as carnes do narrador. Ao mesmo tempo apareceu-lhe espuma nos cantos da bôca e os olhos dançaram dentro das órbitas”²⁷¹.

²⁶⁸ Ibidem, p. 224

²⁶⁹ Ibidem, p. 227

²⁷⁰ Ibidem, p.228

²⁷¹ Ibidem, p.365

Decido a libertar seu pai, Jesuíno passa alguns dias disfarçado na frente da delegacia, como um pedinte, controlando acessos de raiva que se mostravam como espasmos, por estar cercado por soldados. Deste tempo, apenas um soldado demonstrou compaixão e por isso o Brilhante poupou sua vida, no ataque que libertou os prisioneiros. Antes, contudo, há um diálogo entre os soldados, pois acabava de morrer um irmão de Jesuíno, também preso na tentativa de chegar até ele. Um dos guardas fala sobre o pai e irmão serem tão ruins quanto o Brilhante e, portanto, merecer este destino, enquanto outro afirmava que achava errado terem detido os dois, mas que o Brilhante sim merecia ser punido, ao que o capitão acrescenta: “Um irmão do célebre Brilhante, uma fera, talvez, para o futuro”, um dos soldados, no entanto, discorda: “Talvez, não, senhor. Jesuíno era bom e os homens o fizeram mau”²⁷². A credibilidade de Jesuíno com a população chegava até mesmo aos soldados, que compreendiam que ele não era de todo mal, mas foi transformado pela sociedade e pelas circunstâncias.

Mesmo após libertar os prisioneiros da cadeia, ao perceber que alguns deles pretendiam assaltar o mercado e as casas, o Brilhante interfere, ameaçando que teriam de passar por ele primeiro e matá-lo, antes de levar adiante seu plano, uma vez que estava ali apenas para libertar os seus, que foram injustamente aprisionados e não toleraria que aqueles criminosos atacassem os inocentes daquela cidade.

Seguindo o ataque à cadeia, o capitão da força é patrocinado por um homem rico, inimigo dos Soares, família de Jesuíno, para persegui-los até prendê-los ou matá-los. Esta perseguição levará o protagonista até o primeiro abismo, onde caíra na escuridão e, devido aos ferimentos da queda, nunca mais retomará o ânimo violento que possuía, pois havia um corte em toda a parte frontal de sua cabeça. Preso nas pedras, desejou se matar, mas pensou que o paraíso não lhe pertencia e para ele apenas um mundo de trevas aguardava e “menos pelo temor do castigo, do que desejoso de gozar as delícias de todos aqueles céus, por um instante, o primeiro na vida, arrependeu-se de ter morto e de não se ter deixado matar”²⁷³.

²⁷² Ibidem, p. 376

²⁷³ Ibidem, p. 427

Após os ferimentos, apesar de se sentir bem fisicamente, Jesuíno já não demonstrava mais a mesma disposição, “os olhos faiscantes do chefe tinham perdido as cintilações e caído em um quebramento doentio”²⁷⁴, “o olhar do chefe que tanto os aterrava, é um olhar de ovelha que rumina, não tem mais a ferocidade dos felinos”²⁷⁵. É devido a esta condição, fisicamente representada pelo ferimento, mas metaforicamente pelo arrependimento, que Jesuíno vê-se livre da doença que o transformou em criminoso e o permeou de ódio, mas também devido a isto ficou vulnerável e acaba sendo morto por Cobra Verde.

A partir desta análise das personagens criminosas no romance de Rodolfo Teófilo, portanto, podemos perceber a diferença em suas construções e o papel que exerce a raça, pensada a partir das teorias raciais do final do século XIX, nas atitudes e predisposições delas. Fica claro como todas as personagens mestiças são predispostos à violência e ao crime, mesmo que com algumas graduações, desde os terríveis Granjeiro e Pedro Jurema, cruéis e desonrosos, capazes de roubar e estuprar, mas principalmente no caso do primeiro, agir contra mulheres brancas, sendo negro. Já o segundo, é construído como um criminoso-nato, aquele que está além da reabilitação, não importa o tempo que passa na prisão, no segundo em que se vê em liberdade já começa a pensar nos próximos crimes, que lhe vem naturalmente, pois, para Teófilo, faz justamente parte de sua natureza, é biologicamente incapaz de viver em sociedade, pois atrasado na evolução social, não é capaz de agir de acordo. Mata aliados, inimigos, homens, mulheres, crianças, quem estiver no seu caminho, além de roubar o que lhe convém.

Os outros criminosos, mesmo ao lado de Jesuíno, são controlados por ele, são impedidos de agir contra os inocentes pelos seus princípios, não por índole própria. À exceção de seus parentes e Pajeú, aqueles que puderam traí-lo, aproveitaram a oportunidade, agindo contra alguém que só lhes “fez bem” durante toda a narrativa, ao menos aos olhos do protagonista.

Enquanto isso, a generosidade de Jesuíno justifica suas atitudes, mesmo que, por vezes, reconhecidamente cruéis, sem remorsos, Jesuíno não possui o fator da raça o impulsionando ao crime, por isso o controla e o faz seletivo, mantendo sua moral durante todo o enredo. No seu caso, há a hereditariedade como uma das

²⁷⁴ Ibidem, p.443

²⁷⁵ Ibidem, p. 445

forças que o leva ao crime, mas principalmente é o meio que o transforma, seja ele o clima tropical, como acreditavam os intelectuais, ou o conjunto de atitudes que o governo que Teófilo queria criticar toma frente aos sertanejos, que por sua corrupção e ganancia cria pessoas como o Brilhante, capaz de ganhar o apoio popular por sua justiça que faz muito mais sentido aos olhos dos habitantes locais do que a do império, que mais parece um estrangeiro naquele lugar.

Rodolfo Teófilo utiliza de seu romance para nos ensinar sobre as teorias de seu tempo, nos mostrando aquilo que acreditava fazer um criminoso, tentando manter sua proposta de construir uma “psicologia do criminoso”, mostrando os efeitos da raça e do meio sobre eles, além de tentar entrar na mente de um criminoso-nato.

O apoio que Jesuíno conquista, no entanto, não se trata apenas da percepção de uma injustiça, mas uma relação complexa que se estabelece entre sertão e governo central, na qual em um esforço centralizador e de dominação, o governo busca impor uma ordem a qual a população sertaneja não está acostumada ou mesmo disposta a seguir, a partir de padrões estrangeiros de civilidade, tenta tratar toda a população como uma só e sujeitá-la aos mesmos moldes.

Aos olhos das teorias raciais, este conflito se dá pela mistura racial, responsável pela propagação das características “inferiores” de cada raça, resultando em um ser atrasado em sua concepção evolutiva de sociedade. Aqueles mestiços resistem, pois não estão no estágio de evolução adequado aos passos que o governo pretende impor. É também por este motivo que Jesuíno ganha o apoio popular, pois aquela é a justiça que entendem, devido às suas “limitações biológicas”. A tentativa de Teófilo ao construir este romance é de criar um experimento, imaginando, a partir de seus conhecimentos, como e porque aquelas pessoas agiriam da forma como agiram, uma vez que a história de Jesuíno Soares, o Brilhante, é real e reimaginada por ele neste esforço de uma análise psicológica.

3.3 BOM E MAU BANDIDO

Para além das teorias raciais, os criminosos que Teófilo construiu trazem o debate da violência e do banditismo. A figura do “bom bandido” de Jesuíno não é

nova, mas também não acaba com *Os Brilhantes*, ganhando maior fama a partir dos anos 1920, com grupos de bandidos como o de Lampião e outros cangaceiros aparecendo como justiceiros do povo, repercutindo ideias que já estavam presentes antes mesmo dos cangaceiros, do bandido que mata pela honra, por vingança, apenas aqueles que o ofendem, mas também, pelo seu povo.

O que justifica as ações de Jesuíno é a vingança, apoiada em uma cultura que legitimava o uso da violência frente a desafrontas, vendo como um direito e mesmo um dever daquele que é afrontado, sua família e amigos de buscar a vingança²⁷⁶. Desta forma, ao presenciar a morte de seu primo, Jesuíno é impelido por um código moral que fazia parte de sua cultura a acertar as contas com aqueles que cometeram o crime.

A esta figura define-se o “valentão”, “homem que enganchava a granadeira e, viajando léguas e mais léguas, ia desafrontar um amigo, parente ou mesmo um estranho que tivesse sofrido algum constrangimento ou humilhação”²⁷⁷, uma figura romântica do justiceiro que, através desta legitimação da violência, busca fazer sua fama, “seu desejo era tornar-se tão célebres pela coragem que bastasse saber da sua presença para amedrontar as pessoas que intentassem promover brigas”²⁷⁸.

Para além do valentão, vemos ainda a presença dos cabras²⁷⁹, capangas, jagunços, pistoleiros ou cangaceiros, profissionais cujas formas de trabalho presentes durante o século XIX e/ou XX utilizavam da violência e da estrutura da vida rural, com presença estatal ainda muito frágil, para criar modos de vida e verdadeiras profissões. No caso do cabra, aquele que prestava serviços a um empregador, podia ser um capanga, quando contratado para investidas ofensivas, ou então um guarda costas, quando para defender o contratante ou sua fazenda. Este indivíduo costumeiramente, ao cumprir com o trabalho para o qual foi contratado, podia se dedicar a outra tarefa pacífica, o que o diferencia do jagunço, aquele que escolhe o ofício das armas e leva sua vida de um serviço a outro, sem envolver-se em atividades pacíficas, sendo contratado por fazendeiros, chefes

²⁷⁶ MELLO, F. P. de. **Guerreiros do sol**: violência e banditismo no Nordeste do Brasil. 5ª ed. São Paulo: A Girafa, 2011, p. 63

²⁷⁷ MELLO, F. P. de. p. 65

²⁷⁸ Idem

²⁷⁹ Os cabras aqui não se confundem com o sentido utilizado por Rodolfo Teófilo para nomear uma classificação racial mestiça. O termo cabra possui diversos usos e mesmo contemporâneos de Teófilo não o utilizavam com o mesmo significado que o autor apresenta.

políticos e, nos anos 1920, até mesmo pelo Governo Federal, o que demonstra a legitimidade dessas atividades violentas profissionais. Já os pistoleiros, trabalhavam normalmente sozinhos, sendo contratados para assassinatos como matadores de aluguel, recebendo em troca dinheiro, gado, terras ou outras formas de pagamento.

Quanto ao cangaceiro, mereceria um estudo mais atento (assim como toda a questão da violência rural e suas personagens), mas basta aqui, para os fins pretendidos, ressaltar que este não se confunde com os outros tipos de “homens de armas”, apesar de algumas semelhanças. Destaca-se principalmente, a organização dos cangaceiros em bandos que exigiam uma estrutura muito bem planejada de ação e mesmo financeiramente. Estes bandos se diferenciam dos cabras, capangas e jagunços, por exemplo, à medida em que não possuíam patrão, ocorrendo mesmo de cangaceiros contratarem estes outros como prestadores de serviços. Suas atividades não se limitavam a saques, mas exigiam uma diversificação, com a inclusão, por exemplo, da agiotagem, e a criação de relações com fazendeiros, políticos e coronéis, na busca por um apoio mútuo que beneficiasse ambas as partes envolvidas. Resta dizer ainda, que personagens como Jesuíno não são representantes desta modalidade, uma vez que, como vimos anteriormente, as práticas de violência legítimas eram diversas e conhecê-las é importante para compreendermos a extensão da presença da violência nesta vida rural sertaneja, para além da muitas vezes simplificada alcunha de crime.

De um modo mais amplo, falamos de *banditismo* para englobar as diversas formas em que esta modalidade de violência legitimada é vista na história. A figura do “bom bandido” que rouba ou mata em nome da justiça ou da vingança serviu de modelo para a criação de arquétipos e mesmo para a criação de uma identidade nacional através de uma visão romantizada de “pessoas violentas lutando contra o irreversível avanço da modernidade, identificadas com os valores patriarcais tradicionais e associadas à liberdade absoluta do bom selvagem”²⁸⁰. Teófilo explica a violência de Jesuíno através de seus estudos sobre o criminoso, da hereditariedade e sua característica doentia, porém, o Brilhante é violento por estar também envolvido nesta cultura sertaneja e o que ele representa são estes valores tradicionais, ameaçados pela modernidade, relação que intelectuais como Teófilo

²⁸⁰ FERRERAS, N. O. **Bandoleiros, cangaceiros e matreiros**: revisão sobre o banditismo social na América Latina. Revista de História. São Paulo, n. 22, 2003, p. 211-212

romantizavam, a partir de uma visão burguesa urbana, como a resposta às mudanças com efeitos negativos que viam crescer durante o século.

Interessados em construir uma figura que inspirasse uma identidade nacional, tanto romantismo quanto liberalismo buscaram na imagem destes bandidos criar um modelo. Na Argentina, por exemplo, frente à grande entrada de imigrantes, os *gauchos* representarão a resistência da “verdadeira” identidade²⁸¹. Da mesma forma em diversos países, inclusive o Brasil, as atitudes de indivíduos ou grupos violentos, serão transformadas em atos de resistência, heróis populares representantes do povo em oposição às elites opressoras.

Contudo, essa romantização ignora as complexidades das relações sociais em que estes bandidos estavam envolvidos, a interdependência com as elites e os interesses pessoais ficam de fora para validar a violência em prol de uma causa que nem sempre lhes cabia. Ao contrário da construção que Rodolfo Teófilo nos apresenta, de um emocionado Jesuíno, tocado pela visão de tantos famintos, o roubo de mercadorias para distribuição entre os necessitados, esta característica marcante do banditismo, mais serviam às necessidades dos bandidos do que representavam uma boa ação ou um ato de justiça social. No entanto, isto não significa que ações criminosas, como roubos, por exemplo, não possam estar relacionadas a uma ação de resistência ou sintoma de conflitos sociais, mas é compreender que “nem todo roubo é um ato de resistência, e ainda a resistência pode estar fora dos grupos de bandidos e em elementos do cotidiano, como pequenos furtos ou apropriações de elementos das classes proprietárias”²⁸².

A divisão campo-cidade e a visão estereotipada dos moradores urbanos para com as áreas rurais também têm sua representação na violência. Colocadas como oposição entre civilidade e barbaridade, esta visão se mostra nos relatórios policiais do século XIX, nos quais ressaltava-se o caráter “selvagem” dos sertões, locais em que o Estado ainda era pouco presente e as forças policiais eram escassas, onde os criminosos andavam livremente. Para alguns dos presidentes das províncias do Norte, a violência estava relacionada com a falta de instrução e cultura ou “civilidade”, comparando-as com as regiões “urbanizadas”, “em suma, em seus relatórios anuais os presidentes sempre ressaltavam que a instrução era uma

²⁸¹ FERRERAS, N. O. p.212-213

²⁸² Ibidem, p. 219

espécie de divisor de águas entre a barbárie e a civilização, entre a ordem jurídica e a criminalidade”²⁸³.

O banditismo faz parte de um contexto de controle estatal sobre as populações rurais que estavam fora de seu alcance, limitado por questões estruturais, como a própria falta de força policial que impedia o governo de marcar sua presença nos territórios afastados. De acordo com Hobsbawn, nenhum Estado

[...] que não pudesse ser percorrido a pé em um ou dois dias possuía um conhecimento suficiente, atualizado com regularidade, de quem nascia, vivia e morria dentro de suas fronteiras. [...] Nenhum Estado, antes da estrada de ferro e do telégrafo, antepassados da moderna revolução das comunicações, podia saber o que ocorria em suas áreas mais distantes ou enviar seus agentes com rapidez suficiente para que agissem. [...] Nenhum Estado antes do século XIX tinha capacidade de manter uma força de polícia rural eficaz que atuasse como agente direto do governo central e abarcasse todo o território.²⁸⁴

Com um corpo de polícia limitado, as províncias precisavam policiar suas capitais, cidades vizinhas e os sertões, além de enviar destacamentos para amenizar rixas políticas e crimes cotidianos. Desta forma, quando frente aos bandidos ou grupos de cangaceiros, por exemplo, assim como Teófilo apresenta em seu romance, era necessário aguardar a chegada de tropas militares geralmente vindas das capitais, quando estas estavam disponíveis. “Em 1875, por exemplo, a comarca de Tacaratu, distante 120 léguas do Recife, possuía um destacamento policial composto por oito soldados”²⁸⁵, número que diminuía progressivamente. Além disso, era prática comum solicitar recursos materiais e humanos aos proprietários rurais para enfrentar bandos de salteadores nas estradas que, por exemplo, “aproveitando-se da desarrumação interna provocada pelo período de estiagem, ‘traziam em contínuo susto a população, e se apoderavam das cargas de gêneros remetidos pela comissão central de socorros’”²⁸⁶.

As secas eram vistas como causas de aumento da criminalidade e violência, uma vez que geravam um número muito grande de retirantes que, para as autoridades, na busca pela sobrevivência, não demorariam para recorrer a atos

²⁸³ SILVA, W. B. da. "Grupos de criminosos infestam aquela província": banditismo em Pernambuco na segunda metade do século XIX. In: FONTELES NETO, F. L.; BRETAS, M. L.; FLORES, M. F. da C. T. (org.). **História do Banditismo no Brasil**: novos espaços, novas abordagens. Santa Maria: Editora Ufsm, 2019. p. 156

²⁸⁴ HOBBSBAWN, E. J. Bandidos. São Paulo, Paz e Terra, 2010, p.29 apud SILVA, W. B. da. op. cit. p. 160

²⁸⁵ Ibidem, p. 161

²⁸⁶ Ibidem, p. 167

criminosos. Em período de seca, os relatórios de presidentes das províncias do Norte apontam para um considerável aumento da criminalidade e colocam como causa a seca e suas consequências²⁸⁷.

Grupos de salteadores se formavam e atuavam nos sertões aproveitando-se da falta de policiais para combatê-los, da falta de estrutura que frente à multidão de retirantes tomava a atenção das autoridades, mas também das fronteiras provinciais, fugindo do Ceará ao Rio Grande do Norte, por exemplo, quando os destacamentos eram enviados para persegui-los, tomando a proteção de regiões fronteiriças em que a atuação daqueles policiais seria impedida, para se deslocarem novamente para outra província, quando necessário.

É importante perceber que uma questão sempre presente ao se tratar destes grupos de bandidos é o controle do Estado e a falta de reconhecimento de sua autoridade. Enquanto o governo tenta impor seu comando nas regiões mais distantes das capitais, as populações rurais nem sempre reconhecem sua presença ali, vendo com medo quando ela se faz apenas pelas ordens que provocam mudanças em seu estilo de vida e através das tropas que ao visitar uma cidade os fazem se esconder em suas casas ou fugir frente à ameaça de prisões arbitrárias ou recrutamento forçado, que como vimos anteriormente, eram realizados mesmo que isso significasse amarrar e arrastar os homens até os assentamentos.

Frente a esta situação, é possível que bandos criminosos possam ter ganho a simpatia dessas populações, pois assim como Jesuíno já em seu arco final no romance de Teófilo, eles se colocavam contra o governo e contra o exército, mesmo que com o intuito de ganhos pessoais, podiam proteger aquelas pessoas que mais tarde os acobertariam ou lhes dariam pouso em uma fuga, como vemos em *O Cabeleira*, de Franklin Távora, pois era mais fácil identificar-se com aqueles que compartilhavam de seus costumes e tradições do que com um Estado de poder e presença escassos naqueles sertões que tentava incessantemente transformar suas vidas modernizando sua cultura. De toda forma, estes bandidos também eram sertanejos e podiam compartilhar destes sentimentos frente ao governo e tudo o que podia significar sua presença ali.

²⁸⁷ Ibidem, p. 170

Os Quebra-Quilos, da forma como Teófilo os apresenta, são um grupo de pessoas insatisfeitas com as atitudes do Estado que, apesar de ter seu propósito desvirtuado pelos criminosos que aderiram ao movimento, é uma expressão da frágil legitimidade do governo nas regiões mais afastadas e a constante “necessidade” de se usar da violência como maneira de coerção. Da mesma forma, quando Jesuíno toma refúgio nas matas, a população se volta a ele em busca de justiça, pois reconhece nele uma autoridade que não vêm no Estado.

Seja a partir da raça ou da violência, o criminoso é figura central em *Os Brilhantes*, a tentativa de Rodolfo Teófilo em realizar uma análise da mente criminosa. Podemos perceber que as teorias raciais estão profundamente enraizadas em suas construções de personagens, ao conceder características heroicas ao protagonista branco, transformado em criminoso pelas injustiças da sociedade e ação daqueles que “realmente” são criminosos, seus inimigos mestiços, ou pelas atitudes daquele que é nascido criminoso, além de qualquer redenção, ao contrário de Jesuíno. Em meio a isso, é possível perceber ainda sua visão sobre a cultura sertaneja, por vezes ignorante e por vezes a salvo das transformações do progresso, além da representação da estrutura de violência criada por diversas circunstâncias e perpetuada por uma ação estatal violenta e sedenta pelo controle territorial. Desta forma, o banditismo aparece como tema do romance que busca ser uma história intimista, uma análise psicológica, um estudo destes criminosos a partir das teorias raciais que cresciam no fim do século XIX.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A questão da raça ocupou espaço central nas discussões realizadas neste trabalho. A raça se tornou ao longo do século XIX e em especial no fim deste, um denominador comum pelo qual as áreas do conhecimento deveriam passar, fossem elas deterministas, que aceitavam e defendiam as teorias raciais abertamente em seus trabalhos, como os naturalistas, fossem áreas em que estas teorias aparecem de forma mais sutil, como nas transformações urbanas e higienistas, ou mesmo de seus críticos, como os juristas liberais que rejeitavam seus extremismos, mas cujo discurso racial era acionado quando lhes convinha.

Da mesma forma, percebemos que a literatura, como campo de conhecimento e expressão cultural desta mesma sociedade, incorpora e reproduz estes discursos, pois é também uma maneira de construir a intelectualidade para além das paredes das faculdades. Através da literatura os autores buscam criar experimentos que partem de um imaginário construído a partir de suas experiências sociais, incluindo aqui as teorias científicas que estavam em discussão e tentavam explicar e entender sua realidade muitas vezes controversa. Desta forma, selecionam determinados recortes das teorias evolucionista, social-darwinista, liberal e racial, para defender a possibilidade de um país mestiço e tropical ser capaz de conquistar o progresso através do trabalho livre e da democracia ao mesmo tempo em que mantém estruturas hierárquicas que excluem ex-escravos, utilizam de suas forças militares para perpetuar a violência e impor a modernidade de um grupo seletivo para toda a população, pois creem ser o melhor para eles, uma vez que é moderno e representa o progresso. No pano de fundo destas decisões e projetos políticos, as teorias raciais sempre estarão presentes, seja diretamente ou de maneira mais sutil, uma vez que fez parte da formação destes intelectuais que mais tarde tomaram posições de poder, exerceram reformas, planejaram cidades, escreveram códigos de normas e leis.

Neste sentido, a literatura assume o importante papel de repercutir estas discussões, mesmo que não de forma direta e didática, apesar de ser uma forma que o próprio Rodolfo Teófilo utilizava em seus escritos, mas as construções de personagens, suas atitudes, aparências, temperamentos e pensamentos criam

arquétipos, modelos reconhecíveis na realidade concreta, utilizando dos estudos científicos para reafirmar preconceitos e consolidar desigualdades. Sob um manto progressista, afirmam que as desigualdades precisam ser reconhecidas e escancaradas para que a justiça possa ocorrer a partir delas, mas de políticas públicas a enredos de romances elas aparecem para excluir, para branquear, para defender a superioridade racial das elites. Em escritos literários temos acesso aos pensamentos das personagens, sabemos (e julgamos!) o que pensam em fazer antes mesmo que isso possa acontecer. Teófilo é um escritor de classe média, parte de uma elite intelectual urbana que acredita ser capaz de construir os pensamentos de sertanejos criminosos, pois conhece sua raça, estudou a forma como a nevrose criminosa age no corpo e deturpa a mente em cada um deles, pois seu corpo, sua raça, seu ambiente e seu clima determinam aquilo que serão. Quem o lê não são os sertanejos sobre os quais escreve, são outros intelectuais da classe média urbana, que tiveram acesso aos mesmos estudos e discussões, os quais chegam em posições de poder e influência, que são capazes de produzir mudanças a partir destas visões perpetuadas pela academia, mas também fora dela, em especial na literatura.

Frente a um cenário como este, em que a maior parte da população não só está fadada à degeneração como também atrasa a nação e a mantém longe do progresso, faz sentido que as soluções que surgem desta mentalidade caminhem em direção à exclusão e ao extermínio. Os imigrantes não são convocados porque não havia mão de obra no país, afinal, onde estariam aqueles que até então eram escravizados? Eles são convocados pois poderiam criar um Brasil mais branco, que a partir de algumas gerações, poderia ter uma chance no progresso. A eugenia não ganha popularidade no Brasil por ter um pequeno grupo de adeptos, mas por fazer sentido frente ao que se pensava sobre a população brasileira e seu futuro.

Peter Gay ao comentar sobre Lombroso, afirma que “sua criminologia era mais um sintoma do que uma solução, um sintoma característico de uma época”²⁸⁸. Estes debates científicos mais do que buscar soluções para problemas, representam formas de pensar e estruturas ideológicas do período em que são discutidos. A criminologia do fim do século XIX, assim como a popularidade das teorias raciais

²⁸⁸ GAY, P. **O cultivo do ódio**. São Paulo, Companhia das Letras, 2001. (A experiência burguesa da rainha Vitória a Freud). p. 164

apresentam um sintoma, os moldes que tomava o racismo estrutural acobertado de científico e as políticas de extermínio que culminam na experiência alemã do mesmo na Segunda Guerra Mundial.

Muitas vezes o Nazismo é visto como a expressão máxima desta ideologia de extermínio e algo tão inconcebível nos dias atuais que acaba criando uma imagem no imaginário de que isso surgiu na Alemanha do século XX e ali terminou, pois foi derrotado. Contudo, como podemos perceber com este trabalho, este pensamento de superioridade racial e desejo pelo fim das raças vistas como inferiores é anterior ao contexto nazista e precede até mesmo o tema aqui discutido, assim como não se limitou à Alemanha, nem mesmo aos países do Eixo durante a guerra. Estes ideais estão presentes em diversas partes do mundo, incluindo o Brasil, em diferentes períodos, podendo ser mais escancarado ou sutil, mas nunca extinto.

Por este motivo, associar estes pensamentos e práticas apenas ao Nazismo pode invisibilizar sua presença em outras vertentes políticas, sejam elas conservadoras ou liberais, ou mesmo em outros tempos, como o contexto aqui discutido. Os naturalistas brasileiros do fim dos oitocentos se colocavam como progressistas, eram republicanos e abolicionistas ao mesmo tempo em que acreditavam na superioridade da raça branca e alguns defendiam o branqueamento e a eugenia, propunham a miscigenação na esperança de que a raça branca prevalecesse e eliminasse qualquer outra. Silvio Romero, por exemplo, que se posicionava como um progressista defensor da República e das novas ideais, assumirá mais tarde em sua vida, o degeneracionismo, afirmando que a proclamação da República permitiu que mestiços pudessem chegar ao doutorado e viabilizou uma invasão mestiça à máquina pública, pois, para ele, havia sido retirado do poder a elite branca.

Da mesma forma, nos dias atuais podemos perceber o crescente conforto com que discursos de ódio, defesas por autoritarismos e genocídios são repercutidos. Assim como no caso do fim do século XIX as teorias raciais não estavam restritas a um pequeno grupo, estes ideais não estão hoje limitados apenas a alguns extremistas, eles estão difundidos, influenciando decisões e políticas públicas, viabilizando eleições de pessoas que, frente a um constante negacionismo

pensado para minimizar e afastar a ideia de que este autoritarismo racista e de extermínio pode existir para além de 1945, conseguem se passar por novas ideias e novas soluções que já se repetiam desde o século XIX.

É neste sentido que o estudo do imaginário se faz importante, pois podemos perceber que estas discussões estão além da academia e dos debates científicos, estão na sociedade, construindo relações sociais, nas notícias dos jornais, na ação pública, no pensamento político e nos enredos da literatura. Não é dizer que todos pensem igual e não haja resistências, pois sempre haverá. Contudo, o conhecimento científico não é esquecido nos portões das faculdades, intelectuais não estão em uma esfera distante da sociedade, pois fazem parte dela e nela atuam, da mesma forma que a sociedade atua nestas pessoas e influencia a produção científica e artística. Se preconceitos criam problemas, é a partir deles que buscarão soluções.

Em um momento em que a memória histórica parece tão curta, problemas recentes são vistos tão distantes, há a tentativa de criar um passado que apague, esqueça e ignore seus problemas, criando falsidades como um país sem racismo, um Sul sem escravos, uma “ditamole”, amenizando situações severas que custaram inúmeras vidas e ainda repercutem, pois justamente ainda muito recentes e muito profundas nas estruturas sociais, para abrir novos espaços para genocídios e autoritarismos. Desta forma, a ciência e a arte são capazes de promover mudanças, pois se as injustiças criam problemas, é para combatê-las que produzimos e criamos. Em especial aqui a literatura e a história se apresentam como linguagens capazes de nos lembrar do passado, não nos permitir esquecer suas atrocidades e imaginar futuros possíveis.

REFERÊNCIAS

FONTES

ARARIPE JUNIOR. **Obra crítica de Araripe Júnior, v1**: 1868-1887. Rio de Janeiro: Casa Rui Barbosa, 1958. Disponível em: <
<http://rubi.casaruibarbosa.gov.br:8080/handle/fcrb/328> >. Acesso em: 27 out. 2021.

_____. **Obra crítica de Araripe Júnior, v2**: 1888-1894. Rio de Janeiro: Casa Rui Barbosa, 1960. Disponível em: <
<http://rubi.casaruibarbosa.gov.br:8080/handle/fcrb/328> >. Acesso em: 27 out. 2021.

Os Brilhantes In: **O Pão da padaria espiritual**, anno II, num. 28, Fortaleza, 15 de Novembro de 1895. Disponível em: <
http://memoria.bn.br/pdf/706965/per706965_1895_00028.pdf> Acesso em: 01 fev. 2022

RODRIGUES, R. N. **As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2011.

TEÓFILO, R. **Os Brilhantes**. 3. ed. Fortaleza: Typografia Minerva de Fortaleza, 1972.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, M. C. F. de, **Adolfo Caminha e Rodolfo Teófilo: A Cidade e o Campo na Literatura Naturalista Cearense**. 2002. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza. Disponível em: <
<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/47659> >, Acesso em 27/10/2021.

ALMEIDA, G. A. **A Fome: um romance do naturalismo?**. 2007. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza. Disponível em: <
<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/3441> >, acesso em: 27/10/2021.

ALVAREZ, M. C. O homem delinqüente e o social naturalizado: apontamentos para uma história da criminologia no Brasil. **Teoria & Pesquisa**, São Carlos, SP, n. 47, p.71-92, dez. 2005. Disponível em:
 <<http://www.teoriaepesquisa.ufscar.br/index.php/tp/article/view/45>>. Acesso em: 18 ago. 2019.

ALVAREZ, M. C. **Bacharéis, criminologistas e juristas**: saber jurídico e nova escola penal no Brasil (1889-1930). 1996. 306 f. Tese (Doutorado) - Curso de Sociologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996. Disponível em: https://www.academia.edu/11637979/Bachar%C3%A9is_Criminologistas_e_Juristas_saber_jur%C3%ADdico_e_nova_escola_penal_no_Brasil_1889_1930. Acesso em: 23 mar. 2022.

AZEVEDO, S. de. **Literatura Cearense**. Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1976

BACZKO, B. A imaginação social In: LEACH, E. et Alii. **Anthropos-Homem**. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985, p. 296-332.

BRITO, L.; MARTINS, R. A. F. A consolidação do campo literário cearense e do público leitor em fins do século XIX: o caso da padaria espiritual e outros grupos de homens de letras. **Patrimônio e Memória**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 425-443, jan./jun. 2018. Disponível em: < <https://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/754> >. Acesso em: 27 out. 2021.

BRESCIANI, M. S. M. **Londres e Paris no século XIX**: o espetáculo da pobreza. São Paulo: Brasiliense, 1982.

CÂNDIDO, T. A. P. **Proletários das secas**: arranjos e desarranjos nas fronteiras do trabalho (1877-1919). 2014. 354 f. Tese (Doutorado) - Curso de História Social, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/8993>. Acesso em: 07 fev. 2022.

CHARLOT, M.; MARX, R. (Org.). **Londres, 1851-1901**: a era vitoriana ou o triunfo das desigualdades. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

CORRÊA, M. **As ilusões da liberdade**: a escola Nina Rodrigues e a antropologia no Brasil. 2. ed. Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco, 2001.

FERRERAS, N. O. **Bandoleiros, cangaceiros e matreiros**: revisão sobre o banditismo social na América Latina. Revista de História. São Paulo, n. 22, 2003.

_____. **Facundo no sertão**: Gustavo Barroso e o cangaceirismo. História & Perspectiva. Uberlândia-MG, n.29/30, 2004, p.159-176.

FRANÇA, J.; SENA, M. O Gótico-Naturalismo em Rodolfo Teófilo. **Soletras**, Rio de Janeiro, n. 30, p.23-38, dez. 2015. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.12957/soletras.2015.19568>>. Acesso em: 18 ago. 2019.

FONSECA, J. M. **Raça, natureza e sociedade**: o pensamento evolucionista em Fortaleza na década de 1880. 2015. 166 f. Dissertação (mestrado) – Curso de História, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.

GAY, P. **O cultivo do ódio**. São Paulo, Companhia das Letras, 2001. (A experiência burguesa da rainha Vitória a Freud).

GRUNER, C. **Paixões torpes, ambições sórdidas**: controle social, cultura e sensibilidade moderna em Curitiba, fins do século XIX e início do XX. 2012. 341 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012. Cap. 2. Disponível em: <<http://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/28114/R - T - CLOVIS GRUNER.pdf?sequence=1See%20More>>. Acesso em: 07 ago. 2017.

HERMAN, A. As linguagens da decadência. In: HERMAN, A. **A idéia da Decadência na História Ocidental**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

IRFFI, A. S. R. P. C. **O Cabra do Cariri Cearense**: a invenção de um conceito oitocentista. 2015. 354 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/25250>. Acesso em: 23 mar. 2022.

ISER, W. **O Fictício e o Imaginário**: perspectivas de uma antropologia literária. Rio de Janeiro: Eduerj, 1996.

KALIFA, D. **Os Bas-Fonds**: história de um imaginário. São Paulo: Edusp, 2013.

LIMA, V. O. Revoltas dos Quebra-Quilos: Levantes contra a imposição do Sistema Métrico Decimal. In: XV Encontro Regional de História da ANPUH-RIO. 2012. São Gonçalo, RJ. **Anais...** São Gonçalo, RJ. Disponível em: <http://www.encontro2012.rj.anpuh.org/resources/anais/15/1338335004_ARQUIVO_ANPUHRevoltas-Textofinal.pdf>. Acesso em: 08 jul. 2020.

MAIOR, A. S. **Quebra-Quilos**: lutas sociais no outono do império. São Paulo: Editora Nacional, 1926. v. 366 (Brasiliana).

MARQUES, R. de A. **A nação vai à província**: do romantismo ao modernismo no Ceará. 2015. 173 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/36546>. Acesso em: 08 mar. 2022.

MELLO, F. P. de. **Guerreiros do sol**: violência e banditismo no Nordeste do Brasil. 5ª ed. São Paulo: A Girafa, 2011.

MENDES, L. Vida Literária em o pão da padaria espiritual, Fortaleza, 1892-1896. **Revista Interfaces**, Guarapuava, Pr, v. 2, n. 17, p. 62-74, jul./dez. 2012. Disponível em: < <https://revistas.ufrj.br/index.php/interfaces/article/download/30004/16938> >. Acesso em: 27 out. 2021.

MENDONÇA, E. G. de. **Literatura, História e Ciência no século XIX**: a visão naturalista de Rodolfo Teófilo sobre o povo cearense. 2020. 163 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História e Letras, Universidade Estadual do Ceará, Quixadá, 2020. Disponível em: <http://www.uece.br/mihl/wp-content/uploads/sites/66/2021/05/dissertacaoerikagoncalvesdemendonca.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2022.

MONTEIRO, R. F. A ciência adentrando o sertão do Ceará. **Revista Eletrônica de História**. Teresina, n.1, v.1, jun. 2011, p.110-128, disponível em: < <https://revistas.ufpi.br/index.php/contraponto/article/view/3712> > Acesso em 21/06/2020.

NEVES, F. de C. **A multidão e a história**: saques e outras ações de massa no Ceará. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

_____. Curral dos Bárbaros: os Campos de Concentração no Ceará (1915 e 1932). **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 15, n. 29, p. 93-122, 1995. Disponível em: https://www.anpuh.org/arquivo/download?ID_ARQUIVO=3775. Acesso em: 10 fev. 2022.

_____. **Estranhos na belle époque**: a multidão como sujeito político (Fortaleza, 1877-1915). *Trajeto* Revista de História UFC, Fortaleza, v. 3, n. 6, p. 113-138, 2005.

_____. O nordeste e a historiografia brasileira. **Ponta de Lança: Revista Eletrônica de História, Memória & Cultura**, v. 6, n. 10, p. 6-24, 31 out. 2012.

NEVES, M. de S. Os cenários da República: O Brasil na virada do século XIX para o século XX. In: FERREIRA, J.; DELGADO, L. de A. N. **O Brasil Republicano**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2018. p. 13-44.

PASSOS, A. A. dos. **Pensamento em combate**: Tobias Barreto na aurora da República (1869-1889). 2016. 231 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016. Disponível em: <http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/5764>. Acesso em: 03 maio 2021.

PESAVENTO, S. J. História & literatura: uma velha-nova história. **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**: [Online], 08 jan. 2006. Disponível em: < <https://doi.org/10.4000/nuevomundo.1560> > Acesso em: 16 ago. 2021.

_____. **O imaginário da Cidade**: visões literárias do urbano. 2. ed. Porto Alegre: Editora da Universidade/Ufrgs, 1999.

PINHEIRO, C. R. **Rodolfo Teófilo Polemista**: a crítica polêmica como estratégia de glorificação literária. 2019. 333 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2019. Disponível em: < <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/41357> > Acesso em: 14 abr. 2021.

RAMOS, F. R. L. Passado sedutor: a história do Ceará entre o fato e a fábula. In: RIOS, K. S.; FURTADO FILHO, J. E. (orgs.). **Em Tempo: História, Memória, Educação**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2008.

RANCIÈRE, J. A partilha do sensível: estética e política. São Paulo: Editora 34, 2005.

RIBEIRO, J. L. Roteiro do Volta Grande pelos sertões do Brasil - séculos XIX e XX In: FONTELES NETO, F. L.; BRETAS, M. L.; FLORES, M. F. da C. T. (org.). **História do Banditismo no Brasil**: novos espaços, novas abordagens. Santa Maria: Editora Ufsm, 2019. p. 205- 232

RICOEUR, P. O entrecruzamento entre História e ficção. In: RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa**: tomo III. Campinas-Sp: Papirus Editora, 1997.

RODRIGUES, M. M. Sou um historiador e não um fornecedor de imundícies! medicina experimental e hereditariedade no naturalismo de Émile Zola. **Revista de**

História Regional, v. 14, n. 2, p. 29-52, 21 ago. 2010. Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Disponível em:
<https://revistas2.uepg.br/index.php/rhr/article/view/2351>. Acesso em: 30 nov. 2021.

SAMARA, E. M.; SOUSA, J. W. F. **Morar e viver no nordeste do Brasil**: Fortaleza, séc. XIX. Trajetos Revista de História UFC, Fortaleza, v. 4, n. 7, p. 41-67, 2006. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/20000>>, acesso em: 15/12/2020.

SCHWARCZ, L. M. (coord.) **História do Brasil nação (1808-2010)**, vol. 3: A abertura para o mundo (1889-1930). Rio de Janeiro, Objetiva, 2012.

_____. **O espetáculo das raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SECRETO, M. V. A seca de 1877-1879 no Império do Brasil: dos ensinamentos do senador Pompeu aos de André Rebouças: trabalhadores e mercado. In: **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 1, p.33-51, jan.-mar. 2020. Disponível em: < <https://doi.org/10.1590/S0104-59702020000100003> >, acesso em: 27/10/2021.

SELIGMANN-SILVA, M. Ficção e imagem, verdade e história: sobre a poética dos rastros. In: GERALDO, Sheila Cabo (org.). **Fronteiras**: arte, imagem e história. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2014, p.91-124.

SEVCENKO, N. (org.). **História da vida privada no Brasil**: volume 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. **Literatura como Missão**: tensões sociais e criação cultural na primeira república. 4. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.

SILVA, W. B. da. "Grupos de criminosos infestam aquela província": banditismo em Pernambuco na segunda metade do século XIX. In: FONTELES NETO, F. L.; BRETAS, M. L.; FLORES, M. F. da C. T. (org.). **História do Banditismo no Brasil**: novos espaços, novas abordagens. Santa Maria: Editora Ufsm, 2019.

SOAREZ, E. G. de. Rodolpho Teóphilo: o polivalente polêmico. **Revista do Instituto do Ceará**, Fortaleza, v. 123, p. 197-237, 2009. Disponível em: < https://www.institutodoceara.org.br/revista/Rev-apresentacao/RevPorAno/2009/08_Art_RodolfoTheophilo.pdf >Acesso em: 03 maio 2021.

SOUSA JUNIOR, H. B.; ALENCAR, M. C. F. Trajetórias e formação de Rodolfo Teófilo. In: **II Jornada Interdisciplinar em História e Letras**, 2017, Quixadá, CE. Anais. Disponível em: < http://uece.br/eventos/jihlfeclesc/anais/trabalhos_completos/363-41902-07112017-192315.pdf >, Acesso em: 10/08/2020.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

VALE NETO, I. F. do. **Batalhas da memória**: a escrita militante de Rodolfo Teófilo. 2006. 217 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/6130>. Acesso em: 23 mar. 2022.

VENTURA, R. **Estilo Tropical**: história cultural e polêmicas literárias no Brasil 1870-1914. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

VICENTINI, A. Regionalismo literário e sentidos do sertão. In: **Sociedade e Cultura**, Goiânia, GO, v. 10, n.2, Jul./Dez. 2007, p.187-196.

WHITE, H. As Ficções da Representação Factual. In: WHITE, H. **Trópicos do discurso**: ensaios sobre a crítica da cultura. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 1994. Cap. 5. p. 137-151.